
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO INSTITUTO DE
BIOCIÊNCIAS DE RIO CLARO/SP**

**O CICLO ALFABETIZAÇÃO: MODALIDADES DE INTERAÇÃO DE
PROFESSORES E ALUNOS NO PROCESSO PEDAGÓGICO**

Adriana Aparecida Barnabé Possatti

Dissertação apresentada
ao Programa de Pós-
graduação em Educação do
Instituto de Biociências de
Rio Claro – Unesp, como
parte dos requisitos para
obtenção do título de
Mestre em Educação

Rio Claro
2016

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO INSTITUTO DE
BIOCIÊNCIAS DE RIO CLARO/SP**

**O CICLO ALFABETIZAÇÃO: MODALIDADES DE INTERAÇÃO DE
PROFESSORES E ALUNOS NO PROCESSO PEDAGÓGICO**

Adriana Aparecida Barnabé Possatti

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cecília de Oliveira Micotti

Dissertação apresentada
ao Programa de Pós-
graduação em Educação do
Instituto de Biociências de
Rio Claro – Unesp, como
parte dos requisitos para
obtenção do título de
Mestre em Educação

Rio Claro
2016

372.41 Possatti, Adriana Aparecida Barnabé
P856c O ciclo alfabetização : modalidades de interação de
professores e alunos no processo pedagógico / Adriana
Aparecida Barnabé Possatti. - Rio Claro, 2016
205 f. : il., figs., tabs., quadros

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista,
Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientadora: Maria Cecília de Oliveira Micotti

1. Alfabetização. 2. Práticas pedagógicas. 3. Interação
com a leitura e a escrita. I. Título.

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: O CICLO ALFABETIZAÇÃO: MODALIDADES DE INTERAÇÃO DE PROFESSORES E ALUNOS NO PROCESSO PEDAGÓGICO.

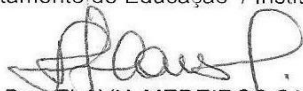
AUTORA: ADRIANA APARECIDA BARNABÉ POSSATTI

ORIENTADORA: MARIA CECILIA DE O MICOTTI

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em EDUCAÇÃO, pela Comissão Examinadora:



Profa. Dra. MARIA CECILIA DE O MICOTTI
Departamento de Educação / Instituto de Biociências de Rio Claro



Profa. Dra. FLAVIA MEDEIROS SARTI
Departamento de Educação / Instituto de Biociências de Rio Claro



Profa. Dra. LUCIANA MARIA GIOVANNI
Didática / Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - São Paulo/SP

Rio Claro, 09 de setembro de 2016

Às crianças brasileiras,
em especial àquelas que têm
o conhecimento cerceado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelas diferentes formas que se apresentou à mim.

À minha Avó D. Moça (in memorian), exemplo de alteridade e altruísmo, sensibilidade, sabedoria, discernimento, bom senso, resiliência, autonomia, equilíbrio, simplicidade e consistência. Aprendi com ela a “ler nas entrelinhas”, a atribuir significado ao invisível, saber o quê, o porquê e o como fazer. Experimentei com ela minhas primeiras descobertas científicas por meio da observação da natureza.

Aos meus pais, Luiza e Deusmar, MINHA ETERNA GRATIDÃO pelos ensinamentos primeiros, pautados na dignidade, integridade e ética, na cooperação e na solidariedade com os meus pares desde a mais tenra idade. Pela responsabilidade em construir realmente um lar, uma família. Pelas horas instigantes que passamos juntos a aprender a história de meus antepassados. Pelo incentivo e crédito dispensados aos filhos com o único objetivo: possibilitar estudos acadêmicos.

Aos meus irmãos, Paulo José e Ana Cecília, que na cumplicidade fraterna e interações diárias construí junto deles uma personalidade íntegra e uma vida afável.

Aos meus tios, Maria José, Adeleusa, Cristiano, Tianinha, Cecília, Cícera, Regina, Vicente e Manoel, anjos com os quais tive o privilégio de conviver. Meu respeito e gratidão pelo afeto dedicado a mim desde a primeira infância, pelo aprendizado de minha cultura e de meus antepassados. Com eles ampliei a compreensão de mundo, fui instigada a valorizar o saberes que regem a vida. Aprendi com cada um a reconhecer características pessoais que nos tornam (des)humanos.

À Gercy (in memorian), minha segunda mãe, amiga certa para horas incertas, meu respeito e admiração, por seu acolhimento e companheirismo com o qual me recebeu em sua vida desde os meus cinco anos até o final de sua missão neste mundo em 2014. Aprendi com ela a “estar viva”; a ver beleza onde ninguém via; a inventar-me e reinventar-me a todo instante...MINHA ETERNA GRATIDÃO. E o meu agradecimento a Deus, pois sem ela minha vida não teria sido a mesma...

Ao meu esposo, Marcelo, por sua parceria nesta trajetória que decidimos construir juntos. Por sua generosidade diante de minhas escolhas pessoal e profissional. Pela sua capacidade de análise de vida e pelos diálogos infinitos que

temos, por meio dos quais tornamo-nos mais cúmplices. Pelos inúmeros questionamentos que possibilita a mim... MEU MUITÍSSIMO OBRIGADA!!! Acredito que “nossos destinos foram traçados na maternidade”.

Aos meus sogros, por acolherem-me em suas vidas. Pelo zelo que tiveram por mim durante todos estes anos. E olha que já vai para 24 anos...

Aos meus sobrinhos, Marcos Vinícius, Matheus, Ana Júlia e Maria Júlia alegria de minha vida. A curiosidade de todos, inerente à infância, faz de mim viva, uma aprendiz no momento em que interagimos. Com eles aprendi que “nos tornamos responsáveis por aquilo que cativamos”.

À minha orientadora, Prof^a. Dra. Maria Cecília de Oliveira Micotti, por seu compromisso junto à educação deste país, o qual reverencio. Por sua sabedoria, característica que lhe é peculiar e sua competência, por isso confiei seus ensinamentos e orientações, com o objetivo de construir uma formação profissional sólida e ética. E pela amizade construída. MINHA ETERNA GRATIDÃO!!

Ao Grupo de Pesquisa em Alfabetização e Projeto “Raios de Sol” com o qual aprendi desde o ano de 2006, por meio da interação, diversos conceitos científicos e lições de vida. Às amizades construídas (em ordem alfabética): Alessandra P., Ângela D., Cristiane A., Débora S., Janaína S., Lucilene B., Lilian S., Lígia B., Márcia e Maria Helena S., Renata C., Rosemary G., Vanessa A., Vanessa S.

Às amigas (em ordem alfabética) Fabiana Guilherme, Karin Casarin e Rose Archangelo pela amizade sincera, pautada na confiança e no amadurecimento (pessoal, acadêmico e profissional) de todas nós.

Às Profas. Dras. Flávia Medeiros Sarti e Luciana Maria Giovanni pelo aceite em analisar a pesquisa e pelas contribuições e interações realizadas na ocasião do Exame de Qualificação.

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Educação – Unesp/Rio Claro, em especial à Flavia Medeiros Sarti, pelo acolhimento e interação durante o estágio de docência; à Rosa Maria Feiteiro Cavalari, ao Roberto Tadeu Iaochite, à Débora Cristina Fonseca, ao José Euzébio de Oliveira Souza Aragão, ao Jorge Luís Mialhe, à Vera Teresa Valdemarin, ao César Donizete Pereira Leite, à Márcia Reami Pechula e à Joyce Mary Adam de Paula e Silva.

À Professora Elisabete Burke pelos ensinamentos da Língua Portuguesa, pela sensibilidade em perceber minhas limitações, pelo compromisso e serenidade que conduz o ensino e pela amizade construída.

À Elisa pela competência e dedicação em transcrever toda a coleta de dados. Pelos diálogos estabelecidos e pelos questionamentos que me fazia durante este trabalho, os quais colaboraram na condução do meu olhar para a escrita desta dissertação.

À todos os meus alunos e alunas que tive o privilégio em conhecer, conviver e trabalhar desde o ano de 1995 com os quais aprimorei minha visão de mundo, ampliei e aprimorei o meu saber docente. Aprendi com a diversidade a entender as personalidades humanas. Sem dúvida, eles e elas foram responsáveis pela profissional que me tornei e pelo tema desta pesquisa. E, sem sombra de dúvida, “EU FICO COM AS RESPOSTAS DAS CRIANÇAS”...

Às Professoras, alunas e alunos, participantes desta pesquisa, bem como às Secretarias Municipais de Educação e Equipe Gestora das escolas, pelo aceite em fazer parte da pesquisa.

Aos funcionários do Departamento de Educação, Biblioteca, STAEPE, sempre atenciosos. Em especial à Elaine do STA (Seção Técnica Acadêmica), à Ivana e Pedro Henrique da Seção de Pós-graduação pela competência que desenvolvem o seu trabalho.

**TU, MÍSTICO, VÊS UMA SIGNIFICAÇÃO
EM TODAS AS COUSAS**

Tu, místico, vês uma significação em todas as coisas.

Para ti tudo tem um significado velado.

Há uma coisa oculta em cada coisa que vês.

O que vês, vê-lo sempre para veres outra coisa.

Para mim, graças a ter olhos só para ver,

Eu vejo ausência de significação em todas as coisas;

Vejo-o e amo-me, porque ser uma coisa é não significar nada.

Ser uma coisa é não ser suscetível de interpretação.

(PESSOA, 2008, p. 137)

RESUMO

POSSATTI, Adriana Aparecida Barnabé. **O ciclo alfabetização: modalidades de interação de professores e alunos no processo pedagógico.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2016.

Esta dissertação compreende estudos teóricos e investigação qualitativa e tem por objetivos analisar e comparar as interações de professores e seus alunos no Ciclo Alfabetização. Com essa comparação, pretende-se identificar o enfoque dado nas práticas e nos discursos ao significado do objeto de estudo para os alunos das escolas com diferentes Índices de Desenvolvimento da Educação Básica 2013 (IDEB). A pesquisa foi realizada em duas escolas públicas do Ensino Fundamental localizadas em cidade do interior paulista, uma com o maior e outra com o menor IDEB/2013. Participaram desse processo 04 classes de 1º ano, 03 de 2º ano e 04 de 3º ano, num total de 246 alunos e 11 docentes. A coleta de dados foi feita mediante entrevistas semiestruturadas com os professores e observações de aulas registradas em diário de campo, essa atividade teve a duração de cinco dias consecutivos, totalizando duzentos e trinta e uma horas. Os dados obtidos foram examinados com uma adaptação para a alfabetização do sistema de referência para análise das interações e da produção de significados em aulas proposto por Mortimer e Scott. Assim, foram identificadas as semelhanças e diferenças entre as interações relativas à escrita, como objeto de ensino e aprendizado. Isso permitiu configurar 04 modalidades de interações: 1. Ausência de diálogos com os alunos. 2. Ocorrência de diálogos com alguns alunos sobre o código alfabético. 3. Diálogos focados no código alfabético com todos os alunos. 4. Ocorrência de diálogos com todos os alunos focados nas interações desses com os textos. Os dados referentes à escola com menor IDEB concentram-se nas modalidades 1 e 2 e os de maior IDEB, distribuem-se nas modalidades 1-2 (03 docentes) e 3-4 (03 docentes). As ações docentes correspondentes às modalidades 1 e 2 consistem, com algumas diferenças, em práticas pedagógicas centradas no professor, ao passo que as modalidades 3 e 4 consistem em práticas que acolhem com maior ou menor ênfase as perspectivas dos alunos em relação ao objeto de estudo – escrita. A comparação dos resultados obtidos considerando-se o IDEB revela diferenças favoráveis às escolas com maior IDEB.

Palavras-chave: Alfabetização. Práticas pedagógicas. Interação com a leitura e a escrita.

ABSTRACT

This dissertation consists of theoretical studies and qualitative research. It aims to analyze and compare the interactions between teachers and their students in Literacy Cycle. This comparison intends to identify the approach given on practices and discourses to the meaning of the object of study for students from schools with different Development Index of Basic Education 2013 (IDEB). The study was developed in two public elementary schools located in the countryside of São Paulo, one with the highest and the other with the lowest IDEB/2013. Four first grade classes, three second grade classes and four third grades classes of elementary school participated in this process, involving a total of 246 students and 11 teachers. Data were collected through semi-structured interviews with teachers and classroom observations that were recorded in a field diary. It lasted five consecutive days, totaling 231 hours. The collected data have been examined with an adjustment for the literacy of the framework developed by Mortimer and Scott to analyze interactions and meaning productions in classroom. Thereby, similarities and differences have been identified among the interactions related to writing as a teaching and learning object. It has allowed us to set four interaction modalities: 1. A lack of dialogues with the students. 2. The occurrence of dialogues with some students about the alphabetic code. 3. Dialogues focusing on the alphabetic code with all the students. 4. The occurrence of dialogues with all the students focusing on their interactions with texts. Data related to the school with the lowest IDEB are concentrated on modalities 1 and 2 and the ones related to the school with the highest IDEB are distributed on modalities 1-2 (03 teachers) and 3-4 (03 teachers). Teachers actions related to modalities 1 and 2 consist, with some differences, in teacher-centered pedagogical practices while the modalities 3 and 4 consist in practices that admit with greater or less emphasis students' perspectives in relation to the object of study - writing. The comparison of the results obtained considering IDEB shows positive differences to the school with higher IDEB.

Keywords: Literacy. Pedagogical practices. Reading and writing interaction.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – A estrutura analítica: uma ferramenta para analisar as interações e a produção de significados em salas de aula	26
Quadro 2 – Foco de ensino: Intenções do professor e conteúdo.....	27
Quadro 3 – Abordagem Comunicativa	28
Quadro 4 – Ações: Padrões de interação e intervenções do professor.....	30
Quadro 5 – Foco de ensino: Intenções da professora e conteúdo	37
Quadro 6 – Abordagem Comunicativa	38
Quadro 7 – Ações: Padrões de interação e intervenções da professora.....	39
Quadro 8a – Turmas participantes da pesquisa – Escola I – com menor IDEB 2013	42
Quadro 8b – Turmas participantes da pesquisa – Escola II – com maior IDEB 2013	42
Quadro 9a – Perfil profissional das docentes.....	44
Quadro 9b – Perfil profissional das docentes	45
Quadro 10 – Concepções de leitura e escrita identificadas nas observações das aulas	49
Quadro 11a – Focos de ensino.....	51
Quadro 11b – Abordagem Comunicativa	52
Quadro 11c – Ações.....	53
Quadro 12 – Conceitos de ensino e aprendizagem	62
Quadro 13a – Conceitos de leitura	63
Quadro 13b – Conceitos de leitura	64
Quadro 14 – Conceitos de escrita	65
Quadro 15 – Método ou teoria de ensino atribuído à prática de pedagógica	66
Quadro 16 – Atitudes dos alunos referentes às atividades escolares	67
Quadro 17 – Atitudes importantes para o aprendizado escolar na visão docente	68
Quadro 18 – Participação em aula de todos os alunos	69
Quadro 19 – As interações estabelecidas durante a aula na visão das docentes	70
Quadro 20 – Dificuldades no trabalho com o Ciclo Alfabetização.....	71
Quadro 21 – Estrutura física e material didático disponível para as docentes	72
Quadro 22a – Conceitos de ensino e aprendizagem	73
Quadro 22b – Conceitos de ensino e aprendizagem	74

Quadro 23a – Conceitos de leitura	75
Quadro 23b – Conceitos de leitura	76
Quadro 24a – Conceitos de escrita	77
Quadro 24b – Conceitos de escrita	78
Quadro 25 – Método ou teoria de ensino atribuído à prática pedagógica	79
Quadro 26 – Atitudes dos alunos referentes às atividades escolares	80
Quadro 27 – Atitudes importantes para o aprendizado escolar na visão docente	81
Quadro 28 – Participação em aula de todos os alunos	82
Quadro 29 – As interações estabelecidas durante a aula na visão das docentes	83
Quadro 30 – Dificuldades no trabalho com o Ciclo Alfabetização	84
Quadro 31 – Estrutura física e material didático disponível para as docentes	85
Quadro 32 – Resultado do enfoque dado aos discursos e às práticas docentes	86

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 ALFABETIZAÇÃO: PROBLEMA EDUCACIONAL	16
2.1 O enfoque epistemológico do ensino e aprendizado	21
2.1.1 <i>Focos de ensino: Intenções do professor e o conteúdo do discurso</i>	26
2.1.2 <i>Abordagem Comunicativa</i>	28
2.1.3 <i>Ações: padrões de interação e intervenções do professor</i>	29
3 A PESQUISA	32
3.1 Objetivos	32
3.2 Procedimentos Metodológicos	33
3.3 Instrumentos para a coleta de dados	35
3.4 Instrumentos utilizados para análise dos dados	36
4 DADOS OBTIDOS E DISCUSSÃO	40
4.1 Participantes da pesquisa	40
4.2 Descrição do ambiente físico das salas de aula	46
4.3 Dinâmica das aulas no ambiente	47
4.4 As Concepções de leitura e escrita e ações docentes	48
4.5 Modalidades de interação e ações docentes	50
4.5.1 <i>Modalidade 1: ausência de diálogos com os alunos</i>	54
4.5.2 <i>Modalidade 2: ocorrência de diálogos com alguns alunos sobre o código alfabético</i>	56
4.5.3 <i>Modalidade 3: diálogos focados no código alfabético com todos os alunos</i>	57
4.5.4 <i>Modalidade 4: ocorrência de diálogos com todos os alunos focados nas interações com os textos</i>	59
4.6 Resultado e análise das entrevistas com as docentes	61
4.7 Modalidades de interação e IDEB	89
4.8 Discussão dos resultados	91
5 CONCLUSÃO	96
6 DECORRÊNCIAS	100
REFERÊNCIAS	102
APÊNDICE A – Pesquisa Piloto (escola com menor e com maior IDEB)	106
APÊNDICE B - Professoras da Escola I - Menor IDEB	137
APÊNDICE C - Professoras da Escola II - Maior IDEB	175

1 INTRODUÇÃO

O interesse em saber como se dá a apropriação do conhecimento pelo ser humano, mediado pelas interações sociais na educação escolar, é o que instigou a pesquisadora a realizar este estudo que integra esta dissertação.

Ao longo de sua atuação no magistério, em 1995, primeiramente, na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) com alunos de quatro a doze anos, com déficit intelectual. Déficit esse que em muitos casos era confundido com problemas comportamentais – queixa maior dos profissionais que atendiam esses alunos, tendo em vista que, em sua maioria, não apresentavam um diagnóstico preciso.

Em 1999, iniciou o trabalho pedagógico com alunos de Classe Especial da Rede Estadual de Ensino, com idade entre oito e catorze anos. No ano de 2003, ao iniciar o trabalho com os alunos do ensino regular na Rede Municipal de Ensino e no decorrer de oito anos de atuação, houve a percepção de que um número considerável de alunos também apresentavam maiores dificuldades comportamental que intelectual.

Deste modo, o trabalho em realidades diferentes apontou para o indício de que a maior dificuldade referia-se a eficácia do processo de alfabetização. Evidenciou também as dificuldades em tornar o ensino e a aprendizagem eficazes, o que pressupunha saber docente teoricamente fundamentado e que contribuísse com a compreensão do processo de apropriação pelo aluno do objeto do conhecimento – a escrita – e possibilitasse o desenvolvimento de atividades com significado para as crianças, o que não ocorre no ensino tradicional, haja vista que todos os alunos atendidos na Classe Especial eram oriundos de classes de 2ª a 4ª série, nas quais o trabalho desenvolvido pautava-se em métodos tradicionais de ensino (silábico ou global).

Os questionamentos sobre a ocorrência da não alfabetização por alunos que avançam escolaridade e a concluem como analfabetos funcionais fez com que buscasse um curso específico nessa área, pois observava pouquíssima diferença entre os alunos atendidos na classe especial e os da rede regular de ensino. Nos anos de 2003 a 2005, realizou a Especialização em Alfabetização, na Unesp de Rio Claro. A necessidade de aprofundar as reflexões sobre o assunto conduziu à

participação do Grupo de Pesquisa em Alfabetização e do Grupo de Estudos Projeto “Raios de Sol”, ligado à Rede Latino-americana para a Transformação da Formação Docente em Linguagem, desde o ano de 2006 coordenado Profa. Dra. Maria Cecília de Oliveira Micotti.

O tema desta pesquisa definiu-se após trabalho como professora coordenadora durante os anos de 2009 e 2010 momento em que se estabeleceu contato direto com as práticas pedagógicas de professores do Ensino Fundamental e da Educação Infantil. A experiência como professora coordenadora possibilitou maiores reflexões sobre as interações de professores/alunos que permeiam o processo de ensino e de aprendizagem.

O enfoque dos problemas da alfabetização no país, à luz dos resultados da pesquisa aqui apresentados e da ênfase atribuída por Mortimer e Scott (2003) ao processo de comunicação no decorrer das aulas, considerando as relações entre intenções docentes, o conteúdo que constitui o objeto de ensino e aprendizagem e as ações pedagógicas nas quais se inserem os padrões de interações suscitam algumas indagações: **1)** Como o professor encaminha as interações dos alunos com a leitura e a escrita durante as aulas? **2)** Em que consistem as interações do professor com os alunos e entre os próprios alunos nas atividades de leitura e escrita? **3)** Que relações estabelecem entre as intenções dos professores (concepções pedagógicas e seus discursos) e as suas ações durante as aulas?

Diante da natureza dessas questões, optou-se por estudos teóricos e pesquisa de campo para desenvolver a dissertação.

O segundo capítulo trata da revisão bibliográfica acerca do cenário educacional referente ao baixo desempenho em leitura e escrita de grande parte dos estudantes brasileiros. Trata também os enfoques epistemológicos do ensino e aprendizado. São descritos de modo sucinto as concepções epistemológicas implícitas na pedagogia diretiva, na pedagogia não diretiva e na pedagogia construtivista.

O terceiro capítulo relata a pesquisa: objetivos, procedimentos metodológicos, instrumentos para a coleta de dados e para a análise de dados.

A apresentação dos dados obtidos e discussão constituem o quarto capítulo, bem como os participantes da pesquisa; a descrição do ambiente físico das salas de aulas; a dinâmica das aulas; as concepções de leitura e escrita e ações docentes;

modalidades de interação e ações docentes; resultados das entrevistas com as professoras; modalidades de interação e IDEB e discussão dos resultados.

Finalmente, são apresentadas as conclusões da pesquisa realizada e as decorrências pedagógicas dos estudos teóricos.

2 ALFABETIZAÇÃO: PROBLEMA EDUCACIONAL

Para análise do cenário educacional brasileiro a partir do final da década de 1940 até os dias atuais, tendo em vista propostas e programas oficiais referentes à alfabetização, foram utilizadas as bases teóricas dos pesquisadores de renome nacional como Ferreira Jr. (2010); Micotti (1996, 1997, 2004, 2007, 2009) e Teixeira (1957).

A partir da análise desses teóricos é possível identificar que no Brasil a alfabetização tem sido alvo de muitos debates nos meios escolares, acadêmicos e políticos, sobretudo devido ao baixo desempenho em leitura e escrita de grande parte dos estudantes brasileiros.

Na visão de muitos pesquisadores, os resultados de avaliações de desempenho escolar calculados pelo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), Sistema de avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP) e Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) confirmam, com frequência, a fragilidade do ensino vigente, tanto no que se refere ao aprendizado inicial da leitura e da escrita, como no tocante às consequências desse aprendizado para a sua utilização fora da escola, na vida em sociedade.

Ao longo da história, pontua Micotti (1997, p. 12), os insucessos dos estudantes em leitura e escrita ligam-se a vários aspectos da educação no país. Com a crescente democratização do acesso à educação escolar, os integrantes das classes populares que antes ficavam fora da escola, passaram a frequentá-la. Esse processo exigiu do ensino uma adequação a essa nova clientela, o que, na realidade, não ocorreu a contento, aumentando os índices de repetência e evasão. Esses fenômenos foram amenizados a partir da implantação da progressão continuada com a instituição da Lei 9394/96, nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que substituiu o ensino seriado por ciclos de aprendizagem.

Anísio Teixeira, na obra “Educação não é privilégio” (1957, p. 11), comenta uma proposta voltada à pedagogia moderna centrada no aluno, no ensino ativo e participante com o objetivo de reconstruir as bases da educação no Brasil. Essa proposta para a educação escolar traça um plano de ação que visa a formação comum do homem e a sua posterior especialização para os diferentes quadros de

ocupações em uma sociedade moderna e democrática e que não se concretizou. (...) “os modelos antigos eram resistentes e todo o século dezenove foi uma luta por técnicas e processos novos que permitissem a plena realização dos ideais escolares da democracia”. (TEIXEIRA, p. 12).

As tentativas em reduzir o analfabetismo perduraram por todo esse período e apresentaram, em meados do século XX, 51% de analfabetos marcados por um modelo de educação excludente e elitista.

No início do século XX, as reformas curriculares objetivaram uma escola pública de ensino para todos e a erradicação do analfabetismo, iniciando assim um processo para deixar de ser uma ‘sociedade sem escolas’ para as classes populares. Mas somente na década de 1970 o movimento para a democratização do ensino se fortalece, esse momento é marcado pela mobilização da sociedade civil para o término da Ditadura Militar (1964-1985) o que permitiu às políticas públicas combaterem o analfabetismo, instituindo programas educacionais na tentativa de atender às expectativas sociais de uma nação mais alfabetizada. (FERREIRA JR. 2010, p. 87-104)

Sobre os programas oficiais referentes à alfabetização, Micotti afirma que:

As prescrições didáticas referentes a esses dispositivos legais divergem. Variam quanto aos aspectos do ensino que elas acentuam, as concepções pedagógicas que as fundamentam e até a forma em que são apresentadas aos professores. Algumas propostas se atêm ao trabalho em sala de aula, outras incluem medidas que afetam igualmente a organização do curso e da escola. (MICOTTI, 1997, p. 14)

Segundo Micotti (1997), os programas de 1949 para o Curso Primário (com duração de quatro anos) atribuem a alfabetização ao primeiro ano e apresentam de maneira detalhada o trabalho pedagógico a ser aplicado. Nesse programa os conceitos de leitura e escrita ressaltam o processo de compreensão do significado do que é lido.

O programa de 1969, para as escolas paulistas, analisado pela mesma autora, atribui às duas séries iniciais a tarefa de alfabetizar e não indica métodos de ensino. Deixa essa escolha a critério do professor. Estabelece um trabalho pedagógico pautado nas experiências escolares adquiridas na primeira e segunda série o que possibilita adequar o ritmo do ensino ao de assimilação dos alunos e a

redistribuição dos conteúdos programáticos que os professores consideravam extensos no programa de 1949.

Em 1971 é instituída a Lei 5692 que prevê o ensino de 1º Grau com oito séries e integram os cursos primário e ginásial para o público da faixa etária entre os sete e os catorze anos. Para implementação dessa lei, no Estado de São Paulo, foram apresentados os Guias Curriculares. Os mesmos não indicam métodos, mas apresentam como característica o ensino tradicional, adotando as cartilhas para serem utilizadas nas aulas, as quais orientam a prática da silabação para serem utilizadas nas aulas.

Com a aprovação da LDB 9394/96 e a prescrição emitida na Carta Constitucional de 1988 laçam a obrigatoriedade e qualidade do ensino. Assim foram elaborados os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) e Estaduais (a exemplo de São Paulo e Rio Grande do Sul). E com vistas à ampliação do Ensino Fundamental de oito para nove anos, sinalizada na LDB 9394/96, é aprovada a Lei 11.274 em 06 de fevereiro de 2006 que alterou o artigo 32 da LDB, com a inclusão das crianças de seis anos de idade.

Na tentativa de amenizar o baixo desempenho em leitura e escrita apresentado pelos alunos das escolas públicas, os Governos Federal, do Distrito Federal, dos Estados e Municípios assumem um compromisso formal para assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do Ensino Fundamental, assim institui o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa por meio da portaria nº 867, de 04 de julho de 2012.

Esse documento propõe que:

Aos oito anos de idade, as crianças precisam ter a compreensão do funcionamento do sistema de escrita; o domínio das correspondências grafofônicas, mesmo que dominem poucas convenções ortográficas irregulares e poucas regularidades que exijam conhecimentos morfológicos mais complexos; a fluência de leitura e o domínio de estratégias de compreensão e de produção de textos escritos. (BRASIL, 2012)

Para isso, orientam que os profissionais envolvidos na alfabetização devam seguir quatro princípios centrais a serem considerados ao longo do desenvolvimento do trabalho pedagógico:

1. O sistema de Escrita Alfabética é complexo e exige um ensino sistemático e problematizador.

2. O desenvolvimento das capacidades de leitura e de produção de textos ocorre durante todo o processo de escolarização, mas deve ser iniciado logo no início da Educação Básica, garantindo acesso precoce a gêneros discursivos de circulação social e a situações de interação em que as crianças se reconheçam como protagonistas de suas próprias histórias.
3. Conhecimentos oriundos das diferentes áreas podem e devem ser apropriados pelas crianças, de modo que elas possam ouvir, falar, ler, escrever sobre temas diversos e agir na sociedade.
4. A ludicidade e o cuidado com as crianças são condições básicas nos processos de ensino e de aprendizagem. (BRASIL, 2012)

Preveem que a alfabetização:

[...] é, sem dúvida, uma das prioridades nacionais no contexto atual, pois o professor alfabetizador tem a função de auxiliar na formação para o bom exercício da cidadania. Para exercer sua função de forma plena é preciso ter clareza do que ensina e como ensina. Para isso, não basta ser um reproduzidor de métodos que objetivem apenas o domínio de um código linguístico. É preciso ter clareza sobre qual concepção de alfabetização está subjacente à sua prática. (BRASIL, 2012)

Essa breve descrição acerca da educação brasileira permite entender as medidas adotadas nos sistemas de ensino referentes à aprendizagem da leitura e da escrita. Mas, contradizendo as expectativas, o Brasil chegou ao final da primeira década do século XXI sem solucionar os problemas educacionais, em especial os que afetam os estudantes das camadas populares. Sobre o assunto, Micotti observa que:

[...] a maioria de jovens e crianças tem acesso à escola, mas há estudantes que não encontram o apoio necessário para aprender a ler e a escrever, problema que ganha hoje mais visibilidade com os resultados das avaliações que mostram níveis de desempenho em leitura e escrita incompatíveis com os estágios avançados de escolaridade dos avaliados, revelando o analfabetismo escolarizado. (MICOTTI, 2009, p. 26).

Nessa citação destacam-se o acesso e a permanência dos estudantes na escola, direitos assegurados pela LDB a qual apresenta em suas diretrizes o princípio e a finalidade da Educação Nacional:

O ensino será ministrado com base no seguinte princípio: princípio de igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola. (BRASIL, 1996, artigo 3º, capítulo I, p. 1).

Esse princípio direciona o Plano Nacional da Educação (PNE), atualizado e aprovado pela Lei 13005 em 25 de junho 2014 que tem por objetivo traçar planos e metas educacionais a serem alcançados em uma década. Nesse plano, o artigo 2º, capítulo III reafirma o princípio da educação nacional que propõe a “superação das

desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação”.

Mas como proporcionar aos alunos uma educação que realize esse objetivo tão complexo? Uma questão a ser analisada é a da alfabetização – ler e escrever são condições básicas para a inserção e participação do indivíduo na sociedade letrada. Compreender, comunicar e apropriar-se dos saberes construídos pela humanidade são conquistas necessárias à vida e ao exercício de cidadania. Para tanto, é preciso repensar a prática pedagógica, atribuindo um novo conceito à leitura e à escrita.

Ferreiro (1993, p. 40-41) afirma que as mudanças pedagógicas necessárias para enfrentar o problema da alfabetização não podem ser efetuadas apenas com a adoção de um novo método de ensino. Um método por si só não é capaz de criar conhecimento. É preciso ir além, modificando a visão empobrecida que se tem da língua escrita, como simples transcrição da língua oral; da criança, a qual é reduzida a um aprendiz que não possui conhecimento prévio nenhum e do professor, pois dele dependem as diferentes leituras e aplicações dos métodos.

Em tempo de baixo desempenho da leitura e da escrita, a discussão do assunto assenta-se, muitas vezes, na aplicabilidade de métodos de ensino. Micotti critica a indicação do construtivismo como “responsável pelos baixos índices de letramento da população escolar” e questiona a interpretação das práticas, realizadas nas aulas. Sobre o assunto a autora assinala:

Nos meios escolares, o nome construtivismo é atribuído a procedimentos diversos entre os quais incluem-se vários que do ponto de vista teórico não correspondem a essa concepção pedagógica. Hoje, segundo o senso comum, os procedimentos didáticos que se afastam dos padrões tradicionais são considerados construtivistas. Por outro lado, princípios pedagógicos de orientações diversas e até contraditórias misturam-se nas aulas. (MICOTTI, 2007, p.1-12).

Diante desse cenário de entraves na educação escolar, a formação de professores fica em evidência, sendo necessária uma análise crítica sobre o assunto. Neste período de mudanças, como interagem os professores com novas propostas de ensino e aprendizado? Micotti, numa pesquisa em 2004, entrevistou professores responsáveis pelo ensino nas séries iniciais da escola fundamental sobre o aprendizado relativo ao processo de alfabetização. Diante das perguntas sobre com quem haviam aprendido a alfabetizar, as respostas dos professores

indicaram que esse processo ocorre mais no âmbito da própria escola, com a reprodução de práticas alheias (principalmente de colegas de profissão mais experientes) e as respostas revelaram também “a valorização do próprio trabalho em sala de aula, para o desenvolvimento de seus saberes docentes sobre o processo de alfabetização” (MICOTTI, 2004, p.13).

No entanto, esse estudo revela que os professores realizam modificações em seu modo de ensinar, após o período inicial de aprendizagem com os colegas, por meio de interferências diversas: efeitos das práticas junto aos alunos; estabelecimento de relação do aprendizado das crianças com o seu trabalho; a consciência dos limites das próprias práticas e também pela busca de aportes teóricos para desenvolvê-las (MICOTTI, 2004, p.13-28).

Micotti (1996, p. 9-56) ressalta que a fundamentação do ensino em conhecimentos e reflexões sobre os vários aspectos da alfabetização requer dos professores uma postura comprometida com a educação, de modo a possibilitar aos alunos a apropriação da comunicação oral e escrita nos moldes aceitos socialmente. Para isso, é necessário que participem de uma variedade de situações de comunicação existentes na vida cotidiana.

2.1 O enfoque epistemológico do ensino e aprendizado

Os estudos de autores como Aebli (1974), Becker (2000, 2001), Macedo (1994), Micotti (2015), Piaget (1977), Pontercovo e Ajello (2005) e Zabala (1998) permitem afirmar que o ensino apoia-se em uma vertente epistemológica à qual se articula determinada teoria, apesar de, nem sempre, o professor ter consciência disso.

Em análise das concepções docentes apresentadas em pesquisa, Becker (2001, p. 15-28) identifica diferentes posturas epistemológicas, apresentadas a seguir.

De acordo com o autor, na concepção de ensino e aprendizagem, a pedagogia diretiva – epistemologia empirista, o professor é o centro e acredita no “mito da transmissão” do conhecimento. O professor considera que seu aluno é tábula rasa, não somente quando ele nasceu como ser humano, mas frente a cada novo conteúdo estocado na sua grade curricular. O alfabetizador considera que a

aprendizagem ocorre de fora para dentro, portanto, cabe a ele ensinar tudo. A causa da não aprendizagem é atribuída à falta de assimilação dos conteúdos (BECKER, 2001, p. 16-17).

Na pedagogia não diretiva – epistemologia apriorista, o aluno é o centro, já traz um saber que precisa, apenas, trazer à consciência, organizar, ou, ainda, recheiar de conteúdo – o professor deve interferir o mínimo possível, qualquer ação que o aluno decida fazer é, a priori, boa e instrutiva. A sua “não-aprendizagem” é explicada como déficit herdado, impossível de ser superado (BECKER, 2001, p. 19-23).

Quanto à pedagogia relacional – epistemologia construtivista, as interações entre os sujeitos e desses com os objetos são o centro do processo de ensino e aprendizagem. O professor age dessa maneira porque compreende que o aluno construirá algum conhecimento se ele agir e problematizar a sua ação. Ele sabe que há duas condições necessárias para que um conhecimento novo seja construído: a) que o aluno “aja sobre o material”(assimilação) que seja significativo para ele; b) que o aluno responda para si mesmo “às perturbações provocadas pela assimilação do material”(acomodação) – essas atividades permitem aos alunos a tomada de consciência dos mecanismos de suas próprias ações sobre esse material – por meio do reflexionamento e reflexão (PIAGET, 1977), a partir das questões elencadas pelos próprios alunos ou das perguntas levantadas pelo professor (PIAGET, 1977, p. 23-24).

Sobre a epistemologia do professor, Becker (2001, p. 31) afirma que “o professor está prisioneiro de epistemologias do senso comum (inatistas ou empiristas) tornando-se incapaz de tomar consciência das amarras que aprisionam o seu fazer e o seu pensar”.

Nessa perspectiva e com referência ao estudo sobre a avaliação do ensino e do aprendizado de Língua Portuguesa nas séries iniciais da escola fundamental, Micotti (2013, p. 175-192) analisa que “os problemas referentes ao aprendizado inicial da leitura e da escrita põem em pauta o ensino e os embates das propostas teóricas com as práticas predominantes no cotidiano escolar”. O entendimento inadequado dessas propostas acaba por desencadear ações pedagógicas ineficazes ao desempenho dos alunos.

Para a sociedade atual, apenas a decifração das palavras não é suficiente para garantir uma comunicação eficaz. É necessário que se saiba utilizar a escrita e a fala com todos os seus recursos e suas convenções socialmente construídas. Apesar de muitos professores atribuírem suas práticas de alfabetização às propostas construtivistas, muitos deles manifestam dúvidas sobre essa orientação e que afetam a prática pedagógica.

Becker (2001, p. 33) analisa as respostas dadas por algumas pessoas referentes à seguinte entrevista de rua: “Os vereadores de São Paulo propõem revogar a lei da gravidade, o que acha?” Segundo o autor todos os entrevistados concordaram com a medida e, alguns sugeriram que ela fosse estendida a todo o Estado. Diante dessa falta de conhecimento científico Becker lança três questões: “Essas pessoas tiveram oportunidade de entrar na escola ou não? E se tiveram, o que a escola fez com elas? Por que pensam de forma tão primitiva?” Citando Bachelard, o autor (2001, p. 33), ressalta que “o pensamento científico produz uma ruptura profunda no pensamento no nível do senso comum”. “Por que, então, essas pessoas não tiveram a chance de ter esse momento de ruptura, de poder se valer dos conhecimentos científicos para interpretar o mundo em que vivem? Onde é que está a causa desse primarismo?”

Estas indagações nos fazem lembrar problemas da educação escolar na atualidade dentre os quais se destaca o analfabetismo funcional por parte da população que não sabe ler e escrever, esses temas provocam reflexões sobre a atuação dos alunos no ensino.

As concepções docentes afetam todo o trabalho didático e interfere nas relações que os professores estabelecem com as propostas pedagógicas.

A prática pedagógica, nos moldes da proposta socioconstrutivista, propicia ao aluno agir sobre o objeto do conhecimento e apropriar-se da linguagem oral e escrita. Ao tratar o significado do trabalho escolar, a autora assinala que “as vivências das situações de comunicação conferem significado, facilitam a assimilação das normas da escrita convencional, contextualizam o trabalho com os elementos menores da escrita”. Micotti (2001, p. 48).

Com referência às vivências das situações de comunicação no bojo da sala de aula, os estudos de Jolibert (2013) acerca da vida cooperativa durante as aulas destaca o “protagonismo na vida escolar”, parte da ideia que a concepção

socioconstrutivista fundamenta a ação pedagógica para auxiliar no “desenvolvimento de cada sujeito e de suas competências para atuar em situações reais de vida”. Ressalta que tanto o professor quanto o aluno devam ser “sujeitos protagonistas de sua própria formação” e que os educandos devam aprender a interagir com os seus pares, em vez de serem considerados “objetos do ensino”. Nesse contexto a autora salienta que:

[...] é primordial que cada criança, durante toda a sua escolaridade, como leitora e produtora, faça a experiência: da utilidade e das diferentes funções da escrita; do poder que dá um domínio suficiente da escrita e do prazer que pode proporcionar a produção de escrito. (JOLIBERT, 1994, p.15-16).

A questão das interações pessoais em aulas nos conduz ao tema da interação verbal que se estabelece entre professores e alunos e como esse processo ocorre nas aulas. Sobre o emprego da língua, Bakhtin (2010, p. 261) afirma que “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”. Ressalta que isso acontece em forma de enunciados (orais e escritos). Nessa concepção, as relações dialógicas nas aulas podem tornar-se instigantes aos alunos e aos professores.

Nas manifestações verbais, constituídas por uma ou diversas enunciações interagem entre si, o que Bakhtin explica:

[...] todo enunciado – da réplica sucinta do diálogo cotidiano ao grande romance ou o tratado científico – tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto; antes do início, os enunciados de outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros (...). O falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva. (BAKHTIN, 2010, p. 275).

No diálogo, subentende que o falante, ao expor sua ideia, colabora com o grupo na análise de um determinado assunto. A réplica é resultado da compreensão que os interlocutores estabelecem entre si. Assim, há ampliação do significado do assunto em pauta.

Do ponto de vista do ensino e aprendizado, as atividades discursivas, mediante diálogo, oferecem ao professor informações importantes sobre o entendimento que os alunos desenvolvem sobre o objeto de estudo – assunto que nos remete às modalidades de diálogo que se estabelece nas aulas no bojo das práticas docentes.

Em artigo publicado por Micotti, Guilherme e Schuveter (2013) no qual focalizam as relações dialógicas que se estabelecem em aulas de leitura e escrita, visando identificar no ensino as interlocuções entre professores e alunos, referentes à escrita como objeto de conhecimento, analisam registros de observações feitas em classes de alfabetização – 1ª série e 1º ano do Ensino Fundamental – em pesquisas realizadas em 2008 e 2011. A análise dos dados revela diferentes modalidades de diálogo que, do ponto de vista didático, apresentam alto potencial de efeito positivo ou negativo para a aprendizagem dos alunos.

Sobre o uso da linguagem, as autoras apontam que a linguagem oral e espontânea e a utilização pelos alunos de gêneros primários “não constituem objeto de maiores preocupações nas aulas”. Portanto, as relações dialógicas estabelecidas no decorrer das aulas ligam-se às práticas docentes, as quais são o foco desta pesquisa. Para tanto, utiliza-se como fundamentação teórica os estudos de Mortimer e Scott (2003). Esses propõem uma ferramenta analítica ou sistema de referência para analisar as interações e a produção de significados em aulas de ciências. O desenvolvimento desse referencial está baseado na teoria sociocultural e cada um dos cinco eixos de análise é delineado antes de ser aplicado no processo de ensino e aprendizagem.

Nessa ferramenta são focalizadas as intenções do professor, o conteúdo a ser trabalhado e a transformação das intenções em ações (docentes) mediante estratégias de ensino.

Em seus estudos, os pesquisadores visam responder como os significados são criados e desenvolvidos pelos alunos por meio da linguagem e outros modos de comunicação, propõem novos olhares para o encaminhamento das aulas. Ressaltam a importância de como o entendimento por parte dos alunos é desenvolvido no contexto social das aulas.

Essa estrutura analítica está baseada em cinco aspectos inter-relacionados, que focalizam o papel do professor e são agrupadas em termos de focos de ensino, abordagem e ações, apresentados no quadro 1.

Quadro 1 – A estrutura analítica: uma ferramenta para analisar as interações e a produção de significados em salas de aula

Aspectos da Análise	
I. Focos de ensino	1. Intenções do professor 2. Conteúdo
II. Abordagem	3. Abordagem Comunicativa
III. Ações	4. Padrões de interação 5. Intervenções do professor

Fonte: Mortimer e Scott (2003, p. 25)

2.1.1 Focos de ensino: Intenções do professor e o conteúdo do discurso

Os pesquisadores, ao seguirem os princípios de Vygotsky e Bakhtin, consideram que “o ensino possibilita modalidades de desempenho no plano social da sala de aula”. Ao analisarem as intenções do professor, ressaltam que o desempenho do aluno é possível se o professor direcionar as aulas por meio de um roteiro planejado e ter a iniciativa de apresentar várias ações que constituem o aprendizado de um determinado assunto por parte dos alunos. Elencam algumas intenções e o conteúdo do discurso que deve ocorrer durante as aulas que precisam, segundo eles, ser contempladas durante uma sequência de ensino em aula de ciência, apresentadas no quadro 2.

Quadro 2 – Foco de ensino: Intenções do professor e conteúdo

Intenções do professor	Foco/conteúdo
Cria problema.	Engaja os estudantes, intelectual e emocionalmente no desenvolvimento inicial da aula referente à história científica.
Explora e trabalha a visão dos alunos.	Elicita e explora as visões e entendimentos dos estudantes sobre as ideias e fenômenos específicos.
Introduz e desenvolve a história científica	Disponibiliza as ideias científicas (incluindo temas conceituais, epistemológicos, tecnológicos e ambientais) no plano social da sala de aula.
Guia os estudantes no trabalho com as ideias científicas e dá suporte ao processo de internalização.	Dá oportunidades aos estudantes de falar e pensar com as novas ideias científicas, em pequenos grupos e por meio de atividades com toda a classe. Ao mesmo tempo, dá suporte aos estudantes para produzir significados individuais, internalizando essas ideias.
Guia os estudantes na aplicação das ideias científicas e na expansão de seu uso, transferindo progressivamente para eles o controle e responsabilidade por esse uso.	Dá suporte aos estudantes para aplicar as ideias científicas ensinadas a uma variedade de contextos e transfere a eles o controle e responsabilidade pelo uso dessas ideias.
Mantém a narrativa: sustentando o desenvolvimento da história científica	Promove comentários sobre o desenrolar da história científica, de modo a ajudar os estudantes a seguir seu desenvolvimento e a entender suas relações com o currículo de ciências como um todo.

Fonte: Mortimer e Scott (2003, p. 29)

2.1.2 Abordagem Comunicativa

O conceito de abordagem comunicativa é central na estrutura analítica, fornecendo a perspectiva sobre 'como' o professor trabalha com os alunos o desenvolvimento das ideias no decorrer das aulas.

Os autores identificam quatro categorias de abordagem comunicativa, que são definidas considerando a caracterização do discurso entre professor e alunos ou entre os alunos em duas dimensões: discurso dialógico ou de autoridade; discurso interativo ou não-interativo, apresentadas no quadro 3.

Quadro 3 – Abordagem Comunicativa

Abordagem comunicativa			
Dialógica		Autoritária	
Interativa/dialógica	Não-interativa/dialógica	Interativa/autoritária	Não-interativa/autoritária

Fonte: Mortimer e Scott (2003, p. 35)

Interativa/dialógica: indicação de que os alunos desenvolvem seu entendimento sobre o significado do assunto da aula, participando de trabalho em pequenos grupos e mantendo o diálogo aluno com aluno e aluno-professor.

Não-interativa/dialógica: refere-se à postura didática do professor que apresenta o argumento ou o assunto numa abordagem de autoridade, após isso, “interage” com o aluno num padrão I-R-A (iniciação/resposta/avaliação) para instaurar uma “interação confirmatória” com toda a classe.

Interativa/autoritária: nesse item a postura didática apresenta-se na forma de um discurso controlado pelo professor.

Não-interativa/autoritária: nessa abordagem comunicativa a ideia do professor é apresentada, não há levantamento de hipóteses. Os alunos permanecem em silêncio.

2.1.3 Ações: padrões de interação e intervenções do professor

Em seus estudos, Mortimer e Scott especificam padrões de interação que emergem na medida em que o professor e alunos alternam turnos de fala durante as aulas. Apontam que o mais comum são “as tríades: iniciação do professor; resposta do aluno; avaliação do professor (I-R-A)”. Observaram também outros padrões, como por exemplo de que em algumas interações “o professor apenas sustenta a elaboração de um enunciado pelo aluno” por meio de intervenções curtas que muitas vezes repetem parte do que o aluno acabou de falar, ou fornecem um feedback para que o aluno elabore um pouco essa fala: “[...] iniciação do professor; resposta do aluno; ação discursiva do professor que permite o prosseguimento da fala do aluno; resposta do aluno e resposta do professor [...]” e assim sucessivamente. (MORTIMER; SCOTT, 2003, p. 24-46)

Quanto às intervenções pedagógicas, os autores apresentam seis formas de intervenção e as relacionam, especificando o foco e as ações docentes que caracterizam cada uma, a seguir apresentadas no quadro 4.

Quadro 4 – Ações: Padrões de interação e intervenções do professor

Intervenção do professor	Foco	Padrões de interação – ação do professor
1. Dá forma aos significados	- Explora as ideias dos estudantes - Trabalha os significados no desenvolvimento da história científica	Introduz um termo novo; parafraseia uma resposta do estudante; mostra a diferença entre dois significados.
2. Seleciona significados		Considera a resposta do estudante na sua fala; ignora a resposta de um estudante.
3. Marca ideias chave.		Repete um enunciado; pede ao estudante que repita um enunciado; estabelece um sequência I-R-A* com o estudante para confirmar uma ideia; usa um tom de voz particular para realçar certas partes do enunciado. *I-R-A= iniciação do professor; resposta do aluno; avaliação do professor.
4. Compartilha significados	Torna os significados disponíveis para todos os estudantes da classe	Repete a ideia de um estudante para toda a classe; pede a um estudante que repita um enunciado para a classe; compartilha resultados dos diferentes grupos com toda a classe; pede aos estudantes que organizem suas ideias ou dados de experimentos para relatarem para toda a classe.
5. Checa o entendimento dos estudantes	Verifica que significados os estudantes estão atribuindo em situações específicas	Pede a um estudante que explique melhor sua ideia; solicita ao estudante que escreva suas explicações; verifica se há consenso da classe sobre determinados significados.
6. Revê o progresso da história científica	Recapitula e antecipa significados	Sintetiza os resultados de um experimento particular, recapitula as atividades de uma aula anterior; revê o progresso no desenvolvimento da história científica analisada até o momento.

Fonte: Mortimer e Scott (2003, p. 45)

As informações contidas no Quadro 4 – Ações: Padrões de interação e intervenções do professor (MORTIMER; SCOTT, 2003, p. 45) revelam que as variáveis nela apresentadas quanto aos significados do objeto de estudo para os alunos dão ênfase na inter-relação entre o que o professor pretende ensinar e os conhecimentos de que os alunos dispõem, visando à aplicação desses conhecimentos. As ações docentes podem configurar diferentes padrões de interação adotados no decorrer das aulas. Apesar da proposta apresentada por esses autores constituir uma ferramenta para analisar as interações e a produção de significados em aula de ciências, essa ferramenta é passível à adaptação para análise das interações nas outras áreas do conhecimento.

O enfoque da problemática da alfabetização no país, considerando a contribuição de Mortimer e Scott, revela a necessidade e importância de realização de estudos sobre o que ocorre no ensino referente à alfabetização, no que diz respeito às interações que os professores estabelecem com seus alunos no ensino inicial da leitura e da escrita. Nesse contexto insere-se a pesquisa a seguir apresentada.

3 A PESQUISA

Para responder às questões elencadas foram selecionadas duas escolas para a coleta de dados – as escolas que apresentaram o maior e o menor desempenho na avaliação do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica/2013 (IDEB)¹ respectivamente. Essa seleção foi feita com o objetivo de analisar e comparar as estratégias utilizadas nas aulas para orientar os alunos durante as atividades de leitura e escrita e os fatores de participação e de manifestação do interesse dos mesmos na realização dessas atividades, tendo em vista que esse indicador vem apontando déficits no ensino oferecido pelas escolas brasileiras no tocante ao domínio da leitura e escrita que são competências essenciais para o prosseguimento dos estudos. Para tanto, põe-se em pauta o ensino proporcionado aos estudantes das escolas públicas, no qual são necessárias pesquisas para identificar possibilidades de melhorias no processo de alfabetização.

A partir da adaptação da estrutura analítica proposta por Mortimer e Scott (2003) analisar-se-á estas interações cotidianas estabelecidas durante o processo pedagógico referente ao foco de ensino, à abordagem comunicativa e às ações das professoras. No entender desses autores, essa ferramenta possibilita compreender e desenvolver uma forma “de como os docentes podem agir para guiar as interações que resultam na construção de significados pelos alunos”.

Diante do baixo desempenho em leitura e escrita apresentado pelos alunos de escolas públicas brasileiras, revelado nas últimas avaliações e pesquisas, esta dissertação busca contribuir com os estudos sobre alfabetização, sobretudo, analisar como se dá o processo de ensino e aprendizado no ciclo alfabetização nas escolas públicas, com a expectativa de propiciar reflexões sobre ações docentes relativas às interações em aulas para melhoria do Ensino Fundamental.

3.1 Objetivos

Objetivos Gerais

¹ Dados referentes aos resultados do IDEB/2013. Conforme site do INEP (Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira). Resultados IDEB Índice de Desenvolvimento da Educação Básica 2013. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br>> Acesso em: 15 julho 2014. Ele é calculado com base na taxa de rendimento escolar (aprovação e evasão) e no desempenho dos alunos no Saeb (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica) e na Prova Brasil.

- ✓ Analisar e comparar as interações dos participantes das aulas – alunos e professores – no decorrer do processo de alfabetização.
- ✓ Identificar em que consistem as intervenções docentes na relação dos alunos (sujeitos) com a escrita como objeto de conhecimento.

Objetivos Específicos

- ✓ Analisar: as interações que os alunos estabelecem com os seus pares no processo de alfabetização e em que consistem as práticas pedagógicas realizadas nas aulas.
- ✓ Identificar as concepções de ensino/aprendizado subjacentes às intenções e ações dos professores, reveladas em suas práticas e em seus discursos.
- ✓ Identificar os conceitos de leitura e escrita apresentados pelos professores e reveladas nas práticas, considerando as interações com a leitura e a escrita solicitadas nas aulas.

3.2 Procedimentos Metodológicos

As interações dos participantes das aulas – alunos e professores – no processo de alfabetização das escolas que apresentaram o maior IDEB/2013 são comparadas com as interações observadas nas escolas com menor IDEB/2013.

Para realização desta pesquisa foram aplicadas entrevistas semiestruturadas² com as professoras das escolas participantes que lecionam no Ciclo Alfabetização, análise documental – Projeto Político Pedagógico (PPP) e observações diretas das aulas com o intuito de investigar as interações (diálogos) que ocorrem no bojo das práticas pedagógicas desses alfabetizadores e para identificar as estratégias utilizadas na orientação dos alunos durante as atividades de leitura e escrita.

Essas observações ocorreram em cinco dias consecutivos, com duração de 4 horas em 04 dias da semana e em um dia da semana com 05 horas em cada classe selecionada, ou seja, durante todo o período de aula estabelecido legalmente para o Ensino Fundamental com a professora responsável pela Educação Básica I,

² Lüdke e André (1986, p. 25) orientam que para a observação ser um instrumento válido e fidedigno de investigação, é necessário “determinar com antecedência” ‘o quê’ e ‘o como observar’.

totalizando 21 horas de observação em cada turma e 231 horas durante toda a pesquisa. Cabe mencionar que as aulas de Arte e Educação Física não foram assistidas e observadas, pois são ministradas por professores das respectivas disciplinas e não se trata do foco de investigação. As observações foram registradas em diário de campo, posteriormente digitadas e as entrevistas gravadas em áudio e transcritas.

As observações tiveram como objetivo analisar as interações dos participantes das aulas – alunos e professores – no decorrer do processo de alfabetização, com ênfase no enfoque dado às práticas docentes ao significado do objeto de estudo – escrita – para os alunos, as estratégias das docentes utilizadas nas aulas durante as atividades de leitura e escrita e os fatores de participação e de manifestação do interesse dos mesmos na realização dessas atividades.

Para as entrevistas, foi utilizado um roteiro descrito no item 3.3, no qual as participantes da pesquisa puderam expor suas concepções de ensino, aprendizagem, leitura e escrita e aspectos vinculados às ações docentes acerca das interações com o objeto de estudo.

Inicialmente, para a realização deste trabalho foi feita uma pesquisa-piloto³ em duas escolas da Rede Municipal de Ensino de um município do interior paulista em duas salas de aulas, uma de 1º e a outra do 2º ano do Ensino Fundamental que apresentaram maior e menor índice na Prova Brasil no ano de 2013. A cidade na qual as escolas estão localizadas conta com universidade pública e faculdades particulares que oferecem graduação e pós-graduação na área de educação. Além da formação acadêmica os professores ainda contam com cursos de formação continuada oferecidos pela Secretaria Municipal de Educação que aponta três princípios básicos em sua Proposta Pedagógica⁴: educação de qualidade para todos; gestão democrática e participativa nos processos educacionais; fortalecimento do trabalho coletivo.

Essa pesquisa fez-se necessária para organizar os procedimentos metodológicos e testar os instrumentos utilizados na análise aqui apresentada. No decorrer da pesquisa-piloto, averiguou-se que seria pertinente observar uma semana de aula em cada turma, como também considerar o tempo previsto na

³ Ver apêndice.

⁴ A referência desse documento não será citada na bibliografia para garantir o anonimato da cidade e dos participantes da pesquisa, conforme acordo firmado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

realização das atividades, pois ora a atividade ficava fragmentada, ora os alunos ficavam ociosos. Pautando-se na análise realizada por Aspy (1972), sobre as interações e processos cognitivos, bem como o envolvimento do aluno durante as atividades em aula, optou-se por registrar as ocorrências da aula em intervalos de cinco minutos, o que colaborou de modo qualitativo para a compreensão da dinâmica das aulas.

A partir disso deu-se início a pesquisa propriamente dita, que se constitui de uma investigação qualitativa.

A escolha por escolas que apresentaram maior e menor IDEB/2013 teve o intuito de analisar e comparar as práticas pedagógicas utilizadas pelos professores, bem como suas estratégias na orientação dos alunos durante atividades de leitura e escrita em escolas com diferentes desempenhos.

3.3 Instrumentos para a coleta de dados

O roteiro da entrevista com as professoras participantes contemplou:

- a) Primeira parte: questões relativas à identificação pessoal e profissional – sexo, idade, curso de formação inicial/graduação e ano de conclusão, tempo de atuação no magistério, tempo de atuação no nível de ensino em que leciona.
- b) Segunda parte compõe-se das seguintes questões: O que entende por ensino, aprendizagem, leitura e escrita? Como as crianças aprendem a ler? Como se ensina a criança a ler? Como as crianças aprendem a escrever? Como se ensina a criança a escrever? Em que consiste o método de ensino utilizado na sua prática pedagógica? Que atitudes dos alunos faz você perceber o seu interesse ou não nas atividades escolares? Quais atitudes são importantes para o aprendizado? Como o professor pode conseguir a participação em aula de todos os alunos? Como você vê as interações estabelecidas durante as aulas, os diálogos entre você e os alunos e entre os alunos e alunos? Isso auxilia a sua prática pedagógica e no aprendizado dos alunos? Como isso ocorre? A estrutura física da escola e a disponibilidade de

material didático vêm ao encontro de suas expectativas para conseguir trabalhar de forma adequada/produtiva com os alunos?

O roteiro de observação durante a coleta de dados teve como foco:

- o ambiente da sala de aula;
- as interações cotidianas que acontecem nas aulas;
- as orientações docentes e os recursos (materiais) utilizados;
- os registros das aulas referentes às atividades de leitura e escrita;
- as manifestações de interesse dos alunos;
- os diálogos que se estabelecem nas aulas.

3.4 Instrumentos utilizados para análise dos dados

A partir das observações realizadas, os dados foram analisados mediante a estrutura analítica proposta pelos pesquisadores Mortimer e Scott (2003), adaptada para o Ciclo Alfabetização, no qual o foco é o aprendizado inicial da leitura e da escrita que pressupõe a aquisição do sistema alfabético. A seguir, essa adaptação é apresentada no Quadro 5, e , considerando as interações estabelecidas nas aulas a partir dos eixos: focos de ensino, abordagem comunicativa e ações docentes.

Na tentativa de compreender as práticas pedagógicas das participantes da pesquisa foram selecionados pontos que evidenciaram tais atuações, sendo que as mais recorrentes e que exemplificam as aulas são apresentadas no presente estudo. Para identificar as concepções de ensino e aprendizagem da leitura e escrita e o método utilizado nas aulas pelas professoras, propõem-se as análises das concepções de ensino e aprendizagem da leitura e escrita.

Quadro 5 – Foco de ensino: Intenções da professora e conteúdo

		Intenções da professora	Conteúdo: sistema alfabético		
Sim	Não			Sim	Não
		Cria problema	Engaja os alunos intelectualmente e emocionalmente no desenvolvimento inicial da aula		
		Explora e trabalha o ponto de vista dos alunos sobre o assunto em pauta.	Investiga os pontos de vista e entendimentos dos alunos sobre o assunto		
		Introduz e desenvolve a ideia do sistema alfabético.	a) Apresenta diretamente as correspondências entre sonoridade e grafia.		
			b) Dialoga com os alunos sobre essas correspondências		
		Orienta os estudantes no trabalho sobre a organização do sistema alfabético	a) Proporciona oportunidades aos alunos para falar e pensar sobre as novas ideias referentes ao sistema alfabético, individual e coletivamente no decorrer da aula.		
			b) Apoia os alunos para produzir significados individuais, internalizando essas ideias.		
		Orienta a utilização da escrita alfabética na produção textual	Apoia os alunos na aplicação dos conhecimentos sobre o sistema alfabético em outros contextos.		

Estrutura analítica proposta pelos pesquisadores, adaptada para o Ciclo Alfabetização.
 Fonte: Mortimer e Scott (2003, p. 29)

Quadro 6 – Abordagem Comunicativa

Abordagem comunicativa			
Dialógica		Autoritária	
Interativa/dialógica	Não-interativa/dialógica	Interativa/autoritária	Não-interativa/autoritária

Fonte: Mortimer e Scott (2003, p. 35)

Quadro 7 – Ações: Padrões de interação e intervenções da professora

Intervenções da professora	Foco	Padrões de interação	Sim ou Não
1. Dá forma às ideias	- Explora as ideias dos alunos. - Trabalha as ideias dos alunos no decorrer da aula.	1. Introduz um termo novo; parafraseia uma resposta do aluno; mostra a diferença entre dois significados.	
2. Seleciona ideias		2. Considera a resposta do aluno na sua fala.	
		- Ignora a resposta de um aluno.	
3. Marca ideias chave		3. Repete um enunciado.	
		- Pede ao aluno que repita um enunciado.	
		- Estabelece uma sequência I-R-A (iniciação, resposta e avaliação) com um aluno para confirmar uma ideia	
		- Usa um tom de voz particular para realçar certas partes do enunciado	
4. Compartilha ideias		Torna as ideias disponíveis para todos os alunos da classe	4. Repete a ideia de um aluno para toda a classe
	- pede a um aluno que repita um enunciado para a classe		
	- compartilha resultados dos diferentes grupos com toda a classe		
	- pede aos alunos que organizem suas ideias		
5. Confere o entendimento dos alunos	Verifica os significados atribuídos pelos alunos ao assunto da aula.	5. Solicita a um aluno que explique melhor sua ideia	
		- pede ao aluno que apresente suas explicações	
		- verifica se há consenso da classe sobre determinados significados.	
6. Analisa	Recapitula o assunto em pauta	6. Sintetiza as contribuições apresentadas pelos alunos	
		- recapitula as atividades de uma aula anterior	
		- revê o progresso no decorrer da aula	

Estrutura analítica proposta pelos pesquisadores, adaptada para o Ciclo Alfabetização.
 Fonte: Mortimer e Scott (2003, p. 45)

4 DADOS OBTIDOS E DISCUSSÃO

4.1 Participantes da pesquisa

A coleta de dados ocorreu em uma cidade do interior paulista a distância de 9,5 Km da cidade na qual foi realizada a pesquisa-piloto. A Rede Municipal de Ensino na qual foram coletados os dados é composta por 05 escolas de Ensino Fundamental de Nove Anos, conforme a Lei nº11.274/2006, esse município não possui universidade e faculdade, os professores que nele residem graduaram-se e cursaram pós-graduação em instituições de ensino oferecidas na região.

A Secretaria Municipal desse município oferece cursos de formação continuada aos professores e utiliza o Sistema Dom Bosco de Ensino como também utilizam nas aulas os livros didáticos fornecidos pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura), na tentativa de melhorar o ensino oferecido a seus alunos, a qual delineia dois compromissos em sua Proposta Pedagógica⁵: oferecer educação de qualidade para todos, formação de um cidadão participativo e sujeito crítico em sua comunidade.

A coleta de dados foi realizada durante o 1º semestre do ano letivo de 2015, especificamente, 11 turmas do Ciclo Alfabetização⁶ com 11 professores, sendo 04 de 1º ano, 03 de 2º ano e 04 de 3º ano, perfazendo um total de 257 participantes (alunos e professoras) das escolas que apresentaram menor e maior desempenho na última avaliação do IDEB /2013.

No primeiro momento, estabeleceu-se contato com a Secretaria Municipal de Educação para apresentação do projeto de pesquisa. Tão logo exposto os objetivos do trabalho, a secretária municipal deu autorização para adentrar nas duas escolas. Vale ressaltar que a Secretária de Educação entendeu que a pesquisa contribuiria para a avaliação do trabalho pedagógico desenvolvido nas escolas.

Em seguida, realizou-se o contato com os diretores das escolas selecionadas, que, bastante solícitos, permitiram o acesso da pesquisadora, alegando ser

⁵ A referência desse documento não será citada na bibliografia para garantir o anonimato da cidade e dos participantes da pesquisa, conforme acordo firmado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

⁶ Ciclo Alfabetização compreende os três primeiros anos do Ensino Fundamental os quais não devem sofrer interrupção. Conforme site do MEC. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

recorrente este tipo de trabalho junto às escolas, e que os professores não se negariam.

Após, foi feita a seleção das turmas do período da tarde. A opção pelo período vespertino deve-se ao fato de que nesse horário o número de salas de aulas do Ciclo de Alfabetização era maior nas duas escolas pesquisadas.

Ao contatar as professoras, apenas uma negou-se, no primeiro momento, a participar da pesquisa, mas após diálogo com a pesquisadora e explanação do projeto de pesquisa e esclarecimentos de dúvidas, aceitou o convite, tomou ciência e assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e foi extremamente solícita durante a coleta de dados.

Cabe ressaltar que todos os participantes da pesquisa, pais e responsáveis dos alunos e professoras, foram convidados a tomarem ciência e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), aprovado pelo Comitê de ética em Pesquisa em Seres Humanos do Instituto de Biociências de Rio Claro da Universidade Estadual Paulista.

Na Escola com maior IDEB foram pesquisadas 66,66% das turmas do Ciclo de Alfabetização e na de menor IDEB foram pesquisadas também 66,66% das turmas de 1º e 3º anos e 50% das turmas do 2º ano, sendo todas as turmas do período da tarde.

Nos Quadros 8a e 8b foram elencadas as turmas participantes, bem como a ordem em que se deu a coleta de dados. Vê-se nas primeiras colunas as turmas – dos 1ºs aos 3ºs anos, seguida do número da escola a que pertencem. As professoras são identificadas de PA a PK para preservar a identidade das mesmas e a última coluna traz o número de alunos por sala de aula.

Quadro 8a – Turmas participantes da pesquisa - Escola I - com menor IDEB 2013

Turmas	Escola	Professoras	Nº de alunos por sala
1º ano	1	PA	18
1º ano	1	PB	17
2º ano	1	PC	29
3º ano	1	PD	24
3º ano	1	PE	27

Fonte: Elaborado pela autora (2015)

Quadro 8b – Turmas participantes da pesquisa - Escola II - com maior IDEB 2013

Turmas	Escola	Professores	Nº de alunos por sala
1º ano	2	PF	19
1º ano	2	PG	23
2º ano	2	PH	20
2º ano	2	PI	21
3º ano	2	PJ	23
3º ano	2	PK	25

Fonte: Elaborado pela autora. (2015)

As duas escolas nas quais ocorreu a coleta de dados localizam-se na periferia da cidade. A de número 1 localiza-se em um bairro mais distante do centro da cidade e a de número 2 está mais próxima aos bairros centrais. A maioria dos alunos que participaram da coleta de dados vão a pé para a escola, pois pertencem

ao mesmo bairro ou a bairros vizinhos. As duas escolas atendem a uma população classificada como estrato socioeconômico de C2 e D-E⁷.

As professoras participantes são na totalidade do sexo feminino. A maioria é efetiva na Rede Municipal, apenas a professora PI é contratada pela Rede Municipal de Ensino desse município. Duas professoras lecionam em dois períodos – PC e PI. A primeira leciona para Educação Infantil e para o Ensino Fundamental. A PI leciona para o Ensino Fundamental nos dois períodos. Cabe ressaltar que todas as professoras lecionam para o Ciclo Alfabetização. Nos Quadros 9a e 9b é apresentado o perfil profissional das docentes das duas escolas pesquisadas.

⁷ Critério de Classificação Econômica Brasil 2015. Disponível em: <www.abep.org/criterio-brasil>. Acesso em 10 jan. 2016.

Quadro 9a – Perfil profissional das docentes Escola I – com menor IDEB 2013

Idade/ Nível de ensino	Experiência no magistério (até 2015) e Experiência no nível de ensino em que está lecionando (até 2015)	Tempo na Unida- de de Ensino	Graduação/ Ano de conclusão/ Magistério*	Pós- Graduação (lato sensu)	Frequen- ta curso de forma- ção continu- ada (30 a 180 horas)	Frequen- ta somen- te cursos ofereci- dos pela Rede Munici- pal de Ensino e/ou Gover- no Federal.	Temas escolhi- dos pelas docentes para sua formação continua- da
PA 35anos 1ºano	11 anos 04 anos	07 anos	- Letras (particular) 2006 - Magistério	Psicopedgo- gia Clínica (particular)	Sim	Sim	Alfabetiza- ção e Inclusão de crianças com Necessida- des Especiais
PB 41anos 1º ano	18 anos 03 anos	18 anos	- Pedagogia (particular) 2003 - Magistério	Docência no Ensino Superior e Educação Inclusiva (particular)	Sim	Sim	Alfabetiza- ção
PC 40 anos 2º ano	04 anos 02 anos	04 anos	Pedagogia (semipresen- cial/particu- lar) 2012	Não	Sim	Sim	Diversos
PD 25 anos 3ºano	06 anos 04 anos	03 anos	Pedagogia (particular) 2011	Não	Sim	Sim	Alfabetiza- ção
PE 31 anos 3ºano	05 anos 03 anos	03 anos	Pedagogia (particular) 2011	Não	Sim	Sim	Alfabetiza- ção

Fonte: Elaborado pela autora. (2015)

Quadro 9b – Perfil profissional das docentes - Escola II - com maior IDEB 2013

Idade/ Nível de ensino	Experiência no magistério (até 2015) e Experiência no nível de ensino em que está lecionando (até 2015)	Tempo na Unida- de de Ensino	Graduação/ Ano de conclusão/ Magistério*	Pós- Graduação (lato sensu)	Frequen- ta curso de forma- ção continu- ada (30 a 180 horas)	Frequen- ta somen- te cursos ofereci- dos pela Rede Munici- pal de Ensino e/ou Gover- no Federal.	Temas escolhi- dos pelas docentes para sua formação continua- da
PF 37 anos 1º ano	11 anos 06 anos	06 anos	- Letras (particular) 2005 - Magistério	Letramento e Educação Especial (particular)	Sim	Sim	Alfabetiza- ção e letramento
PG 36 anos 1º ano	15 anos 05 anos	04 anos	Pedagogia (pública) 2000	Não	Sim	Sim	Diversos
PH 50anos 2º ano	21anos 05 anos	10 anos	- Pedagogia (particular) 2005 - Magistério	Psicopedago- gia (particular)	Não	Sim	Alfabetiza- ção
PI 30anos 2º ano	04 anos 03 anos	02 anos	-Pedagogia (semipresenci al/particular) 2012	Psicopedago- gia (particular)	Sim	Não	Alfabetiza- ção e dificuldades de aprendiza- gem
PJ 31 anos 3º ano	05 anos 01 ano	03 anos	Pedagogia (particular) 2010	Psicopedago- gia Institucional (particular)	Sim	Não	Diversos
PK 35 anos 3º ano	16 anos 07 anos	07 anos	- Letras (particular) 2005 - Magistério	Não	Sim	Sim	Alfabetiza- ção

Fonte: Elaborado pela autora. (2015)

*Lei Complementar nº 213 de 22/12/2011 publicada no Diário Oficial nº 26386 do dia 26/12/2011. Art. 1º: Fica extinto o Nível I do Quadro Permanente dos Profissionais do Magistério Público Estadual, de que trata o inciso I do art. 13 da Lei Complementar nº 61 de 16/07/2001.

Os dados dos quadros 9a e 9b mostram que: a idade cronológica das professoras varia de 25 a 50 anos; a experiência docente varia de 04 a 21 anos; a experiência no nível de ensino que leciona atualmente é de 01 a 07 anos; o tempo

de trabalho na unidade de ensino fica entre 02 anos e 18 anos; 03 professoras cursaram Letras na graduação e 08 Pedagogia – a maioria em faculdades particulares e 01 professora cursou Pedagogia em escola pública (PG); 06 professoras concluíram o curso de pós-graduação, sendo 04 em Psicopedagogia, 01 em Docência no Ensino Superior e Educação Inclusiva; 01 em Letramento e Educação Especial; uma minoria (05) cursou o Magistério; com exceção de PH, frequentam curso de formação continuada de 30 a 180 horas. A maioria das professoras (09) frequentam cursos somente quando oferecidos pela Rede Municipal de Ensino da cidade na qual lecionam. Em relação aos temas escolhidos pelas professoras para a sua formação continuada, verifica-se que 08 delas optam por alfabetização e 03 por temas diversos.

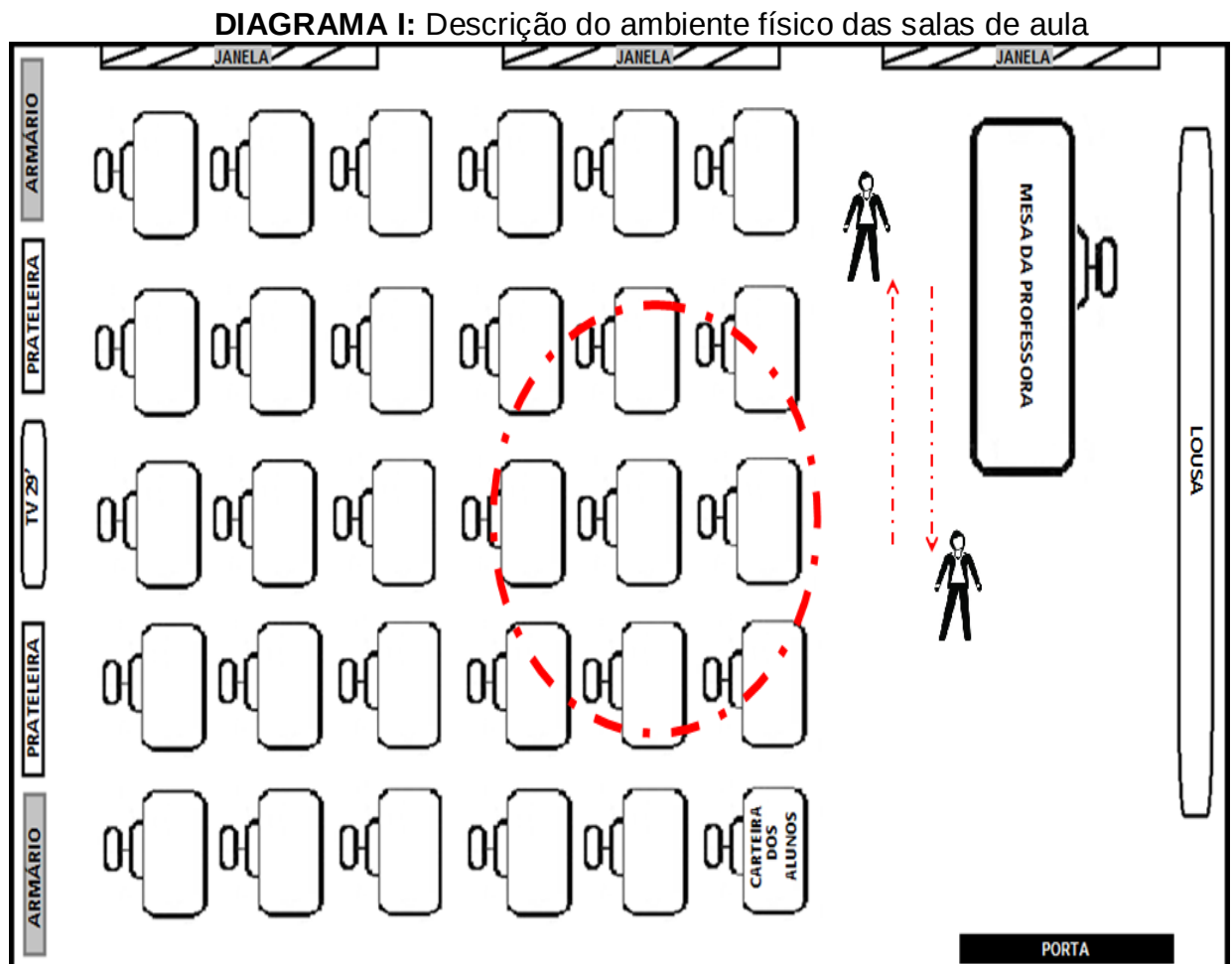
4.2 Descrição do ambiente físico das salas de aulas

Em todas as salas de aula onde se deu a coleta de dados, nas duas escolas pesquisadas, constatou-se que se trata de ambiente em ótimo estado de conservação, espaçoso, muito limpo e arejado, com amplas janelas, três ventiladores afixados no alto de três paredes e cortinas em ótima condição de uso.

A distribuição do mobiliário e lousa seguem o mesmo padrão (ver diagrama I – página 47): lousa à frente das carteiras enfileiradas; mesa da professora sempre ao lado direito à frente das carteiras enfileiradas; dois armários e duas prateleiras localizadas no fundo da sala de aula; uma televisão de 29' entre os armários e prateleiras; um relógio de parede afixado no alto da lousa; alfabeto sobre a lousa e/ou do lado direito da porta de entrada e uma sala de aula com alfabeto em libras, devido ao fato de haver uma aluna com deficiência auditiva; números de 0 a 9 em algumas salas e de 0 a 100 em outras, todos confeccionados em EVA; calendário e Cantinho para a leitura – nem sempre utilizados. Por exemplo: os calendários de duas salas de aulas (2º e 3º anos) referiam-se ao ano de 2013 e em uma sala de aula (3º ano) o calendário correspondia ao ano de 2014 - salas pertencentes à Escola I. Os espaços denominados “Cantinhos de leitura” de três salas de aula (1º, 2º e 3º anos) não são utilizados para divulgação de livros, permaneceram vazios durante a coleta de dados.

4.3 Dinâmica das aulas no ambiente

Vale ressaltar que as participações orais dos alunos, no decorrer das aulas, limitavam-se a um número de seis a nove alunos (no máximo) em 07 salas de aulas pesquisadas – lê-se: PA, PB, PC, PD, PE, PG, PK, os quais ocupavam as três primeiras carteiras das três fileiras do centro da sala de aula, no qual a posição física da professora permanecia em frente a essa fileiras, conforme diagrama I. Nas outras 04 salas de aulas as professoras possibilitavam aos alunos maior participação oral e também se aproximavam deles durante as aulas. Esse comportamento foi observado nas aulas das docentes: PF, PH, PI e PJ.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2015)

4.4 As Concepções de leitura e escrita e ações docentes

Para identificar os conceitos de leitura e escrita apresentados pelas professoras e revelados em seu trabalho pedagógico, consideraram-se os registros das observações.

Os enfoques dados pelas docentes participantes da pesquisa às atividades de leitura e escrita subsidiaram a comparação entre os dados coletados em aulas, nos quais considerou-se os seguintes aspectos: o foco que a professora atribui ao ensino e seus objetivos; o foco dado à aprendizagem e à interação dos alunos com o objeto de conhecimento.

Para análise das concepções de leitura e escrita implícitas nas práticas pedagógicas são consideradas as contribuições dos seguintes estudiosos: Bakthin (2006, 2010) e Colello (2007, 2011). No quadro 10, são apresentadas concepções de leitura e escrita que se vinculam, respectivamente, ao código alfabético, comunicação e expressão e escrita como comunicação, assim, fez-se a confrontação entre os resultados das análises dessas concepções com as ações docentes, no qual prevaleceu a visão empírico-tradicional nas práticas pedagógicas.

Quadro 10 – Concepções de leitura e escrita identificadas nas observações das aulas

Concepção de leitura e escrita	Descrição	Docentes
Código alfabético	Leitura/escrita: a ênfase do trabalho é a codificação e decodificação referente ao material escrito – processo mecânico – pelas unidades da língua (letras, sílabas, frases aleatórias)	PA - PB - PC - PF - PG PH
Comunicação e expressão – percepção monológica da língua	Leitura/escrita: só existe o sentido do texto, descarta as atribuições de significado que o leitor possa trazer. Busca pela intenção da obra/autor, com controle do sentido. A expressão tem papel central e a busca pelo significado da escrita é individual, sem menção ao contexto dos interlocutores. Escrita como transposição do pensamento	PD - PE - PK
Escrita como comunicação-perspectiva dialógica da língua	Leitura/escrita: constituída de muitas vozes (polifonia/dialogismo). O dialogismo pode ser a interação entre o locutor e o interlocutor do texto (autor/leitor), com questionamentos –“diálogo” com o texto, ou a intertextualidade no interior do discurso entre outros interlocutores e textos para a busca de sentido. Consideram as relações internas produtoras de significação e as relações do texto com sua exterioridade numa relação dialógica.	PI - PJ

Adaptado dos textos de Bakthin (2006, 2010) e Colello (2007, 2011).
Fonte: Elaborado pela autora. (2015)

4.5 Modalidades de interação e ação docente

A partir da análise das interações cotidianas estabelecidas durante o processo pedagógico referente ao *foco de ensino*, *abordagem comunicativa* e *ações docentes* (ver quadros 11a, 11b e 11c) observadas nos cinco dias de coleta de dados em cada sala de aula, constatou-se padrões de interação professor/aluno através dos quais foi possível caracterizar as atuações docentes em quatro modalidades de interação estabelecidas em aula:

1 - Ausência de diálogos com os alunos

As ações pedagógicas das professoras: PA, PB, PD, PG e PK consistem nessa modalidade – não estabelecem contato individual com o grupo, “lecionam para 06 a 09 alunos”, atribuem a eles o interesse como próprio da criança – reflexo de apoio familiar e hábitos culturais e sociais. A ação docente indica e direciona as respostas dos alunos que participam ativamente das aulas. As ações dos demais limitam-se a copiar as respostas das atividades registradas na lousa.

2 - Ocorrência de diálogos com alguns alunos sobre o código alfabético.

Fazem parte dessa modalidade as professoras: PC, PE, PH – estabelecem contato individual com alguns alunos. A ação docente indica e direciona as respostas dos mesmos. Não há interação entre pares. PC e PE são extremamente coercitivas. PH não verifica os registros dos alunos em seus respectivos cadernos e ou livro.

3 - Diálogos focados no código alfabético com todos os alunos.

A docente denomina PF é a única a fazer parte dessa modalidade. Em sua ação pedagógica constata-se interação com os alunos e desses entre si considerando o código alfabético. Explora a escrita de palavras e frases de modo contextualizado. A leitura de textos literários e enunciados de atividade é pouco explorado.

4 - Ocorrência de diálogos com todos os alunos focados nas interações desses com os textos.

As práticas pedagógicas das docentes **PI** e **PJ** garantem a interação dos participantes da aula. Dialogam com o texto e seus interlocutores como também demonstram conhecimento do assunto em pauta.

Quadro 11a – Focos do ensino

		Intenções da professora	Conteúdo: sistema alfabético		
Sim	Não			Sim	Não
PF-PI-PJ	PA-PB-PC-PD-PE-PG-PH-PK	Cria problema	Engaja os alunos intelectualmente e emocionalmente no desenvolvimento inicial da aula	PF-PI-PJ	PA-PB-PC-PD-PE-PG-PH-PK
PE-PF-PI-PJ	PA-PB-PC-PD-PG-PH-PK	Explora e trabalha o ponto de vista dos alunos sobre o assunto em pauta.	Investiga os pontos de vista e entendimentos dos alunos sobre o assunto	PE-PF-PI-PJ	PA-PB-PC-PD-PG-PH-PK
PF-PI-PJ-PH	PA-PB-PD-PC-PE-PG-PK	Introduz e desenvolve a ideia do sistema alfabético.	a) Apresenta diretamente as correspondências entre sonoridade e grafia.	PA-PB-PC-PF-PH-PI-PJ	PD-PE-PG-PK
			b) Dialoga com os alunos sobre essas correspondências	PF-PH-PI-PJ	PA-PB-PC-PD-PE-PG-PK
PF-PI-PJ-PH	PA-PB-PC-PD-PE-PG-PK	Orienta os estudantes no trabalho sobre a organização do sistema alfabético	a) Proporciona oportunidades aos alunos para falar e pensar sobre as novas ideias referentes ao sistema alfabético, individual e coletivamente no decorrer da aula.	PF-PH-PI-PJ	PA-PB-PC-PD-PE-PG-PK
			b) Apoia os alunos para produzir significados individuais, internalizando essas ideias.	PF-PI-PJ	PA-PB-PC-PD-PE-PG-PH-PK
PI-PJ	PA-PB-PC-PD-PE-PF-PG-PH-PK	Orienta a utilização da escrita alfabética na produção textual	Apoia os alunos na aplicação dos conhecimentos sobre o sistema alfabético em outros contextos.	PJ	PA-PB-PC-PD-PE-PF-PG-PH-PI-PK

Legenda: (P=Professora/ **vermelho**: menor Ideb/ **azul**: maior Ideb)

Fonte: Elaborado pela autora. (2016)

Quadro 11b – Abordagem Comunicativa
Abordagem comunicativa

Dialógica		Autoritária	
Interativa/dialógica	Não-interativa/dialógica	Interativa/autoritária	Não-interativa/autoritária
PF-PI-PJ		PA-PB-PC- PD-PE-PG- PH-PK	

Fonte: Elaborado pela autora. (2016)

Quadro11c – Ações

Intervenções da professora	Foco	Padrões de interação	Sim	Não
1. Dá forma às ideias	- Explora as ideias dos alunos.	1. Introduz um termo novo; parafraseia uma resposta do aluno; mostra a diferença entre dois significados.	PF-PI-PJ	PA- PB-PC-PD-PE-PG-PH-PK
		2. Considera a resposta do aluno na sua fala.	PE-PF-PI-PJ	PA-PB-PC-PD-PG-PH-PK
		- Ignora a resposta de um aluno.	PA-PB-PG-PK	PC-PD-PE-PF-PH-PI-PJ
2. Seleciona ideia	- Trabalha as ideias dos alunos no decorrer da aula.	3. Repete um enunciado.	PF-PJ	PA-PB-PC-PD-PE-PG-PH-PI-PK
		- Pede ao aluno que repita um enunciado.	PJ	PA-PB-PC-PD-PE-PF-PG-PH-PI-PK
		- Estabelece uma sequência I-R-A (iniciação, resposta e avaliação) com um aluno para confirmar uma ideia	PD-PE-PF-PI-PJ	PA-PB-PC-PG-PH-PK
3. Marca ideias chave		- Usa um tom de voz particular para realçar certas partes do enunciado.	PA-PF-PI-PJ	PA-PC-PD-PE-PG-PH-PK
4. Compartilha ideias	Torna as ideias disponíveis para todos os alunos da classe	4. Repete a ideia de um aluno para toda a classe	PE-PI-PJ	PA-PB-PC-PD-PF-PG-PH-PK
		- pede a um aluno que repita um enunciado para a classe	PJ	PA-PB-PC-PD-PE-PF-PG-PH-PI-PK
		- compartilha resultados dos diferentes grupos com toda a classe	PI-PJ	PA-PB-PC-PD-PE-PF-PG-PH-PK
		- pede aos alunos que organizem suas ideias		PA-PB-PC-PD-PE-PF-PG-PH-PI-PJ-PK
5. Confere o entendimento dos alunos	Verifica os significados atribuídos pelos alunos ao assunto da aula.	5. Solicita a um aluno que explique melhor sua ideia		PA-PB-PC-PD-PE-PF-PG-PH-PI-PJ-PK
		- pede ao aluno que apresente suas explicações		PA-PB-PC-PD-PE-PF-PG-PH-PI-PJ-PK
		- verifica se há consenso da classe sobre determinados significados.		PA-PB-PC-PD-PE-PF-PG-PH-PI-PJ-PK
6. Analisa	Recapitula o assunto em pauta	6. Sintetiza as contribuições apresentadas pelos alunos		PA-PB-PC-PD-PE-PF-PG-PH-PI-PJ-PK
		- recapitula as atividades de uma aula anterior	PI-PJ	PA-PB-PC-PD-PE-PF-PG-PH-PK
		- revê o progresso no decorrer da aula		PA-PB-PC-PD-PE-PF-PG-PH-PI-PJ-PK

Fonte: Elaborado pela autora. (2016)

4.5.1 Modalidade 1: ausência de diálogos com os alunos

Nessa modalidade constatou-se que as docentes denominadas **PA**, **PB**, **PD**, **PG** e **PK** não estabelecem contato individual com o grupo, “lecionam para 06 a 09 alunos”, atribuem a eles o interesse como próprio da criança – reflexo de apoio familiar e hábitos culturais e sociais. A ação docente indica e direciona as respostas dos alunos que participam ativamente das aulas. As ações dos demais limitam-se a copiar as respostas das atividades registradas na lousa.

A partir das observações das aulas é possível constatar que a maioria das docentes, tem sua postura didática pautada em atividades diversas e não sistematizada, percebe-se que as atividades propostas não apresentam uma sequência lógica em relação aos conteúdos trabalhados.

Constatou-se também falas fragmentadas diante de um assunto apresentado aos alunos, no qual não se percebe a sequência coerente entre elas, verificação de interação com o objeto de estudo e exploração de conceitos.

Segue exemplo de episódio de aula que ilustra as ações das participantes dessa modalidade.

*A professora escreve a rotina na lousa. **P**: Hoje vamos fazer isso. Vamos ler o poema. E já inicia a leitura. Diz: “Perfume”. Lê o poema que está escrito em um livro. Durante a leitura 04 alunos não prestam atenção: 01 brinca com tesoura; 02 com lápis de cor e 01 com um lápis na boca. Conclui a leitura e mostra a página na qual está escrito o poema e também em que há um desenho. **A**: Olha o vidro! Nesse momento a professora fecha o livro e diz entregando os cadernos: **P**: Vistos. (refere-se à verificação da tarefa de casa). Que dia é hoje? Ninguém responde. **P**: Ontem foi...? Ninguém responde. **P**: Ontem foi domingo. Depois de domingo vem o quê? **A**: Quarta. **P**: Não. Ontem foi domingo e hoje é...? **A**: Segunda. Conclui: segunda-feira, 23 DE MARÇO DE 2015. - Registra na lousa. Escreve na lousa: Alfabeto. Solicita aos alunos escreverem com lápis colorido. Após, pede para escrever o alfabeto em letra bastão. **P**: Semana passada vimos as vogais. Quais são elas? Alguns alunos respondem: “A, E, I, O, U”. **P**: Ontem foi o dia mundial da água, então hoje vamos fazer um desenho da água e uma máscara. Quem terminar o alfabeto traz para mim. - A professora levanta-se de sua cadeira faz algumas linhas na lousa e escreve: “Vogais”. **P**: Qual o nome do poema que li? - Uma aluna responde: **A**: Perfume. - A professora escreve - “Leitura: Perfume”. E senta-se à mesa. **P**: K., traz seu caderno de classe para eu colar a abertura. **P**: Depois que terminar toda a sua lição você colore, tá? **P**: Escrevam “B” hoje não vamos trabalhar a família dele. - Para e vai até um aluno que está apontando um lápis: **P**: Deixa eu ver? Vamos completar a linha com a letrinha B. Os alunos*

*terminam em 02'. P: Fecha o caderno. Vamos terminar a atividade do corpo humano. Na folhinha que vou entregar a vocês está escrito assim: "O nosso corpo é formado por 03 partes: cabeça, tronco e pernas..." Continua lendo sentada à mesa e os alunos ouvem. - A cada parte do corpo que lê aponta em seu próprio corpo. P: L., entrega a folhinha. Para casa vai uma folhinha do corpo também. A professora senta-se à mesa. P: Acabou, A.? O aluno não responde. Vem até aqui. O aluno vai. A professora diz: Não sabe usar o caderno? Você já aprendeu. Dizendo isso cola a atividade referente ao corpo humano. P: Vamos lá. – Levanta-se de sua cadeira e diz: Peguem um lápis colorido. Escreve na lousa: "22 DE MARÇO: DIA MUNDIAL DA ÁGUA". P: Mais alguém está com a APM? A: Não! – Apenas uma criança responde. P: Por que será que a água é importante para os peixes? A: Para eles "viver" - Apenas uma criança responde. P: Só os peixes precisam de água? A: Não. (Três alunos respondem). P: Como podemos economizar água? A: Bebendo pouco. – Um aluno responde. P: Não. A: Fechando a torneira. – A aluna terminou de falar e a professora levantou no mesmo instante de sua cadeira e disse: "Quem já terminou?" – referindo-se ao colorir a mão – vai fazer isso. Começa a ilustrar, na figura de uma mão que está registrada na lousa, para que essa figura transforme-se em um peixe. **Obs.:** O "diálogo" sobre a água foi realizado com a professora sentada à mesa separando alguns papéis. Não olhava para os alunos. Permaneceu com a cabeça voltada para baixo, atenta ao que estava organizando. A professora fica 05 minutos desenhando e quando vai até o armário (caminhando) pergunta aos alunos: P: Pode jogar lixo no rio? – Apenas três alunos respondem. A: Não!- A professora (de costas para todos, pegando alguma coisa no armário) diz: P: É, lixo é só no lixo! Sai de perto do armário, vai para perto da lousa e conecta o fio da pistola da cola quente ao interruptor. Senta-se à mesa e chama um aluno para ver como está o desenho e entrega o caderno de lição de casa. **(Episódio de uma aula observada no 1º ano da PB)***

Ao observar as aulas das professoras denominadas PD e PK é possível averiguar em suas ações pedagógicas relevante importância em perguntas e respostas, uma vez que o 'diálogo' limita-se a respostas direcionadas. Cabe salientar que há nas salas dessas professoras uma fileira com 06 (seis) alunos, que segundo as professoras, apresentam problemas de aprendizagem. Esses ficam nas carteiras encostadas na parede, do lado direito da porta de entrada – lado inverso onde está localizada a mesa da professora, na qual as docentes permanecem sentadas a maior parte do tempo. Segue um episódio de aula que caracteriza as ações docentes – PD e PK.

13h35: P: Pessoal, vou chamar 01 por 01 para ver como vocês fizeram a atividade de ontem, aqueles problemas. Hoje nós vamos trabalhar uma atividade muito legal, é a história “Cachinhos de ouro”. A história é composta de 02 partes. Primeiro a história, depois as atividades. Pode ir lendo e marcando a resposta. **1-** Marque as respostas de acordo com a história. (quatro itens para o aluno marcar a alternativa correta a partir da observação de três ilustrações para cada pergunta: A história fala de:/ Os ursos moravam numa:/ Na história aparece também:/ **2-** Por que os ursos foram de manhã dar uma volta na floresta? – resposta dissertativa). **(Episódio de uma aula observada no 3º ano da PD.)**

4.5.2 Modalidade 2: ocorrência de diálogos com alguns alunos sobre o código alfabético.

Fazem parte dessa modalidade as professoras: **PC**, **PE**, **PH** às quais estabelecem contato individual com alguns alunos. A ação docente indica e direciona as respostas dos mesmos. Não há interação entre os pares e as docentes **PC** e **PE** demonstraram atitudes coercitivas em relação ao comportamento dos alunos.

Embora as docentes dessa modalidade possibilitassem maior participação oral por parte dos alunos durante as aulas, constatou-se que as mesmas delimitavam as perguntas e as respostas, cerceando o desenvolvimento de uma ideia e/ou ponto de vista. Veja um exemplo que caracteriza o trabalho pedagógico desenvolvido por essas professoras.

12h55: P: Vocês vão fazer o desenho de sua família, escrever o nome dos seus pais, avós e seu nome. **P:** Oh! T., por que a professora deu de tarefa “o nome da sua avó”? **A:** É, mas eu não sei. **13h15: P:** É, agora você não vai saber escrever. - Nesse momento a professora passa em 02 carteiras e diz para uma aluna: **P:** Você juntou os nomes, “Elisabe” não é grudado com ____, esse não é junto com _____. (Refere-se ao sobrenome) - Vai para outra carteira de outro aluno e diz: **P:** Cadê o nome de seus avós? **A:** É _____. **P:** Mas e o sobrenome? **14h 20: P:** Vou entregar a atividade (de História). Vou ler para vocês. - Lê: “nº 01- Escreva seu nome completo, o nome inteiro, nome e sobrenome”. Não lê todo o enunciado, que é: “Escreva seu nome completo e sua idade”. - “No nº 02, desenhe sua família. Lá no nº 03 é para escrever os nomes de sua família, lá na “arvrinha”. Nesta “arvrinha” você tem que colocar o seu nome, dos seus pais e dos seus avós. Para a leitura/explicação. **A:** Ah! Prô, eu não sei o nome dos meus avós. **A:** Não sei o nome dos meus pais. **P:** Lógico que sabe. Vou passar nas carteiras. Só vou à mesa de quem estiver

quieto. A: Aqui é o nome do meu pai? Eu não sei ler. 14h30: P: Não, é aqui. (Aponta com o dedo onde o aluno deve escrever). Li...di... Como é o di? Di (fala com ênfase).. vai falando para você e vai pensando. Li...di...di...di...a...a...ne. Junta as letrinhas e escreve. Agora...nome do seu avô. Oh, Pa! É para fazer a sua atividade não é para conversar com o colega. - A professora fala isso porque o colega de Pa. solicitou auxílio. P: Peguem o caderno de português, coloquem o cabeçalho, pulem uma linha. Escrevam o alfabeto. A: Posso escrever "Alfabeto"? P: Não. Vamos trabalhar só as letras. - A professora registra na lousa: A-B-C-D-E-F e na outra linha FA-FE-FI-FO-FU-FÃO/ fa-fe-fi-fo-fu-fão e solicita que os alunos façam a cópia. 15h25 – FIFI (em vermelho). – É um texto: Aonde vai fifi?Aonde vai fifi?Vou à janela. Vou à janela. Fazer o quê, Fifi? Fazer o quê, Fifi? Vou fofocar...vou fofocar.1)Circule as palavras com F. P: Eu escrevi este textinho pra vocês verem a letra F. Vamos ler.Todos leem com a orientação da professora.15h30: P:Quem conhece este texto com música? Ninguém responde. A professora canta e em seguida canta com os alunos. A: Tem muito F. P: Onde tem F? A: Fifi. P: Onde mais? (Pergunta isso circulando as duas palavras da primeira linha do texto). Vamos separar sílabas. P:Vamos corrigir na lousa. - Chama 15 alunos, cada um separa as sílabas de uma palavra, sendo um de cada vez. - A cada palavra a professora lê a palavra e diz: P: Vamos fazer: Fo-me.- Os alunos batem palmas de acordo com a quantidade de sílabas e dizem o número correspondente. O aluno que está na lousa registra a separação.(Episódio de uma aula observada no 2º ano da PC).

4.5.3 Modalidade 3: diálogos focados no código alfabético com todos os alunos.

A docente denomina **PF** é a única a fazer parte dessa modalidade . Em sua ação pedagógica constata-se interação com todos os alunos e desses entre si, considerando o código alfabético. Explora a escrita de palavras e frases de modo contextualizado, como se vê a seguir.

A leitura de textos literários e enunciados de atividade foi explorada e a docente constantemente atentava à fala dos alunos. Demonstrou afetividade com seus alunos durante a coleta de dados. Cabe salientar que na sala de aula havia uma criança com deficiência auditiva, a qual era assessorada por uma monitora, mas a professora interagia com ela o tempo todo por meio da linguagem de sinais.

12h45 - P: Hoje é? A: segunda-feira. P: Ontem foi o 1º dia da semana, foi...? A: Domingo. P: Vou fazer a rotina. - Registra na lousa: Português, lanche, Matemática. P: Vamos fazer o

alfabeto. (Em libras). Os alunos e professora dizem e fazem o sinal. **P:** O livro que nós vamos ver ler fala sobre família. **12h55: P:** Vou contar a história “A melhor família do mundo”. Quem escreveu foi Suzana Lopes. **A:** Acho que essa história vai ser engraçada. A professora inicia a leitura. Todos os alunos ficam atentos ao que ouvem. Conclui a leitura e questiona os alunos: **P:** O que é orfanato? **A:** Um hotel. **A:** É um lugar “de quem” não tem família mora. **P:** É um lugar que ficam crianças aguardando ser...? Silêncio. **P:** Adotadas. **13h00 - P:** Vou parar por aqui. Amanhã continuo. **P:** Na apostila o que estamos vendo...? Ninguém responde. **P:** Ah! Esqueceram? **A:** Família. **P:** Não. **P:** Escola. **A:** Ah, é! Escola. A professora distribui a apostila e orienta a monitora que cuida da criança com deficiência auditiva. **P:** Página...- Os alunos procuram a página. Caso o aluno não a encontre a professora o orienta, mas a criança faz isso sozinha. **13h05: P:** Para uma escola funcionar bem preciso o quê é preciso? **A:** Muita gente. **A:** Não ia ter aula de arte. **A:** Coordenadora. **A:** Cozinha. **A:** Diretora. **P:** Então, para uma escola funcionar bem precisa...? **A:** De muita gente. **P:** Só de monitora tem quantas? Contam. **A:** 06. **P:** O que elas fazem? **A:** “Cuida da gente”. **A:** Leva na diretoria quem faz bagunça. **P:** Quem faz bagunça ou briga tem que ir para a diretoria por quê? **A:** Para ficar de castigo. **P:** Quem limpa a escola?- A professora vai para a apostila e lê “Pessoas da minha escola” – além dos amigos da sala e professores, que são pessoas com quem vocês convivem todos os dias, há pessoas que fazem parte da sua vida escolar. Quem são essas pessoas? As crianças verificam as figuras e falam os nomes das outras professoras do mesmo período. **P:** Tem outro espaço que vocês terão que recortar objetos usados na escola. A professora vai até o canto, próximo à sua mesa, e pega: uma vassoura, um rodo, um balde, um pano para tirar pó e um pano de chão. Mostra aos alunos. Outros simulam utilização desses objetos. **P:** Agora vocês vão desenhar esses objetos e depois escrever o nome. A professora desenha na lousa uma vassoura e diz: **P:** Não sou desenhista. **A:** A professora de arte é. **P:** Ela é. **P:** Vamos escrever VASSOURA. **A:** V e A. **P:** SOU **A:** Ç. **P:** Ç? **A:** S. **P:** Isso., dois S. **P:** RA? **A:** R e A. A professora desenha um retângulo e diz: **P:** Isso é um pano. Como é que se fala? A professora diz “PÃ”. **P:** Vamos escrever. **A:** P e A. **P:** E “NO”? **A:** N e O. A professora desenha um balde e diz: **P:** O que é isso? **A:** Balde. **A:** BA. **P:** E para ficar BAL? Ninguém responde. **P:** Coloca o L. A professora desenha um vidro e diz: **P:** É um vidro de ...? **A:** É um bico. **P:** Não é bico. (a professora ri). A criança atenta-se ao bico de onde sai o produto. **A:** É detergente. **P:** Como se escreve. **A:** Com D. **P:** DE-TER-GEN-TE. **A:** Tem um “trem” de limpar janela. **P:** ‘Trem’ de limpar janela? **A:** É um negócio que faz espuma... **A:** É sabão. A professora escreve “SA” e pergunta: e BÃO? **A:** B. **A:** Como é BÃO? **P:** Como é? **A:** B e ÃO. **13h40: A:** Professora, “vanish”! **P:** Nossa, como você é chique! **A:** Bucha. **P:** Bucha não tem aqui. (Refere-se aos produtos do balde). **13h45 –** A professora lê com os alunos as palavras que escreveu: VASSOURA, PANO, RODO, BALDE, DETERGENTE. A cada leitura os alunos batem palmas e

verificam a quantidade de sílabas. As crianças escrevem as palavras e fazem os desenhos. Nesse instante as carteiras, que no início da aula estavam dispostas em fileiras, estão em dupla, trio ou em quatro. Todos participam da aula. (Episódio de uma aula observada no 2º ano da PF.)

4.5.4 Modalidade 4: ocorrência de diálogos com todos os alunos focados nas interações desses com os textos.

As práticas pedagógicas das docentes **PI** e **PJ** garantem a interação dos participantes da aula. Dialogam com o texto e seus interlocutores como também demonstram conhecimento do assunto em pauta.

Os ambientes das salas de aulas e as disposições do mobiliário são iguais aos das outras salas, porém, os alunos têm a liberdade de sentarem com os seus pares, principalmente nos momentos de atividades de escrita e situações-problema. As crianças movimentam-se livremente nesse ambiente sob um clima acolhedor e cooperativo.

É importante ressaltar que alunos da **PJ** “elaboram em casa seus próprios livros”. A Professora estimulam-os a criarem suas próprias histórias baseadas nos livros lidos em classe. No decorrer da coleta de dados, cinco alunos leram para seus colegas de sala texto de sua própria autoria.

Segue exemplo de um episódio de aula que exemplifica o trabalho das docentes dessa modalidade:

12h55: P: Vou ler esse livro: “Um sujeito sem qualidade”.- No momento da leitura os alunos fazem algumas observações. **A:** O que é isso, professora? **A:** Eu já ouvi. **A:** Professora, por que só tem uma parte dele? (Refere-se a uma parte do corpo do personagem). **A:** O que é circundante? O que tem em volta. As montanhas estão em volta dele. Ao descobrirem o personagem principal os alunos disseram: **13h05: A:** Agora sim! **A:** Olha o “zóio” dele. Todos riram. **P:** É, “olha” que tamanho de olhos! **A:** A calça dele caiu... **P:** No final da história ele decidiu ser ele mesmo... **P:** Abram a apostila na página 74. Ontem nós falamos sobre o “tempo”, que ele passa tão rápido... **A:** Que a gente nem percebe. **13h25: P:** Tem momento que ele demora a passar. “Como você organiza seu tempo? Preencha os quadros a seguir com as coisas que você faz durante o dia”. (Há 03 quadros: um com a figura de sol, outro com o sol se pondo e outro com a lua). **A:** Eu tomo café da manhã. **A:** Professora, eu arrumo para vir para a escola. **A:** Eu faço lição de casa e a lição do dia. **A:** Lição do dia? **A:** É. Tomo café, jogo água nas plantas, arrumo meu quarto, essas são “alguma”

lição do dia. P: Vocês fazem algumas tarefas em casa... A: Compro pão, tomo café, faço lição, arrumo a casa com minha mãe. P: De manhã dá para fazer muitas coisas. 13h30: A: É, dá para fazer muita coisa. A: Levanto, busco pão, tomo café, brinco um pouquinho e faço a lição. A: jogo videogame, vou “na” casa da minha tia, faço lição, tomo banho, almoço e venho para a escola. P: Tudo isso que falaram é o que vocês fazem no período da manhã. Agora vocês vão escrever isso na frente da figura do sol. - Os alunos escrevem o que dialogaram e a professora os auxilia. 13h40: P: No quadro abaixo vocês vão escrever o que fazem à tarde. A: Vou pra escola. A: Venho pra escola. A: Tenho aula de arte. A: De Ed. Física. A: Vou no parque. A: Vamos “na” biblioteca. A: Eu vou para escola. A: Estudo minha matéria preferida, que é Matemática. P: Vocês vão escrever. - Os alunos escrevem e a professora os auxiliam o tempo todo. P: E a noite o que fazem? A: Eu tomo banho ... P: O dia é dividido em partes: manhã, tarde e noite. Em cada período do dia tem uma tarefa específica. A: Agora é hora de estudar. P: Para cada coisa na nossa vida tem um tempo, a gente vai olhar a vida de Ana e Francisco – figura no livro. O Francisco divide o tempo assim: na parte amarela é o tempo de estudar; na parte verde é o tempo que ele dorme e o vermelho é o tempo de brincar. Isto é um gráfico. Onde ele gasta mais tempo? A: Dormir. A: Brincar. P: É bastante parecido, vamos olhar melhor. A: Ele demora mais dormindo. P: Ele dorme mais. E a Ana? A: Estuda mais que Francisco, dorme menos e brinca menos. 14h00 - P: Na letra a) Quem destina mais tempo aos estudos? A: Ana. P: Isso, Ana. Quem é dorminhoco? A: Francisco. A: Eu não gosto de dormir, não! P: Letra b) Quem fica mais tempo brincando? A: Francisco. Obs: A professora escreve o nome de Ana e Francisco. E diz: “Para Ana, o primeiro A tem som fechado e NA o som é aberto. P: Letra c) Quem é mais dorminhoco? A: Francisco. 14h05 - P: A palavra tempo tem vários significados, depende da frase. Vamos ler a letra A: “Ontem o tempo estava chuvoso”. Aqui o tempo significa estado atmosférico. A: O que é atmosférico? P: É quando o tempo está chuvoso, ensolarado, nublado. É quando o clima muda. Tem hora ou dia que está calor, fresquinho ou muito quente. O tempo está nublado? A: Não. A: É quando tem nuvem e o sol “tá” escondido. A: Hoje o clima está... A: Bom. A: Está ensolarado. P: Vamos ler: “No tempo dos homens das cavernas não tinha TV”. Tempo e época é a mesma coisa. Se a gente disser “Na época dos homens da caverna não tinha TV”, queremos dizer a mesma coisa. Uma criança diz: A: Tempo e época é a mesma coisa? P: O tempo passa muito rápido. Aqui tempo significa período, passagem de dias, meses, anos. A: Hoje é um dia. A: É. “tá” em junho. A: “Tá” em 2015. P: Represente as duas situações indicadas por meio de desenho. A: Tempo chuvoso. P: E o outro? A: No tempo das cavernas. P: E o tempo das cavernas? A: É na época das cavernas. P: Esse tempo é muito distante? A: Antes de todo mundo. A: Eu não conheci meu avô. A: Eu não conheci meu vô B.- Os alunos iniciam a ilustração, levam para a pesquisadora ver e diz: A: Professora, olha! A: Ela é a Adriana.- Mostram os desenhos. Esses são coerentes com o assunto. Pesq: Que

desenho interessante! A: É o homem da caverna. Pesq: Você desenhou uma roupa? A: Não é uma camiseta assim (Passa sua mão em sua camiseta). A: É uma roupa feita com pele de animal. Pesq: Que interessante! A: Antes não “existia” essas roupas. (Roupas de hoje). P: Vamos concluir a atividade. - Os alunos mostram suas ilustrações um para o outro; para a professora e para a pesquisadora. Surgiram comentários: A: Que legal! Olha a caverna. A: Nessa época tinha dinossauros? P: Não. Eles morreram antes. (Registro de episódio de uma aula do 2º ano – PI)

4.6 Resultados e análise das entrevistas com as docentes

Para a realização das entrevistas foi utilizado um roteiro de questões no qual as participantes da pesquisa puderam expor suas concepções de ensino, aprendizagem, leitura e escrita e aspectos vinculados às ações docentes acerca das interações com o objeto de estudo.

Os quadros a seguir trazem na íntegra o registro das falas das participantes – gravadas em áudio. Ressalta-se que a elaboração dos quadros pauta-se na divisão das escolas pesquisadas: Escola I – com menor IEDB/2013 e Escola II – maior IDEB/2013.

Escola I – menor IDEB/2013 – Modalidades 1 e 2 (M 1 e 2)

Quadro 12 – Conceitos de ensino e aprendizagem

O que você entende por ensino?	Qual a diferença quando você ensina uma criança e quando não ensina?	O que você entende por aprendizagem?	Do centes
É transmitir conhecimento.	Ela não vai aprender. Mas acho difícil, porque eu explico, faço, tento ajudar.	É quando a criança consegue compreender o que estou tentando ensinar, transmitir, quando ela responde aquilo que esperamos.	PA 1º ano M 1
É passar tudo aquilo que eu sei e mais um pouco, o que estou aprendendo para eles no dia a dia. Todo dia eu, a gente, aprende com eles e tenta passar o que a gente já sabe.	É quando ele aprende. Quando a gente vê o resultado daquilo que a gente ensinou, que foi válido passar aquilo.	É quando a gente faz pergunta e o aluno responde certo. Não adianta falar só em prova. Tem crianças que sabe e chega no dia e não sabe responder, fica nervosa e não responde.	PB 1º ano M 1
Entendo que o ensino não é só ensinar a ler e escrever A, B, C e ficar ali, mas “é” coisas do cotidiano, diárias, tudo isso envolve. Não é só alfabetizar, só letras, é um conjunto de ensino.	Chego a pensar que seja algum problema, bloqueio. Eu percebo aqui nessa sala, tem coisas que eu converso com os alunos, e não é coisa de sala de aula, “é coisa” deles mesmo, e eles não entendem o que estou falando. Tem um bloqueio. Eu termino de falar e eles me perguntam de novo	Vamos por suposição: eu não acho que seja só o que ensinei, por exemplo, B com A, mas o movimento, o guardar, o fechar é a criança entender. Coisas do cotidiano mesmo... Eu percebo que ela está entendendo o que estou falando com ela, que ela está aprendendo quando damos um comando e percebo que a criança não está te entendendo.	PC 2º ano M 2
Eu acho que é transmitir conhecimentos, quando temos para passar para o aluno. A alfabetização, tentamos ensinar “ele” a ler e escrever.	Acho que quando eu ensino eu percebo que ele muda e quando não atingimos o aluno é como se não tivesse ensinado, ele permanece... Às vezes, não só por não ter ensinado, por ‘n’ motivos, mas percebemos que ele não avança.	É quando o aluno entende aquilo que falamos e vai sendo autônomo, vai respondendo, participando.	PD 3º ano M1
Uma troca. O professor não é detentor de todo conhecimento, ele troca com o aluno e possibilita que o aluno construa o conhecimento. Acho que é essa a função dele ao ensinar. Fazer com que a criança pense sobre os desafios da linguagem, da matemática e que ele consiga construir, mas sempre mediando, nunca abandonando o aluno.	Ele simplesmente não vai aprender. Sem a mediação, sem questionamento, sem o professor problematizar para o aluno, sozinho ele dificilmente vai conseguir avançar. Existe o avanço natural, a maturidade, mas não em sala de aula, ali precisa haver a mediação, precisa haver essa constante reflexão do professor sobre o que ele está fazendo e fazer com que o aluno também reflita.	Acho que é a troca do conhecimento, a reflexão e a troca do conhecimento. Acredito que seja isso.	PE 3º ano M 2

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Quadro 13a – Conceitos de leitura.

O que entende por leitura?	Como as crianças aprendem a ler?	Como se ensina uma criança a ler ?	Docentes
Leitura é viajar. Eu amo ler, mas você vê que tem criança que não gosta muito. Então, pra mim, leitura é viajar, é conhecimento, novas aventuras. É essencial.	Tem vários fatores. Acho que é muito estímulo em casa, na sala também, o que o professor traz você cativa, o que eles acham importante. Acho que é um conjunto de elementos, que vai desde casa até dentro da sala com a professora.	Lendo, trabalhando todo dia, participando das atividades.	PA 1º ano M1
É quando a criança começa realmente a juntar as letrinhas, a família silábica. Tudo começa aí. Primeiro o alfabeto, depois as famílias silábicas e o resultado final é a leitura e a escrita. E para gente é muito gratificante quando a criança começa a ler.	E agora? Eu tento passar... A gente começa conversando com eles primeiramente, depois eles fazendo a leitura da letra, juntando e aos pouquinhos a gente vai percebendo o que vai saindo, o ato de ensinar. É o que eu tento passar, é isso.	É transmitir para eles o que eles precisam para ler e aprendem quando eles entendem o que explico.	PB 1º ano M1
Eu acho que é muito importante. Também tem aquele outro lado, não é só a leitura de ler, só o ler por ler, se leu e não entendeu nada não tem o porquê da leitura. Eu acho que é o momento mais especial para a criança. Principalmente quando trabalhamos com eles o que entenderam, vamos tirando da imaginação deles o sentido do texto. Assim, realmente percebo estão... lendo.	Eu entro na leitura dos mundos, não é só na dos livros. São vários fatores. A criança não precisa ler só com letras, mas vamos supor: eu mostro uma foto e elas falam o nome daquele objeto para mim. Eu posso ter uma leitura daquilo também.	Ensinando para elas o que são as coisas, objetos, não é só escrevendo ou lendo. Por isso eu falo, às vezes estou ensinando na lousa e elas não tem aquela resposta na escrita ou na leitura ali, mas elas têm a resposta quando eu vou conversar com elas.	PC 2º ano M2

Como as crianças aprendem a ler e como se ensina uma criança a ler.

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Quadro 13b – Conceitos de leitura

O que entende por leitura?	Como as crianças aprendem a ler?	Como se ensina uma criança a ler ?	Do centes
Acho que ler é decodificar as letras. Não só as sílabas, mas as palavras. Leitura é isso, é diferente da interpretação do letramento, quando ele, além de ler, entende o que leu. É no 3º ano que vamos vendo quem lê e quem interpreta. Muitos deles leem, mas poucos interpretam.	Eles vão conhecendo as letras, as famílias silábicas e a partir disso vão formando palavras conhecidas, o nome e vão aprendendo a codificação dos símbolos.	Para mim a criança precisa saber a letra e o som que ela tem, a sílaba e o som que ela tem. A partir daí ir construindo palavras, frases.	PD 3º ano M1
Pra mim um leitor precisa saber decodificar e interpretar, não adianta simplesmente falar que seu aluno sabe ler. Ele sabe ler e sabe entender o que está lendo? Acho que é alfabetizado e letrado. A leitura não é simplesmente decodificar.	Tendo contato com diversos tipos de gêneros. Acho muito importante para o desenvolvimento da criança que esse contato se faça o mais cedo possível. Nesse caso, a importância da creche, da pré-escola para que o aluno chegue ao fundamental com uma boa bagagem disso. Quando o aluno não tem, cabe a nós proporcionar esse momento de leitura.	Contato e exploração do livro, de fazer a própria leitura. Eu gosto muito o momento da leitura com eles. Deixo à vontade para escolherem os livros que querem ler e vou chamando um por um e fazendo a mediação, a problematização das histórias.	PE 3º ano M2

Como as crianças aprendem a ler e como se ensina uma criança a ler.

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Quadro 14 – Conceitos de escrita

O que entende por escrita?	Como as crianças aprendem a escrever?	Como se ensina uma criança a escrever ?	Do centes
É quando a criança consegue utilizar as letras, sílabas e palavras que ensinei.	Trabalhando as letras, sílabas e palavras.	Escrevendo, trabalhando todo dia, mostrando as atividades lúdicas. Eu trabalho com fantoche, com o livro varal que tem letrinhas, sílabas e palavras. Trabalho com o caderno, apostila, caderno de portfólio e o livro didático de português. Também trabalho com a palavra geradora, mas ainda não estou trabalhando. Só depois que eu terminar todas as famílias, o alfabeto, eu começo a trabalhar as palavras geradoras.	PA 1º ano M1
É quando a criança começa realmente a juntar as letrinhas, a família silábica. Tudo começa aí.	Primeiro apresento o alfabeto e as vogais, depois com a família silábica. Depois vou cobrar as palavrinhas. Tem alguns que já sabem. Vou entrar nesses bancos de palavras, pesquisa de recorte de letras, depois passando para as palavras, daí eles vão juntando e vai sair...	Começa pelas letras, depois passa para a família silábica até chegar nas palavrinhas. No primeiro ano não entro com texto. Talvez no finalzinho do ano vou entrar com textinho.	PB 1º ano M1
É colocar no papel o que falam.	Falando para mim o que aprenderam de um tema, objeto. Eu vou escrevendo junto com eles.	Eu faço assim: tem um método que a gente faz, que a gente usa que é ler e circular, essas coisas... Eu trouxe uma figura; primeiro vamos falar o nome, vamos conversar sobre o entendimento, eu ia escrevendo, perguntando com que letras vão fazer. Fomos fazendo juntos.	PC 2º Ano M2
É o conhecimento das letras, das famílias silábicas e a partir disso as crianças vão formando palavras conhecidas, o nome e vão aprendendo a codificação dos símbolos.	Acho que aprendem a partir do momento em que estão conhecendo as letras, e aí as palavras, os nomes.	A partir do conhecimento das letras também, das famílias silábicas das palavras.	PD 3º ano M1
Penso que é conseguir se expressar por meio das palavras.	Boa pergunta. Eu ainda não consegui achar essa resposta. Eu costumo trabalhar com atividades de banco de palavras quando a criança não está ainda conseguindo escrever palavras. Trabalho com texto relacionado, gosto de fazer cruzadinha, acho importante, porque na cruzadinha a criança vê onde estão faltando letras.	Uso estas estratégias: gosto de trabalhar com jogos, tenho em algumas salas o jogo da memória com figuras e o nome para eles irem criando essa consciência. Acho bem interessante colocá-los em grupos nessas atividades, respeitando a proximidade e não destoando o nível de cada um, porque não adianta eu colocar um alfabético com um pré-silábico que não vai haver evolução nenhuma.	PE 3º ano M2

Como as crianças aprendem a escrever e como se ensina uma criança a escrever.

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Quadro 15 – Método ou teoria de ensino atribuído à prática de pedagógica

Em que consiste o método ou teoria de ensino que fundamenta sua prática pedagógica?	Docentes
Tem uma, que esqueci o nome, que tem os dois. É um pouquinho do construtivismo e um pouco do tradicional... Vai também um pouco na sistematização . Eu não sou nem de mais nem de menos. Mostro as famílias, mas não cobro. Eu apresento, trabalho as palavras e depois um textinho, versinho. Não tem um método único que eu siga. Eu vejo o que está dando certo.	PA 1º ano M1
É uma mistura tão grande. A gente não fica só em uma coisa, é uma mistura. Por exemplo, eu trabalho a apostila, trabalho o caderno, tem um livro didático. É uma mistura de tudo. Não posso falar que eu trabalho isso ou aquilo, o que vai dando certo a gente vai tentando introduzir. Não posso definir.	PB 1º ano M2
Método é assim, construtivista, alguma coisa assim? Eu creio que vou desse lado aí, eu acho que é o construtivismo.	PC 2º Ano M2
O método que uso é um pouco de tudo que eu aprendi. Na faculdade aprendemos muito sobre o construtivismo, na prática pedagógica não é tudo que conseguimos inserir. Tem muitas coisas que eu tento: o lúdico, os jogos, partir do todo para depois ir para as partes.	PD 3º ano M1
Não tem um método. Eu uso o que eu consigo para meu aluno aprender. Tem o construtivismo, que é uma abordagem interessante, mas eu preciso um pouco do tradicional, do B com A dá BA, etc.	PE 3º ano M2

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Quadro 16 – Atitudes dos alunos referentes às atividades escolares

Que atitudes dos alunos faz você perceber o seu interesse ou não nas atividades escolares?	Docentes
Quando eu leio no início (da aula) eles gostam mais do que quando leio no final e quando tem aula de educação física, então! Eu procuro não ficar lendo só no início (da aula) para não ficar rotina, mas eu já percebi que quando leio no final não tem tanta atenção. Eu alterno bastante ...	PA 1º ano M 1
Comentários. Quando eles se envolvem mais, querem saber mais. Vem as perguntas e dependendo do tema envolvem mais. O primeiro tema que trabalhei o “eu” depois entrou a “família”. Família envolve muita coisa e eles gostam muito. Semana que vem vai ser páscoa e também é um tema que envolve. Essa semana está no intermediário, porque juntou uma ou outra, então já “tô” nas famílias silábicas. Mas “é” temas que eles se envolvem.	PB 1º ano M1
Eu acho que quando eles comentam... como eu vou falar? Assim, atividades de leitura, eles gostam de falar. Eles querem... Ontem mesmo eles falaram que querem, sabe? Quando vamos fazer leitura eles falam que querem ler. É porque eles estão interessados. É lógico que tem algumas atividades que não vai, por isso temos que estar sempre criando. Um dia fazemos uma coisa, no outro tem que trazer outra. Mas tem coisas que você percebe que eles gostam de fazer.	PC 2º ano M2
A participação na sala. Eles mesmos procurarem, quando eu entrego a lição, fazerem colocações. Às vezes, quando estou fazendo uma leitura a criança levanta a mão e diz que viu em outro lugar; às vezes ela busca o conhecimento que ele trouxe de outro lugar.	PD 3º ano M1
Acho que o envolvimento na atividade, a empolgação e a participação. É importante trazer temas que sejam de interesse do aluno, acho uma boa jogada para conquistá-lo. Infelizmente não são todos os conteúdos que os alunos vão se interessar, mas também temos que trabalhar e fazê-los entender que nem tudo é como eles querem, como eles gostam, porque na vida temos obrigações. Tem o prazer, mas também tem o dever.	PE 3º ano M2

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Quadro 17 – Atitudes importantes para o aprendizado escolar na visão docente

Quais atitudes você pensa que são importantes para o aprendizado na escola?	Docentes
Família. Aqui temos muitos problemas, então a primeira atitude é o envolvimento da família. Quando tem o apoio deles, obtemos melhores resultados. E comprometimento do professor também.	PA 1º ano M1
As crianças que se envolvem mais nas atividades, aprendem.	PB 1º ano M1
Eu pensava muito que era o comportamento. A criança comportada, pelo menos a gente tem facilidade para explicar. A facilidade é do professor nesse caso. Tem que saber desenvolver sua aula. Mas hoje em dia eu percebi, principalmente com o segundo ano, que não vou conseguir que eles fiquem naquela sala todo mundo quietinho. Eu percebo que eles, interagindo do jeitinho deles, eles aprendem mais do que ficando parados no lugar.	PC 2º ano M2
O aluno tem que vir para a escola com uma postura motivada, muitas vezes as atitudes dos pais têm que ser de querer aprender perante a criança. E aqui na escola temos que continuar preservando as atitudes de querer aprender, de gostar do que está fazendo. Às vezes, tem momentos que não temos como transformar tudo em lúdico, então, acho que é a atitude do respeito, do saber, que é um momento mais sério de ficar na cadeira.	PD 3ºano M1
O envolvimento e a participação são fundamentais para adquirir o aprendizado escolar.	PE 3º ano M2

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Quadro 18 – Participação em aula de todos os alunos

Como o professor pode conseguir a participação em aula de todos os alunos?	Docentes
Depende do professor, mas depende também do aluno. Eu faço minha parte, eu ensino, eu busco. Se vejo que não está aprendendo eu busco alternativas: converso com ele, pergunto o que está acontecendo. No primeiro ano é mais difícil, eles participam bem. Às vezes, acontece de um ou outro estar triste, por alguma coisa em casa, ou passando mal, mas nesse nível é mais difícil (não participar), participam bem, até demais, toda hora tem que ficar “cortando”.	PA 1º ano M1
É uma doação. A gente doa o tempo todo para eles. E a criança que procura também, porque tem crianças que vêm atrás, que querem saber mais. Envolvem-se realmente, vêm procurar a gente por mais tempo, vêm pedir mais, ela quer mais. E tem aquelas que já... não querem nada.	PB 1º ano M2
Eu acho que no caso é com atividades criativas. Você trazer uma atividade que não fique só na lousa, só no caderno, eles participam mais. Na matemática eu percebo que eles avançaram bastante a partir de jogos. Eu sento com eles e jogo também. Eu acho que essas coisas eles interagem bem mais.	PC 2º ano M2
Nunca tive problema de aluno que não quer participar na minha aula. Tentamos motivar, conversar como se fosse uma coisa natural, interessante. Sempre tem aquele aluno muito tímido, mas acho que no decorrer, quando ele vê que todos estão falando alguma coisa, ele acaba se soltando. Todos vão tendo essa vontade de conversar. Eu já trabalhei como substituta em salas que foi muito difícil, mesmo trazendo coisas que eles gostam, mesmo trazendo atividades de interesse, teve crianças que não... Então, é difícil atingir a todos. Por isso, acredito que o ensino-aprendizagem tem que ser mesclado com o que você puder trazer de diferente, porque se trouxer sempre a mesma coisa, um ou outro não vai ser atingido.	PD 3ºano M1
Não depende só do professor. Acho que na aprendizagem, dentro do contexto que trabalhamos aqui, o professor tem uma parcela, o aluno também tem uma parcela, porque se ele não quer, não vai aprender, mesmo eu possibilitando de todas as formas.	PE 3º ano M2

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Quadro 19 – As interações estabelecidas durante a aula na visão das docentes

Como você vê as interações estabelecidas durante as aulas, os diálogos entre você e alunos e entre os alunos e alunos?	Docentes
Eu acho que dialogo bem com eles, até demais, sou paciente. Essa sala que estou esse ano é muito falante e já percebi que vou ter que ter outra atitude e pedir ajuda aos pais.	PA 1º ano M1
É muito bom e como aqui temos muito problemas familiares, a gente entra muito nesse campo também. A gente conversa muito com eles. A gente fala que perde tempo, mas não perde tempo com a criança, está ganhando, porque às vezes, uma palavra que você fala, em casa vai ser muito válida. Então, eu acredito que esse diálogo entre professor e aluno é muito bom. A gente aprende com eles e eles tendem a aprender com a gente.	PB 1º ano M1
Eu acho importante porque além de tudo ‘faz eles’ socializarem melhor. Porque falamos o tempo “não faz isso, não faz aquilo” nunca vão saber o que tem que fazer. De vez em quando, eu faço atividade em grupo. No livro que eu trabalho que é de primeiro ano ainda e que eu uso ele de sexta-feira para dar uma voltada, às vezes coloco “eles” em dupla, porque percebo que um ensina o outro e acho importante essa interação. Eu gosto dessas atividades assim. Não sinto muito aquele lado da bagunça.	PC 2º ano M2
Vejo isso de forma boa. Eu sempre consegui conversar bem com eles e eles comigo. E entre eles melhor ainda, gostam muito de conversar.	PD 3ºano M1
Acho que é importante, porque tendo uma interação com o aluno sabemos o que ele pensa, o que quer, o que gosta e o que não gosta, o que ele sabe, onde está a dificuldade dele, onde tem maior facilidade, o que ele gosta mais de fazer. E o aluno com o aluno também é importante essa troca, até pela realidade social, do contexto social. É interessante vê-los conversando. Uma criança tem o respaldo da mãe, por exemplo, hoje não sei se você percebeu que o P.(aluno) me trouxe a agenda com um bilhete da mãe e ela dizia que ele está muito relaxado com o material e se teria problema ele refazer o caderno. Já em contraponto, se ele conversar com o aluno x, que o caderno vem sujo de terra vermelha, quando não rasgado, tira metade da folha, então, acho que é interessante essa troca entre eles sobre o que as mães cobram deles.	PE 3º ano M2

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Quadro 20 – Dificuldades no trabalho com o Ciclo Alfabetização

Quais as dificuldades de se trabalhar com uma turma do Ciclo Alfabetização?	Docentes
É a falta de comprometimento dos pais também. Eu gosto muito de trabalhar com os pais, eles auxiliam nas tarefas de casa, com atividades. Eu explico, falo na reunião o que tem que ser feito e aquele pai que não aparece, que não está nem aí, eu vejo que a criança se não tiver nenhuma dificuldade ela vai, mas tem criança que precisa do retorno em casa, precisa do estímulo do pai. E também tem mais o comportamento, tem aluno que é super inteligente, mas ele tem problemas familiares...	PA 1º ano M1
Aqui geralmente chegam todos parecidos, eles vêm do pré (escola), então já sabemos o que vamos receber. Aqui nessa sala, esse ano, o que está sendo novidade para mim é que estou encontrando bastante criança com problema na fala. Eu tenho 03 que já encaminhei para a fono, (fonoaudióloga) mas '02 a mãe ainda não levou', 01 já está indo.	PB 1º ano M1
É aquele lado assim: eu percebi que eu tenho que trabalhar mais esse lado, para a alfabetização. Mas eu, assim, a dificuldade vai muito do professor. Um pouco a paciência, o respeito, no tempo deles, porque não adianta que todos aprendam juntos. Não adianta eu querer levar aquilo... Eu estou lá na letra D e todos tem que estar ali. Não. Eu tenho alunos que tenho que ficar voltando. Nem por isso deixo de fazer as mesmas atividades que a sala está fazendo. Também dou atividades iguais para eles sentirem que estão fazendo igual à sala. Não gosto de ficar trabalhando diferenciado só com eles não.	PC 2º ano M2
A maior dificuldade que eu tenho é adaptar o conteúdo para os alunos que não sabem nem ler e nem escrever. Acho que no 3º ano, como é fechamento de ciclo, muitas coisas interferem. Deveríamos terminar a alfabetização, mas acabamos tendo conteúdo, cobrança, provas e fica uma tensão em volta do 3º ano. Aqui na escola ninguém pega o 3º, porque sabe que vai ser turbulência.	PD 3ºano M1
Eu acho que é o comprometimento dos pais, o sistema apostilado e o livro didático, porque eles não alfabetizam, eles vêm como se a criança no terceiro ano já estivesse alfabetizada. São material muito bons, porém, está além das necessidades dos meus alunos do terceiro ano.	PE 3º ano M2

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Quadro 21 – Estrutura física e material didático disponível para as docentes

A estrutura física da escola e a disponibilidade de material didático vêm ao encontro de suas expectativas para conseguir trabalhar de forma adequada/produtiva com os alunos?	Docentes
A parte do prédio da escola é ótima, você viu? É muito grande. Tudo muito limpo. E quanto ao material, a escola fornece tudo que eu preciso.	PA 1º ano M1
Tenho tudo que preciso para trabalhar com os alunos: livros de histórias, jogos, apostila, livro didático, 15 (quinze) cópias de xerox por mês para cada aluno. As salas são grandes e limpas. A escola inteira é bem cuidada.	PB 1º ano M1
Não tenho o que reclamar da estrutura (física) da escola. A escola tem livros, material de apoio (jogos diversos, TV, rádio, revistas, brinquedos, etc.). Tem vários jogos de alfabetização no meu armário que coloco para eles (alunos) brincar uma vez por semana. Tenho direito a cópias de xerox, 15 para cada aluno, por mês. Às vezes quero passar um filme e não dá certo. Dia desses quis passar um filme e até hoje não deram a resposta. Às vezes precisa de um rádio e não tem. Algumas coisas assim. É lógico que tem coisas que não tem. Tanto que tem que ir bem antes pedir. Mas toda vez que eu peço alguma coisa, desde que não seja muito caro, eles (Direção) compram.	PC 2º ano M2
Nunca tive problemas com falta de materiais. Aqui sempre tivemos, na medida do que é necessário. Aqui temos 15 cópias por mês de xerox para a criança, 15 matrizes eu posso fazer por mês. Eu sempre tiro alguma coisa em casa. Acabamos tendo lição de casa, muitas coisas que precisam de cópias, mas como temos a apostila, acabamos não precisando usar tanto. Eu também uso o livro didático e para mim é suficiente. A única coisa é a folha sulfite, mas a Diretora sempre que pode compra.	PD 3ºano M1
Tem muitos livros literários, didático – um para cada matéria e eu utilizo sim, complementa o que falta na apostila e tenho direito a xerox. Tudo o que peço para a Coordenadora ela me fornece. O espaço físico é ótimo, tem quadra, parque, pátio, salas de aula com tamanho grande para o número de alunos. Você viu o jardim que lindo?!	PE 3º ano M2

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Escola II – maior IDEB/2013 – Modalidades 1, 2, 3 e 4 (M 1, 2,3 e 4)

Quadro 22a – Conceitos de ensino e aprendizagem

O que você entende por ensino?	Qual a diferença quando você ensina uma criança e quando não ensina?	O que você entende por aprendizagem?	Do centes
Não é jogar, no ensino temos que dar condições para a criança aprender.	Quando eu vejo que minha prática não está dando certo eu mudo, conseguimos perceber sim a diferença.	É a mesma coisa do ensino, você deve dar condições para a criança e você vê que ela está te dando o retorno, tanto na escrita como na linguagem. Elas dão retorno pelas atividades cotidianas e por terem interesse em aprender.	PF 1º ano M3
Transmissão do conhecimento, mas com uma finalidade. Vou “usar ele” pra quê? Agora vamos aprender isso para poder fazer tal coisa.	Acabamos sendo mediadoras, facilitadoras até. Tem algumas que vêm com uma bagagem muito grande já, tem apoio da família e tal, e tem aqueles que só têm a escola.	Acho que é o ato de assimilar e por em prática aquilo que você ouviu, o que você aprendeu, viu.	PG 1º ano M1
Essa é difícil... Ler e escrever. Acho que é fundamental.	Quando eu pego uma criança e não consigo alcançar o objetivo. Eu fico arrasada.	Aprendizagem? Acho que a criança tem que saber né?	PH 2º ano M2
É quando o professor gera uma situação que as crianças aprendem. Visa sempre o aprendizado. Os alunos têm que aprender. Você tem que de certa forma fazer com que o aluno aprenda	Quando a criança aprende. Se ela não aprende é porque eu não ensinei de forma correta. Se ela não aprendeu é porque eu não gerei a situação de forma adequada. A didática, o jeito como vai trabalhar com a criança. O jeito como vai explicar, abordagem do conteúdo, a interação com o aluno.	Aprendizagem é isso: quando vou falar de algum conteúdo e a criança consegue entender aquilo que foi falado. Consegue utilizar no dia-a-dia as situações que estão sendo apresentadas.	PI 2º ano M4

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Quadro 22b – Conceitos de ensino e aprendizagem

O que você entende por ensino?	Qual a diferença quando você ensina uma criança e quando não ensina?	O que você entende por aprendizagem?	Do centes
O ensino é uma palavra muito complexa. Tem um significado muito amplo, envolve todo seu trabalho desenvolvido com as crianças, não só a transmissão de conteúdos (livro), mas o trabalho com valores, de transmissão de conhecimento (mundo).	Difícil essa pergunta. Em algumas situações as crianças aprendem sem que eu ensine. Depende muito da realidade da criança, do contexto, do ambiente em que ela vive. Não só a professora ensina, mas o ambiente favorece muito. Às vezes, conseguimos atingir o objetivo de ensinar, mas em outras vezes não. Depende da sua metodologia.	Acho que é apreender também, adquirir aquilo que estamos querendo passar.	PJ 3º ano M4
Pra mim o ensinar é muito prazeroso, em primeiro lugar, e não é só eu passar o conhecimento para eles, mas primeiramente tirar deles também, é um aprendizado em conjunto. Uma transferência de conhecimento, a minha para eles e a deles para mim. Eles têm muito a ensinar.	Nenhuma. Às vezes a criança não aprendeu determinada matéria porque ainda não está preparada, mas ela tem outras habilidades. Então, ela está sempre aprendendo.	É o que a criança consegue fazer durante as aulas, as habilidades que ela consegue demonstrar.	PK 3º ano M1

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Quadro 23a – Conceitos de leitura

O que entende por leitura?	Como as crianças aprendem a ler?	Como se ensina uma criança a ler ?	Docentes
Leitura não é decodificar, você tem que ir além das linhas, você entender o que está lendo, não é ler por ler.	No meu ponto de vista, acho que elas... no meu caso, acho que primeiro elas escrevem e depois elas leem. Eu dou a condição para ela escrever e ela por si tenta ler o que está escrevendo.	Trabalho bastante com parlendas, que são textos fáceis de memória. Trabalho com lista de nomes, textos curtos.	PF 1º ano M3
Leitura? É a decodificação de códigos, mas com entendimento. Quando você consegue interpretar aquilo que você lê.	Lendo. Construindo, tentando, imaginando, vendo, ouvindo, colocando no papel, tentando criar palavras e ler o que colocou.	Não sei, eu faço isso, mas não sei como. Ir despertando o interesse nela de começar a perceber os sons, de começar a identificar, assimilar a semelhança entre escrita e o som. O que tem e o que não tem. Eu trabalho muito com o cartaz da sala, então sempre colocando família silábica. Sempre associando o som com alguma coisa do cotidiano deles.	PG 1º ano M1
Por leitura? Acho que é um trabalho que temos que fazer desde o começo, desde a pré-escola.	Acho que desde que nascem temos que começar a desenvolver na criança esse gosto pela leitura. Contar história quando ele está dormindo. Eu trabalho muito a leitura aqui na sala. Então, acho que é isso, no dia-a-dia.	Dentro da sala de aula que vamos trabalhando, ensinando, alfabetizando. Jogos, brincadeiras...	PH 2º ano M2

Como as crianças aprendem a ler e como se ensina uma criança a ler.
 Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Quadro 23b – Conceitos de leitura

O que entende por leitura?	Como as crianças aprendem a ler?	Como se ensina uma criança a ler ?	Do centes
É você ler e entender o que está lendo. Conseguir decodificar uma palavra, um conceito, de forma que entenda a mensagem que está sendo transmitida.	Lendo, escrevendo, interagindo com a leitura, com os livros. Ter em mãos o livro, o texto. Sentir essa vontade de ler e escrever. Ter o material. É ter o recurso mesmo. Sem ter o livro na mão não tem como a criança ter o contato, porque muitas vezes ela só tem isso na escola. Eu procuro levá-los para a biblioteca para que eles peguem os livros, que eles façam a leitura. Na aula eu chamo para fazer a leitura, acompanho. Quando eles mostram o interesse pela leitura, eu procuro valorizar. Também apresento textos que eu sei que eles gostam, contos, etc...	Acredito que por essa via de ler. Aprende a ler lendo. Então, fazemos leitura compartilhada, leem juntos. Quando apresentam dúvidas em palavras importantes voltamos e estudamos mais as palavras e sua formação.	PI 2º ano M4
Não é apenas decodificar as letras, mas entender aquilo que lê. Ler e interpretar. Não só decifrar os códigos, vogais e consoantes.	Lendo. Lendo tudo, todo tipo de material: imagens, fotos, revistas, textos. Todo tipo: revistas, jornal, poesia, tudo.	Como nós professores possibilitamos esse aprendizado? Depende do caso. Inicialmente tentamos pelo construtivismo, o som das letras formando as famílias, as palavras. Trabalhando não só com palavras, mas elas dentro do texto de forma mais contextualizada. Mas tem aluno que não consegue dessa forma. Então, se eu tiver que trabalhar com esse aluno o ba-be-bi-bo-bu, para ele aprender, eu vou trabalhar, sem o menor problema. Como já fiz anteriormente em alguns casos.	PJ 3º ano M4
É quando a criança lê e compreende aquilo que leu.	Pra mim, elas aprendem pelo contato com a leitura e a escrita diariamente. Senão não tem como aprender. Contato com a leitura de livros, mesmo que não seja da forma como estamos acostumados, leitura de imagens, das figuras.	Ela tem que ter o contato e também a interferência do professor. Tirar a leitura da criança, trabalho em dupla eu gosto bastante. Eu costumo trabalhar de acordo com os níveis de aprendizagem. Sempre um nível a mais com um nível a menos. No 3º chegam alfabetizados e os que não chegam, faço uma avaliação e dou atividade diferenciada, menos complexa: completar palavras com as vogais ou com consoantes, etc.	PK 3º ano M1

Como as crianças aprendem a ler e como se ensina uma criança a ler.

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Quadro 24a – Conceitos de escrita

O que entende por escrita?	Como as crianças aprendem a escrever?	Como se ensina uma criança a escrever ?	Do centes
É saber o que está pondo ali no papel, é ter um objetivo do que você está escrevendo, saber o que está escrevendo e porquê e para quem está escrevendo.	Eu dou a condição para ela escrever e ela por si tenta escrever o que leu. Trabalho com lista de nomes, textos curtos.	Dando as condições: mostrando a elas que tem as sílabas, as letras, que as palavras são formadas pelas sílabas, que está dentro de um contexto.	PF 1º ano M3
É colocar em prática aquilo que você fala, conseguir expressar no papel as suas ideias.	Também escrevendo. Tentando expressar aquilo que ela quer. Ai, por intermédio, por mediação do professor, ela vai fazendo essa associação e vai conseguindo colocar os sons de acordo com a fala.	Acho que partindo do que ela tem. Quais as coisas do cotidiano e do meio dela. A partir daí, vamos puxando sons, letras. Vamos colocando a princípio o alfabeto, depois vamos associando com letras, sons, sílabas, palavras, frases e textos.	PG 1º ano M1
No dia-a-dia. Dentro da sala de aula, vou trabalhando, ensinando, alfabetizando.	Pela estimulação, né? Vamos estimulando e ela vai aprendendo.	Através de jogos, brincadeiras. É difícil falar como que ensina, é no dia-a-dia mesmo que vamos ensinando a ler e escrever.	PH 2º Ano M2
É construir textos com sentido. Uma escrita que tem sentido, não só escrever as palavras.	Aprendem por meio de escrita de textos, lendo. Quando aprende a ler, junto aprende a escrever também. Elas escrevendo o texto, surgem as dúvidas em algumas palavras e vêm perguntar.	Escrevendo. Aqui escrevemos textos, palavras, frases. Então, quando estudamos um texto, um assunto e precisa dar uma opinião sobre aquilo, a criança vai escrever. E se surge a dúvida, geralmente ela pergunta para mim ou para algum colega.	PI 2º Ano M4

Como as crianças aprendem a escrever e como se ensina uma criança a escrever.

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Quadro 24b – Conceitos de escrita

O que entende por escrita?	Como as crianças aprendem a escrever?	Como se ensina uma criança a escrever ?	Do centes
Escrever sobre o conseguiu interpretar oralmente.	Escrevendo. A partir de muitos textos trabalhados na leitura, a criança pode sim criar o dela.	Trabalhando não só com palavras, mas elas dentro do texto de forma mais contextualizada.	PJ 3º ano M4
É quando a criança escreve o que quer dizer.	As crianças aprendem pelo contato com a escrita diariamente, mesmo que seja uma escrita espontânea e não a padrão. E com o cotidiano deles.	Trabalhos em dupla com textos. Peço para fazerem leituras em conjunto, eu leio para eles. Um de cada vez. Eu não costumo fazer correção ortográfica, caderno por caderno. Faço na lousa e se há alguma dúvida eu costumo primeiro questionar os alunos e depois eu complemento aquela dúvida com as respostas que eles me deram.	PK 3º ano M1

Como as crianças aprendem a escrever e como se ensina uma criança a escrever.

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Quadro 25 – Método ou teoria de ensino atribuído à prática pedagógica

Em que consiste o método ou teoria de ensino que fundamenta sua prática pedagógica?	Docentes
Eu gosto da silabação e as palavras geradoras do Paulo Freire. Eu trabalho bastante com isso.	PF 1º ano M3
Acho que é um pouco de tudo. Não tem só tradicional, nem só construtivista. É uma mistura de tudo, vou tentando mesclar o que vai dando certo de um ano pro outro. Às vezes, em uma sala deu certo e na outra já não dá, então tenho que pensar em outra estratégia. Não tenho uma receita, é mais ou menos.	PG 1º ano M1
Tradicional. O que eu acho que funciona é o tradicional. Quando eu comecei fui ensinada assim e acho que dá certo. Eu misturo os dois, construtivismo e tradicional, mas eu gosto mesmo do tradicional. No começo do ano eu começo com o construtivista: dou atividades de ditado, da cartilha.	PH 2ºano M2
Acredito que seja construtivista e sócio interacionista. Interajo com o meio, com o material de leitura. Sempre na interação mesmo com o material. É, construtivista, porque a criança vai construir o conhecimento a partir do momento em que ela utiliza aquilo, mas também não deixo de ensinar. Eles vão consultar esse material, tirar dúvidas no dicionário ou apostila.	PI 2ºano M4
Acho que não posso definir. Vai muito da classe, ela dita essa teoria ou essa metodologia. Dependendo da classe, conseguimos ir pelo construtivismo, pelo sociointeracionismo. Uso muito a questão da zona de desenvolvimento proximal do Vygotsky. Trabalho o que eles já sabem, avanço um pouco, vejo o que conseguem fazer sem ajuda.	PJ 3º ano M4
Acho que misturo um pouco do tradicional, um pouco do construtivismo. Não dá para se ter só uma ou outra. O tradicional é quando os alunos estão em fileira, eu ali na frente explicando e eles absorvendo aquela explicação. Agora, o construtivismo é quando eles participam das atividades comigo.	PK 3º ano M1

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Quadro 26 – Atitudes dos alunos referentes às atividades escolares

Que atitudes dos alunos faz você perceber o seu interesse ou não nas atividades escolares?	Docentes
Quando ele está distraído, quando não presta atenção, quando ele não participa.	PF 1º ano M3
O interesse dele, a postura, a devolutiva que ele te dá daquilo que você está falando, se ele consegue responder de acordo com o que você está perguntando.	PG 1º ano M1
Quando começam a perguntar muito, se interessam pelo assunto, pesquisam.	PH 2º ano M2
Isso é fácil perceber. Pela expressão do rosto, do corpo, a participação na aula. Eles são crianças e começam a demonstrar inquietação ou ficam quietos demais. Ai dá para notar quando o assunto não está interessando.	PI 2ºano M4
Quando eles não querem fazer, tudo reclamam, porque eles são muito sinceros. Dizem que é chato, que não querem fazer, ai tento não trazer tanto esse tipo de atividade, mesmo que às vezes seja necessário. Eu digo que é importante, tento convencê-los, fazer com que vejam que é importante, que é legal.	PJ 3º ano M4
A participação deles. Quando perguntam, levantam a mão e querem falar, querem fazer leitura.	PK 3º ano M1

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Quadro 27 – Atitudes importantes para o aprendizado escolar na visão docente

Quais atitudes você pensa que são importantes para o aprendizado na escola?	Docentes
Se o aluno não tiver nada que o impeça, nenhum laudo, eu acho que tem condições sim. O mínimo ele consegue aprender.	PF 1º ano M1
Interesse, a participação, o apoio da família. Aqui temos o NAE (Núcleo de Atendimento Especializado) que apoia bastante às crianças. Acho que é um conjunto de tudo.	PG 1º ano M1
Respeito, entre o professor e o aluno. Acho muito importante os pais ajudarem na lição de casa. Acho que é isso.	PH 2º ano M2
O interesse, o jeito com que vou interagir com eles, mesmo que seja um assunto desconhecido. A forma como vou apresentar tem que despertar o interesse da criança em aprender. Se estou falando alguma coisa que não estão interessados, não adianta forçá-los àquilo, porque eles não vão aprender.	PI 2º ano M4
Acho que precisa ter um pouco de disciplina, não no sentido militar, mas precisam entender um pouco de regras, que há momentos para conversar, para prestar atenção, tem que manter a concentração no que está fazendo ou não consegue fazer direito. Acho uma das coisas fundamentais para o aprendizado: a atenção, concentração. A disciplina tem a ver com horário para estudar em casa, entender a nossa rotina, que temos programa de aula.	PJ 3º ano M4
O comprometimento deles, o envolvimento da família, a participação das famílias nas reuniões, a participação da direção também, a realização das tarefas de casa, a participação e realização das tarefas em sala de aula também.	PK 3º ano M1

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Quadro 28 – Participação em aula de todos os alunos

Como o professor pode conseguir a participação em aula de todos os alunos?	Docentes
Acho que motivando quanto ao assunto. Levá-lo a querer saber sobre o assunto a ser abordado.	PF 1º ano M3
Acho que todos nós tentamos colocando diferentes estratégias, chamando atenção sempre, tentando dar exemplos, mas sempre, um ou outro, temos que chamar novamente, rever, fazer de novo, explicar individual.	PG 1º ano M1
Dar muita segurança para ele, porque às vezes ele é inseguro; dialogar muito com o aluno é muito importante, porque tem alunos que trazem muitos problemas de casa; ouvir o que ele tem para falar. Ser amigo deles.	PH 2º ano M2
Acho que é essa busca no interesse de cada um. Se vejo que ela não está interessada, pergunto o que ela sabe sobre isso, se já viu alguma coisa sobre o assunto. Faço perguntas para que tente interagir com aquilo. Assim ela vai lembrar de algo que já passou, vai falar. Geralmente é coisa do cotidiano que eles trazem.	PI 2º ano M4
Ai eu posso falar um pouco do que estou vivendo no momento. Tenho uma classe boa, mas tem alguns alunos com defasagem e outros de inclusão. Por exemplo, todo dia no início e no final da aula eu faço a leitura, para eles terem oportunidade de ler. Eu tenho a Vitória, criança com paralisia cerebral, que não lê ainda, mas não impediu o fato de ela ir até a frente com sua cadeira de rodas, pegar um livro folhear e contar a história de memória, mesmo com a dificuldade. Então, é uma atividade que todos participam, inclusive ela que ainda não sabe ler.	PJ 3ºano M4
Na maioria das vezes é quando você faz uma aula diversificada. Se você traz alguma brincadeira e a partir disso você consegue ter uma participação maior dos alunos.	PK 3º ano M1

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Quadro 29 – As interações estabelecidas durante a aula na visão das docentes

Como você vê as interações estabelecidas durante as aulas, os diálogos entre você e alunos e entre os alunos e alunos?	Docentes
Acho que o diálogo é essencial. Eu procuro ouvi-los muito e debater o que eles expõem. A interação é boa aqui na sala. Eu procuro dar auxílio individual para ver se ele tem dúvida, o que está acontecendo.	PF 1º ano M3
Entre “eu” e os alunos, eles sempre me contam as coisas. É um diálogo amigável, contam o que fizeram, onde foram. Eles têm essa troca. E entre eles se comunicam bem, tem as afinidades.	PG 1º ano M1
Entre “eu” e o aluno acho que é 100%. Eles contam tudo, se não conseguem aprender chegam e falam. Entre eles também tem uma boa convivência. Da minha sala posso falar que eles se entendem muito bem. Nos grupos sempre tem um líder, mas eles se dão muito bem. Está dando certo até agora.	PH 2º ano M2
Vejo no sentido positivo. Apesar de algumas vezes não conseguir cumprir tudo o que foi planejado a tempo, porque esses diálogos tomam bastante tempo, então, vamos conversando até que todos entendam. Isso demora muito.	PI 2º ano M4
Primeira coisa que trabalhamos desde o começo é a questão do respeito. A professora tem que respeitar os alunos, eles têm que respeitar a professora e têm que se respeitar entre si, cada um com seu jeito, com suas peculiaridades. Se eles não participam de alguma atividade porque não conseguem, eu tento ajudar nessa dificuldade e ele vai participar.	PJ 3ºano M4
É muito importante para mim. Eu procuro sempre conversar com eles. Às vezes, se eu percebo que o aluno está com problema, eu chamo fora da sala para conversar. Se o aluno é um bom aluno e ele cai nas notas e na participação, eu costumo, também, chamar para conversa para saber o que está acontecendo. Procuro sempre interagir com eles, tanto no diálogo como na parte física também. Um carinho, um abraço, um beijo. Eles são muito carentes e às vezes vêm e dizem “eu te amo” e eu procuro retribuir esse carinho.	PK 3º ano M4

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Quadro 30 – Dificuldades no trabalho com o Ciclo Alfabetização

Quais as dificuldades de se trabalhar com uma turma do Ciclo Alfabetização?	Docentes
Alfabetização é o início, então, é bem trabalhoso. Você tem que dar condições, tem que se desdobrar para que ele tenha interesse em aprender.	PF 1º ano M3
Dificuldade? Uma perda grande, acho, são as faltas dos alunos. Tenho dois ou três que faltam muito e eles têm problema de aprendizagem. Acho que como é uma continuidade, isso acaba prejudicando. Eu tenho só três alunos que não são alfabéticos ainda. O restante já são alfabéticos ou silábicos alfabéticos.	PG 1º ano M1
Acho que para mim é um desafio. Acho que quanto mais dificuldade melhor. Quando o aluno vem de fora, aí tem muita dificuldade, mas acho que eu consigo, com meu jeito, tentar suprir as necessidades dele, como recuperação, trabalho atividades diversificadas, peço ajuda dos pais em casa. Acho que é isso.	PH 2º ano M2
Com essa turma não vejo uma dificuldade muito grande. Eles geralmente participam, nas conversas interagem, fazem as tarefas de casa propostas. A maior parte da sala é participativa. Uma dificuldade que vejo é trabalhar com todos de maneira igual, sendo que uma, por exemplo, tem mais dificuldades. Se eu tivesse um pouco mais de tempo para essa criança, ela poderia avançar um pouco mais. Ela é questionadora, participa oralmente, os registros são feitos com apoio: em duplas e comigo.	PI 2º ano M4
Acho que os diferentes níveis de cada um, mesmo sendo uma classe boa. Aí tenho que trabalhar adaptado, tenho 04 planejamentos em uma sala de 23 alunos, porque cada aluno faz atividades diferenciadas. Tenho 02 alunos com muita dificuldade de aprendizagem (um deles tem paralisia cerebral), 01 aluno com problema de coordenação motora, mas lê e escreve dentro de sua limitação.	PJ 3º ano M4
A maior dificuldade que eu enfrento é quando tenho alunos que não estão alfabetizados no 3º ano, que são pré-silábicos, porque o material daqui é apostila, e o livro didático e todo conteúdo subentende-se que o aluno já chegue alfabetizado aqui. Então faço adaptações, porque a orientação que temos da Secretaria (Secretaria Municipal de Educação) é que a apostila é um norte, então, trabalho outras atividades de sistematização usando a cota de xerox.	PK 3º ano M1

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Quadro 31 – Estrutura física e material didático disponível para as docentes

A estrutura física da escola e a disponibilidade de material didático vêm ao encontro de suas expectativas para conseguir trabalhar de forma adequada/produtiva com os alunos?	Do- Centes
Vem sim, tem material. Eu não uso só apostila, eu mesclo. Eu procuro pegar os temas da apostila e levar para os textos do livro de português. Tenho cota de xerox, 15 no mês para cada aluno. Tenho livre arbítrio para trazer texto dentro de um assunto ou assunto diverso da apostila e do livro didático. Posso trabalhar como quero. A secretaria (Secretaria da Educação Municipal) dá essa liberdade. Tem também a orientação do sistema apostilado. O prédio é muito grande, a classe é ótima.	PF 1º ano M3
Não tenho o que reclamar não. Temos uma apostila que é uma base, mas não é tudo e vamos complementando com atividades diversas. Uso o livro didático e trago atividades xerocadas. O espaço físico está bom. As crianças vão para a biblioteca, tem muitos livros lá.	PG 1º ano M1
Supre, com certeza. Não tenho o que falar. Tudo o que precisamos tem, as monitoras, a coordenadora, o diretor... tudo o que precisamos dão. Temos que trabalhar a apostila, mas podemos trazer outras atividades também, uso o livro didático, jogos, a biblioteca. A escola é bem organizada, tudo limpo.	PH 2º ano M2
Sim. Além do material apostilado, tem o livro didático e os cadernos. Fazemos as leituras de todo material e alguma coisa que não esteja ali nas atividades eu busco no livro didático. Se precisar tirar fotocópia de uma atividade a mais eu posso. Vou vendo de acordo com as necessidades da turma. O tempo das atividades na apostila é bem espaçado. É bem trabalhada, exige opinião dos alunos para poder fazer os registros, mas dá tempo de complementar com outras coisas também e as sugestões que vêm da Dom Bosco, no material do professor, são de atividades que podem ser complementadas em sala de aula. Eles orientam que deva ter muito diálogo se não a criança não consegue compreender o conteúdo por causa da faixa-etária. Se não apresentar um mapa, um objeto, se não conversar com eles, só o professor falando ele não consegue entender. A parte física é boa.	PI 2º ano M4
Recebemos muita orientação e as escolas estão adotando o construtivismo hoje em dia. Recebi formação também. O material que recebemos é construtivista. O material vem e cada professor trabalha à sua maneira. Não tem uma sequência. Eles dão orientação básica e o professor tem possibilidade de criar em cima disso. Vem um modelo, um planejamento para nos organizarmos e trabalhar, vem pelo site sugestões de novas atividades, complementares e tudo. Eu uso muito isso: xeroco atividades, uso o livro didático, vou muito além do que vem. O prédio da escola, apesar de muito grande, é bem cuidado, limpo.	PJ 3ºano M4
Sim, estou bem amparada. Temos uma estrutura muito boa em relação ao material didático para os alunos. Também temos o livro didático, a apostila e a cota de xerox. Para mim é o suficiente.	PK 3º ano M1

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Quadro 32 - Resultado do enfoque dado aos discursos e às práticas docentes

Discurso \ Prática	Apriorista	Empirista	Construtivista
Apriorista		PA - PB - PD- PG	PK
Empirista		PC-PF - PH	PE
Construtivista			PI – PJ

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

LEGENDA:

 modalidade I

 modalidade II

 modalidade III

 modalidade IV

No decorrer desse estudo foi mencionado que as concepções de ensino e aprendizagem não são neutras, pois se vinculam a uma ou outra teoria epistemológica, mesmo que o docente não tenha consciência disso. O entrelaçamento das concepções de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita com as concepções de leitura e escrita são reflexos da teoria a que se referem.

Assim, tratar-se-á de realizar o cruzamento das concepções identificadas na prática e nos discursos das professoras participantes.

Ressalta-se que as ações docentes foram analisadas mediante observações direta das aulas, o que resultou em quatro modalidades de interação com características específicas, mas isso não quer dizer que todas as práticas de cada

modalidade sejam exatamente iguais, tendo em vista que cada professora apresenta características próprias durante o trabalho docente.

Ao comparar os enfoques dados nos discursos e nas práticas ao significado do objeto de estudo – a escrita, como objeto de ensino e aprendizado, nota-se que evidenciaram elementos de uma pedagogia diretiva – epistemologia empirista e pedagogia não diretiva – apriorista.

Conclui-se que os discursos da maioria das docentes da modalidade 1 (PA, PB,PD,PG e PK) tendem à concepção de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita na pedagogia diretiva – epistemologia empirista, apenas no discurso da PK predomina a pedagogia relacional – epistemologia construtivista.

No entanto, ao comparar as falas com as práticas desenvolvidas em aulas, notou-se que todas as professoras cujas práticas são classificadas na modalidade 1 tendem a aplicar uma abordagem não-diretiva – correspondente à epistemologia apriorista; em relação à concepção de leitura e escrita, as explicações dadas nas aulas por PA, PB,PD e PG (que aliás, são poucas) acentuam o ensino do código alfabético na escrita de palavras, mas na maior parte do tempo as crianças ficam entregues a si mesmas às atividades propostas. A PK formula pergunta sobre o texto que se encontra no livro didático e apostila. As crianças respondem oralmente. A professora registra na lousa uma palavra contida na resposta dando ênfase a uma sílaba – não faz a correção de todas as palavras grafadas pelas crianças. Cabe destacar que os alunos registram as respostas das perguntas feitas, mas essas não são corrigidas individualmente e coletivamente.

Percebeu-se, nas ações dessas docentes, predomínio de nenhuma ou pouca intervenção com os alunos em relação às atividades propostas – “é o regime do laissez-faire: deixa fazer, que ele encontrará o seu caminho” (BECKER, 2001, p. 19).

As professoras não interagem com o grupo todo de alunos, “lecionam apenas para 06 a 09 crianças”, as demais são atendidas de maneira pontual. As professoras consideram o interesse como próprio da criança – reflexo de apoio familiar e hábitos culturais e sociais. Essas docentes não exploram o conteúdo e ignoram as falas dessas crianças, limitam-se a “passar as atividades e corrigi-las coletivamente”.

É importante registrar que as docentes PD e PK separam os alunos que “apresentam dificuldades de aprendizagem” dos demais. Fazem isso dispondo uma fileira com carteiras encostadas na parede, do lado direito à porta de entrada da sala

– lado inverso do local onde se encontra a mesa dessas docentes, no qual passam a maior parte do tempo. Durante os cinco dias de coleta de dados, observou-se que esses alunos (das duas salas de aula) não foram assessorados por suas respectivas professoras.

Os discursos e ações das professoras da modalidade 2 (PC, PE e PH) tendem às seguintes concepções de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita: a PC e a PH tendem a acentuar seus discursos e suas ações à abordagem diretiva – empirista; as práticas da PE correspondem à epistemologia empirista, mas seu discurso afina-se com a pedagogia relacional – epistemologia construtivista.

A observação das práticas pedagógicas dessas docentes revela que as suas interações no decorrer das aulas restringem-se a alguns alunos.

Nas práticas das professoras denominadas PC e PE acentua-se o ensino do código alfabético; as atividades de leitura são realizadas com ênfase no trabalho de codificação e decodificação de material escrito, que focalizam as famílias silábicas e a escrita de palavras correspondentes. Apresentam aplicações pontuais da abordagem apriorista.

A PE diz em entrevista que sua prática pedagógica tende à abordagem construtivista, mas essa concepção teórica não foi averiguada em suas ações em sala de aula. Nota-se em sua fala o predomínio de termos específicos de uma proposta construtivista. Afirmar “que a função do professor é ensinar mediante troca de conhecimentos, uma vez que o professor não é o detentor do saber”. E acrescenta, “na sala de aula precisa haver a mediação, precisa haver essa constante reflexão do professor sobre o que ele está fazendo e fazer com que o aluno reflita”.

No discurso e na ação docente da PH predomina uma abordagem empirista; ela interfere o mínimo possível nas atividades de leitura e escrita propostas aos alunos. Nas aulas, acentua o ensino do código alfabético e os procedimentos adotados referem-se ao processo mecânico de escrita de lista de palavras, separação de sílabas, escrita de frases aleatórias a partir da lista de palavras que considera “construída” – como relata a professora.

Inclui-se na modalidade três apenas a PF, em cujo discurso e atuação docente predominam a concepção de ensino e aprendizagem de leitura e de escrita correspondente à abordagem empirista. Ao ensinar o código alfabético, faz

aplicação de procedimentos pontuais referentes à pedagogia relacional – epistemologia construtivista.

São classificadas na modalidade quatro as atuações docentes das PI e PJ as quais tendem a apresentar em seus discursos a concepção relacional – epistemologia construtivista, considerando-se a abordagem dada por Becker (2001, p. 23-32). Quanto à concepção de leitura e de escrita, pautam o discurso pedagógico sobre essas atividades como comunicação dialógica, no qual consideram o texto e seus interlocutores.

4.7 Modalidades de interação em aulas e IDEB

Os dados referentes à escola com **menor IDEB** concentram-se na modalidade 1 (04 docentes): ausência de diálogos com os alunos e na modalidade 2 (02 docentes): ocorrência de diálogos com alguns alunos sobre o código alfabético, ao passo que os da escola de **maior IDEB**, distribuem-se entre as modalidades 1 (02 docentes) e na modalidade 2 (01 docente); na modalidade 3 (01 docente): diálogos focados no código alfabético com todos os alunos e na modalidade 4 (02 docentes): ocorrência de diálogos com todos os alunos focados nas interações com os textos. Sendo que as modalidades 3 e 4 foram observadas somente nas escolas com maior IDEB.

O enfoque das observações de aulas feitas nas escolas de menor IDEB, à luz das categorias propostas por Mortimer e Scott (2003), revela predomínio de repostas negativas nas várias categorias de análise – quadros: 11a, 11b e 11c. Isso permite dizer que na escola com menor IDEB, as professoras não consideram a interação dos alunos com a escrita, com exceção de uma resposta positiva (entre 05) referente à **intenção da professora** e uma resposta positiva (entre 07) para a questão da interação dos alunos referente **ao conteúdo** – como revela a observação do quadro 11a.

Quanto à **abordagem comunicativa** utilizada pelas professoras (**quadro 11b**) – verifica-se que, na escola com menor IDEB, predomina a abordagem de comunicação denominada interativa autoritária. Ao passo que na escola com maior IDEB, 50% das docentes apresentaram atuações que se vinculam à comunicação interativa dialógica.

Os dados apresentados nas atuações docentes referentes ao **aspecto de análise - ações: padrões de interação e intervenções da professora**, observados no quadro 11c, evidenciam a ocorrência de ações pedagógicas favoráveis à integração do ponto de vista dos alunos na escola de maior IDEB. A frequência de respostas negativas distribuem-se equitativamente entre as duas escolas.

Constata-se que nas ações pedagógicas das participantes da escola com menor IDEB predomina o trabalho com o código alfabético (PA, PB, PC -1ºs anos e 2º ano) e ao trabalhar a leitura e escrita a partir do texto, as docentes, PD e PE, ambas do 3º ano, acentuam a aquisição do código alfabético limitando-se a possibilitar manifestações individuais dos alunos, sem considerá-las em suas atuações.

Nas duas salas de aula dos 3ºs anos (escola com menor IDEB) há uma fileira com cinco e seis alunos que “não estão alfabetizados” e segundo as docentes, ‘apresentam problemas para aprender’. Durante toda a coleta de dados essas professoras não se dirigiram a eles para assessorá-los em suas atividades escolares. Os alunos ficam ociosos o tempo todo e após a correção das atividades dos colegas, “tentam” copiar o que foi trabalhado, obviamente, quando isso é registrado na lousa.

Na escola com maior IDEB os dados coletados evidenciaram que das seis participantes, duas professoras – PI e PJ (modalidade 4) apresentam ação pedagógica que possibilita que a leitura e a escrita sejam trabalhadas como comunicação em uma perspectiva dialógica da língua. A PF (modalidade 3) trabalha com o código alfabético de modo contextualizado, explora a escrita e a leitura das palavras e frases. As ações das docentes PG (1ºano) - modalidade 1 e PH (2º ano) – modalidade 2 dão ênfase ao trabalho com o código alfabético, no qual a leitura e escrita são realizadas de modo mecânico, pelas unidades da língua – letras, sílabas e frases aleatórias. A participante PK (3ºano) demonstra em sua prática pedagógica ênfase na comunicação e expressão numa perspectiva monológica da língua – não assessora individualmente nenhum aluno no decorrer da aula.

4.8 Discussão dos resultados

A análise dos resultados obtidos, considerando os estudos de Becker (2001, p. 15-19), permite inferir que as práticas das professoras revelam concepção empirista do aprendizado, consideram que o aluno é determinado pelo “mundo dos objetos” e quem representa esse mundo na sala de aula “é por excelência, o professor”. As professoras, cujas práticas tendem à abordagem apriorista, baseadas na ideia de que o sujeito “traz um saber que ele precisa, apenas trazer à consciência, organizar esse saber”, assim o professor considera que “deve interferir o mínimo possível”. As práticas das docentes que vinculam suas ações à epistemologia construtivista pautam-se na ideia de que o aluno irá aprender algum conhecimento “se ele agir e problematizar a sua ação”.

A partir das contribuições teóricas de Aebli (1974, p. 90), pode se verificar na análise dos dados obtidos que as ações (da maioria) das docentes privam-se “da possibilidade de aprender a conhecer a maneira de pensar de seus alunos” e então, concebem o pensamento infantil como semelhante ao seu. Ao agir assim, a professora não adapta “seu ensino à mentalidade da criança”.

Os resultados desta pesquisa confirmam os dados obtidos em outras investigações, como por exemplo, Pontecorvo e Ajello (2005, p. 42), em trabalho realizado em 1979 com alunos do Ensino Fundamental, que a comunicação estava relacionada à possível atividade cognitiva da criança, fazendo a distinção, no discurso recíproco, entre a fonte de informação e o nível cognitivo da interação. Essa pesquisa teve por objetivo focalizar as intenções comunicativas do professor. Constatou que não havia preocupação por parte da maioria deles em estabelecer interação com os alunos. Saliencia que os professores participantes verbalizavam o conteúdo por mais de trinta minutos e não propiciavam aos alunos momentos de perguntas e quando feitas, eram “tipicamente ritualísticas” e na maior parte do tempo, durante as aulas, os docentes não se dirigiam a nenhum aluno”.

Sobre o mesmo assunto, Pontecorvo e Ajello (2005, p. 42) cita a pesquisa de Cazden (1986) que averiguou, em diferentes contextos, que os professores falavam por mais de 70% do tempo disponível para a aula. As trocas entre os professores pautavam-se numa “sequência tripartite” – pergunta feita pelo professor/resposta do aluno/avaliação do professor.

As pesquisas de Schuveter (2008) e Guilherme (2011) também confirmam esses resultados. Os estudos foram realizados em salas de aulas das 1^{as} séries e 1^{os} anos do Ensino Fundamental. O que permite afirmar que as práticas pedagógicas, identificadas neste estudo, confirmam os resultados obtidos nessas pesquisas – a interação que se estabelece com os alunos e desses com o objeto de estudo resulta em determinada ação, positiva ou negativa em relação ao desenvolvimento do conhecimento.

Em pesquisa, realizada sobre a ótica da epistemologia do professor (Becker, 2000), mostrou que a crítica epistemológica necessita ser incluída durante o trabalho de formação do professor, pois identificou o quanto essa crítica está ausente e o quanto isso conserva o docente “prisioneiro de uma epistemologia do senso comum”, fazendo com que esse profissional seja incapaz de “tomar consciência das amarras que aprisionam o seu fazer e o seu pensar”.

Dito isso, é importante ressaltar o quão complexo é o trabalho docente e o quanto é difícil, como revelam os resultados de outras pesquisas, para o professor estabelecer uma interação com seus alunos no decorrer do processo de alfabetização. Os dados coletados nesta pesquisa revelaram semelhanças e diferenças no tratamento dispensados aos alunos. Bezerra (1989), em análise da dificuldade dos professores em propiciar aulas permeadas pela interação, quando se trata do trabalho com crianças no início da alfabetização, verificou que esses professores tendem a não considerar a participação das crianças nas aulas.

É interessante ressaltar que, de modo geral, os discursos das docentes participantes desta pesquisa, mesmo que pontuais e utilizando de termos pedagógicos, afirmam que a interação e intervenção do professor são importantes para o aprendizado do aluno. Mas revelam que as interações e intervenções, envolvendo os discentes dependem mais deles do que delas. Vale lembrar que a maioria das professoras (PA, PB, PC, PD, PE e PG) desenvolviam suas aulas considerando 06 a 09 alunos no máximo, dependendo do interesse manifestado por essas crianças.

Consideram que o conhecimento é transmitido e que uma vez dito, a criança é capaz de aprender. A fala da docente PB – 1^o ano – exemplifica essa ideia que tem de ensino - “é transmitir para eles o que eles precisam para ler e aprendem quando eles entendem o que explico”.

Nessa perspectiva, algumas docentes partem do pressuposto de que as crianças deveriam vir prontas para a escola e motivadas, pois “a dificuldade encontrada” está em inseri-las nas atividades de leitura e escrita. Sobre isso é citada a resposta da docente PD referente a questão sobre as atitudes que os alunos devem ter para conseguir o aprendizado escolar:

*O aluno tem que vir para a escola com uma postura motivada, muitas vezes as atitudes dos pais tem que ser de querer aprender perante a criança. E aqui na escola temos que continuar preservando as atitudes de querer aprender, de gostar do que está fazendo. Às vezes, tem momentos que não temos como transformar tudo em lúdico, então, acho que é a atitude do respeito, do saber, que é um momento mais sério de ficar na cadeira. **(Discurso da PD 3º ano)***

Com exceção das professoras PF, PI e PJ, a maioria não menciona a necessidade da adequação de estratégias pedagógicas para que o aluno possa aprender, não identificam a necessidade dos alunos de interagirem com elas e com os seus pares sobre o objeto de estudo – a escrita. Como isso ocorre na maioria das aulas observadas, a de se pensar que os alunos que encontram dificuldade em aprender a ler e escrever – estão entregues a si mesmos – e consequentemente irão produzir pouco em termos de conhecimento acadêmico.

Sobre o assunto, Micotti (2015, p. 7) analisa a função da escola que é “ensinar”. Ressalta que o ensino “pode acontecer de diversos modos e conduzir a diferentes resultados”. Para tanto, reforça, “nem sempre a interação de quem ensina com o que é proposto ocorre de modo a permitir a solução dos problemas na prática pedagógica”.

De acordo com o exposto e com os discursos e ações docentes, Zabala (1998, p. 13-25) nos atenta “àquilo que configura a prática educativa”. Seus estudos demonstram que os “processos educativos são complexos” e assim tornam-se difíceis identificá-los. Sobre o assunto argumenta:

A estrutura da prática obedece a múltiplos determinantes, tem sua justaposição em parâmetros institucionais, organizativos, tradições metodológicas, possibilidades reais dos professores, dos meios e condições físicas existentes, etc. Mas a prática é algo fluido, fugidio, difícil de limitar com coordenadas simples e, além do mais, complexa, já que nela se expressam múltiplos fatores, ideias, valores, hábitos pedagógicos, etc. (ZABALA, 1998, p. 16)

A atribuição ao desinteresse dos alunos em participar das aulas desvinculado do modo como professor conduz suas ações é explicitamente acentuada, tanto nas entrevistas quanto nas observações diretas das aulas.

Essa ideia traz uma questão debatida por Macedo (1994, p. 14-26) sobre a postura do professor não-contrutivista e construtivista. Ao analisar o equívoco atribuído à abordagem contrutivista, isto é, que o professor construtivista não deva valorizar os “conteúdos ou matérias escolares”, salienta que essa ideia é um grande engano. Ao discorrer sobre a postura que um professor construtivista deve ter, assinala que o professor, a partir dessa concepção (construtivista) deve conhecer muito bem o conteúdo a ser trabalhado, para poder discutir com seus alunos, para localizar na história da ciência o ponto correspondente ao pensamento deles, para fazer perguntas “inteligentes”, para formular hipóteses, para, quando necessário sistematizá-lo. E ressalta, “o conhecimento científico sobre determinado assunto será sempre nossa referência principal”.

Nas aulas orientadas pelo enfoque empirista, cabia aos alunos prestar atenção, receber da professora o que estava sendo transmitido. Mesmo assim, foi observado que algumas crianças solicitavam o auxílio das professoras e tentavam interagir com os seus pares, mas eram imediatamente repreendidos por suas respectivas professoras. Apesar dos alunos demonstrarem interesse no que era proposto, não foram observados estímulos à participação, o compartilhamento de ideias, bem como a não verificação dos significados atribuídos pelos alunos ao assunto da aula.

Quanto ao exposto, Aebli (1974, p. 90-91) argumenta que, ao pretender dirigir a formação das noções pela criança, os resultados não serão satisfatórios, pois faz-se necessário propiciar a elas maior liberdade para desenvolver o seu pensamento, isso acontece quando a criança é levada a construir suas noções e operações no decorrer de uma pesquisa pessoal, “a pesquisa é, com efeito, aquela atividade do espírito que procura construir uma nova reação”. O autor faz uma ressalva sobre o problema didático que temos de resolver: “determinar como pode a pesquisa da criança ser provocada, e depois orientada para seu objetivo”.

A partir do mencionado, um dado revelado que merece destaque é o de que, na maioria das vezes, as manifestações das professoras ou o seu silêncio não favoreciam as interações entre os alunos. Isso evidencia a influência das ações e

atitudes docentes nas interações entre os alunos, na medida em que a convivência com modelos de tratamentos poucos adequados possa se tornar exemplos de atitudes a serem seguidas pelas crianças.

Sobre o assunto, Aebli (1974, p. 109-110) analisa que a discussão em comum e o trabalho em equipes são fundamentais para o papel que a cooperação dos alunos pode desempenhar na realização das atividades. Infere que “só o pensamento operatório torna a criança capaz de participar das atividades de um grupo” e acrescenta que “a criança possui uma inteligência que só conhece hábitos e intuições egocêntricas”, assim, não irá compreender os pontos de vista diferentes do seu se não socializar com outras crianças por meio de discussões em comum e trabalho em equipe. A discussão em comum exige a adaptação de cada um à posição do outro, assim o pensamento da criança tornar-se-á móvel e lógico.

As contribuições de Jolibert (2006, p. 16) sobre as estratégias de ensino possibilita analisar como a interação com o pares permite aos alunos descobrirem diferentes formas de aproximação e maneiras de construir as competências necessárias para sua leitura e produção. Ressalta também que as tensões e conflitos do grupo estão inseridos em um ambiente que eles gerenciam, possibilitando a todos os envolvidos “o desenvolvimento de personalidades sólidas, flexíveis e solidárias”. Para isso é necessário repensar a prática docente, “que de simples transmissor de conteúdos, transforma-se em mediador e facilitador dos processo de aprendizagem” e acrescenta que “as crianças aprendem quando se leva em conta as suas competências anteriores, seus desejos e suas necessidades presentes e representação dos resultados futuros que desejam alcançar”.

5 CONCLUSÃO

Na tentativa de responder as questões:

- Como o professor encaminha as interações dos alunos com a leitura e a escrita durante as aulas?
- Em que consistem as interações do professor com os alunos e entre os próprios alunos nas atividades de leitura e escrita?
- Que relações estabelecem entre as intenções dos professores (concepções pedagógicas e seus discursos) e as suas ações durante as aulas?

Foram realizadas observações em aulas nos 1ºs, 2ºs e 3ºs do Ensino Fundamental em escolas com maior e menor IDEB e entrevistas semiestruturadas com as docentes participantes.

Os dados obtidos em observações da dinâmica das salas do Ciclo Alfabetização foram examinados segundo o sistema de referência adaptado da proposta de análise das interações e da produção de significados em aulas de Mortimer e Scott (2003, p. 24-46).

As práticas de cada professora foram analisadas considerando-se os aspectos de análise – Focos do ensino: intenções da professora e conteúdo – com adaptação para alfabetização. Na adaptação foram considerados os vários aspectos referentes aos focos de ensino – intenções da professora para o conteúdo sistema alfabético e o aspecto de análise – ações: padrões de interação e intervenções da professora. Isso possibilitou identificar as tendências de atuação pedagógica.

No exame dos dados obtidos, inicialmente, foram contrastadas e identificadas as características das práticas pedagógicas realizadas em aula. Foram identificadas as semelhanças e diferenças entre as interações relativas à escrita como objeto de ensino e aprendizado. Isso permitiu configurar 04 modalidades de interações: 1. Ausência de diálogos com os alunos. 2. Ocorrência de diálogos com alguns alunos sobre o código alfabético. 3. Diálogos focados no código alfabético com todos os alunos. 4. Ocorrência de diálogos com todos os alunos focados nas interações desses com os textos.

A análise dos dados obtidos em entrevistas revelaram diferentes concepções de ensino e aprendizagem e de leitura e escrita subjacentes às interações e ações docentes. Sobre esse enfoque, em relação à concepção de ensino e aprendizagem

da leitura e da escrita, identificou-se a preponderância da pedagogia diretiva – empirista na prática de 04 professoras; na ação de 05 professoras houve predomínio da pedagogia não diretiva – apriorista e 02 docentes tendem em suas atuações a pedagogia relacional – construtivista.

As práticas observadas consistiam, sobretudo, em ações nas quais predominava o ensino diretivo dessas docentes. Apesar de orientarem pouco, ou não propiciarem nenhuma explicação para os alunos, referentes aos procedimentos para a realização das atividades propostas, não implicava o acolhimento da perspectiva dos alunos sobre o objeto de estudo no desenvolvimento da aula.

Essas ações foram constatadas mediante as atividades propostas pela maioria das docentes aos seus alunos: leitura de um livro literário realizada pelas docentes; registro da rotina na lousa – a professora verbalizava essa rotina e os alunos repetiam o que elas diziam; escrita do alfabeto; escrita das vogais; cruzadinha; caça-palavras; nomes secretos; caça-enigma (os dois últimos referem-se à atividade de caça-palavras, apenas com outro termo); escrita diária de listas de palavras; separação de sílabas e escrita de frases e pinturas de imagens impressas. Essas atividades correspondem às aulas observadas nos 1ºs e 2ºs anos, contudo, observaram-se variações nas atuações docentes. Uma professora (PF) desenvolve seu trabalho pedagógico com foco no código alfabético, porém, contextualiza as palavras trabalhadas e suas leituras. Enquanto para o 3º ano, as atividades de leitura e escrita realizadas por 03 docentes (PD, PE e PK) pautam-se na comunicação e expressão em uma perspectiva monológica da língua.

Ações diferentes foram identificadas nas práticas de duas docentes (PI e PJ), as quais desenvolveram suas atuações a partir da escrita como comunicação numa perspectiva dialógica da língua.

É importante ressaltar que das 11 professoras participantes, 09 não liam os textos utilizados em comunicação social real para os alunos (bilhetes da direção aos pais; folder com informações referentes aos cuidados com a planta que receberam da Secretaria do Meio Ambiente e panfleto de propaganda de atividades direcionadas ao público infantil promovida por um órgão público do município). No instante em que recebiam tais materiais informativos, as docentes apenas solicitavam aos alunos a colagem em seus respectivos cadernos de recados.

Os resultados do presente estudo indicam ainda que as docentes não consideram os documentos oficiais LDB - 9394/96; PNAIC - 04/07/2012 e PNE - 13005/2014. Como também não consideram as orientações fornecidas pela Secretaria Municipal de Educação e o Projeto Político Pedagógico (PPP) de suas respectivas escolas, os quais preconizam o trabalho didático fundamentado na concepção construtivista de ensino/aprendizagem de leitura e de escrita.

Nesse contexto, pode-se atribuir às intenções das professoras participantes desta pesquisa, com referência ao conteúdo trabalhado – sistema alfabético (quadro 11a), a abordagem comunicativa (quadro 11b) e às suas intervenções junto aos alunos (quadro 11c) a realização de atividades repetitivas e dirigidas praticadas por quatro professoras e não dirigidas identificadas nas práticas de cinco professoras.

Um aspecto a ser considerado a respeito das observações refere-se às expectativas das professoras com relação aos alunos, tendo em vista que a maioria das docentes – 07 (sendo todas (05) da escola com menor IDEB e 02 da escola com maior IDEB) consideravam a participação ou se dirigiam apenas a 06 /09 alunos durante as aulas. É importante registrar que as docentes PD e PK separam os alunos “com dificuldades” dos demais da sala. Isso contribui para que os alunos tenham a sua própria percepção pessoal afetada negativamente, dificultando o processo de aprendizagem. Sobre o assunto, Leite (1983, p. 238) ressalta “sem as sucessivas imagens que os outros nos dão de nós mesmos, não poderíamos saber quem somos”. Alerta sobre as influências das relações interpessoais na autoidentificação dos alunos.

Vale ressaltar que na escola com menor IDEB o acolhimento da pesquisadora foi cordial. Apesar disso, foi percebido uma certa tensão por parte de todas as professoras, direção e coordenação pedagógica. O comportamento da maioria das crianças era análogo – elas não se aproximavam da pesquisadora. Enquanto na escola com maior IDEB o acolhimento ocorreu de fato, a maioria das crianças aproximou-se dela e a convidavam a sentar junto delas na mesa do refeitório. Uma criança verbalizou: “hoje é seu último dia na minha sala, mas a gente pode ficar juntas no recreio a semana que vem?” Essas atitudes foram observadas principalmente com os alunos das docentes PF, PI e PJ que apresentaram maior interação com seus alunos. E durante as três últimas semanas de coleta de dados, a pesquisadora fez o horário do recreio na sala dos professores.

Essas observações permitem formular as hipóteses de que os modelos de interação vigentes nas aulas são apropriados pelas crianças, sejam os referentes com o objeto de conhecimento, sejam as interações sociais.

6 DECORRÊNCIAS

No trabalho de observação das aulas e nas entrevistas realizadas com professoras e alunos do Ensino Fundamental possibilitam lançar um olhar sobre o cotidiano escolar, pois nele ocorrem as interações entre os participantes do processo educativo – assunto que merece atenção na formação docente, dada a sua complexidade e importância para o sucesso da educação escolar ao envolver aspectos afetivos, emocionais, cognitivos e sociais.

O trabalho do professor com os alunos em sala de aula requer ações instigantes na interação com o objeto de estudo, ações que possibilitem a apropriação do saber.

A aula faz parte de um processo educativo que envolve a atuação docente, a interação entre os pares e a intervenção pedagógica. Com referência a esse processo, os dados desta pesquisa indicam que a maioria das docentes atribui aos alunos a responsabilidade pelos resultados do processo de ensino/aprendizagem.

Essa atuação docente que descuida da interação em sala de aula é bastante prejudicial aos alunos, pois reforça atitudes e autoestima negativas, considerando que o ambiente escolar é permeado pela diversidade social, cultural e cognitiva. É na escola que essa diversidade aparece e o trabalho realizado nas aulas pode favorecer ou prejudicar o aprendizado.

As indicações de que a maioria das docentes não considera a influência de suas ações como fator de aprendizagem por parte do aluno pode intensificar as situações desfavoráveis que parte das crianças apresenta, tendo em vista que muitas delas contam apenas com a escola na construção de uma imagem favorável e na aquisição de conhecimentos sistematizados.

A prática docente envolve uma análise que leve em conta as intenções, as expectativas, as ações, as intervenções e a avaliação. Reconhecer que as ações dos alunos e do professor em sala de aula não são isoladas permite ao docente avaliar e repensar o seu próprio trabalho para redimensionar a sua maneira de agir.

Essa tarefa é complexa, exige a reflexão constante sobre as próprias ações a partir de estudos acerca dos conhecimentos e concepções teóricas que possam contribuir efetivamente para a formação docente a tal ponto que a dinâmica das aulas sejam mais ativas e adequadas aos discentes.

Para que isso ocorra, faz-se necessário uma crítica epistemológica, partindo do princípio de que a ação docente relaciona-se ao modo de pensar e seus valores. Pois em suas concepções pedagógicas baseiam-se as atitudes e relações em sala de aula.

Tais questões precisam ser problematizadas durante a formação inicial e continuada dos professores (acadêmica e em serviço) para possibilitar a identificação e reflexão sobre suas próprias concepções e atitudes, observando-as e avaliando-as, com o objetivo de entender os significados e as consequências dessas ações junto aos alunos. Nesse particular, a formação do professor alfabetizador requer especial atenção.

Ao encerrar os apontamentos desta pesquisa, cabe ressaltar que não se tem a pretensão de encerrar o assunto, pois a continuidade desse estudo poderia trazer maiores contribuições para elucidar outras questões acerca de como ocorrem as interações entre professores e alunos com o objeto de estudo – escrita, no processo de alfabetização.

REFERÊNCIAS

- AEBLI, H. *Didática psicológica: aplicação à didática da psicologia de Jean Piaget*. 2. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1974. Trad. de João Teodoro d' Olim Marote.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. O método nas Ciências Sociais. In: _____. *O método das Ciências Naturais e Sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira, 1998. p. 108-146.
- ASPY, D. *Novas Técnicas para humanizar a educação*. São Paulo: Editora Cultrix, 1972.
- BAKTHIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.
- _____. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. 5. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. p. 261-306.
- BECKER, F. Epistemologia Genética e prática pedagógica: contribuições à educação básica. In: RAMOS, F. B.; PAVIANI, N. M. S.; AZEVEDO, T. M (Org). *A Pós-Graduação e suas interlocuções com a Educação Básica [recurso eletrônico]: múltiplos olhares*. Caxias do Sul: Educs, 2012. p. 242-311.
- BECKER, F. *Educação e Construção do Conhecimento*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- _____. *A epistemologia do professor: o cotidiano da escola*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BEZERRA, V. M. L. Alfabetização, relação professor-aluno e o fracasso seletivo na escola pública. 1989. Tese (Doutorado em educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.
- BRASIL. *Lei nº13005, 25 de junho de 2014*. Estabelece o Plano Nacional de Educação. Diário Oficial da União. Brasília, DF. 26 de junho de 2014. Disponível em: <<http://www.in.gov.br>>. Acesso em: 30 jul. 2014.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa*. Portaria nº 867, de 04 de julho de 2012.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Ensino Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 2001.
- BRASIL. *Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <<http://bd.camara.gov.br>>. Acesso em: 15 out. 2013.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaoconsolidado.htm>. Acesso em: 15 abr. 2014.

COLELLO, S. M. G. *A escola que (não) ensina a escrever*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

_____. *Textos em contextos: reflexão sobre o ensino da língua escrita*. São Paulo: Summus, 2011.

CRITÉRIO de classificação econômica Brasil 2015. Disponível em: <www.abep.org/criterio-brasil>. Acesso em: 10 jan. 2016.

FERREIRA JR, A. *História da educação Brasileira: da Colônia ao século XX*. São Carlos: EdUFSCar, 2010. Coleção UAB – UFSCar.

FERREIRO, E. *Reflexões sobre alfabetização*. São Paulo: Cortez, 1993.

GATTI, B. A. *A construção da pesquisa em educação no Brasil*. Brasília: Plano Editora, 2002.

GUILHERME, F. R. V. O. *Alfabetização: a dinâmica das práticas didáticas e as interações das crianças com a linguagem escrita*. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2011.

INEP. Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Resultados IDEB Índice de Desenvolvimento da Educação Básica 2013*. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br>> Acesso em: 15 jul. 2014.

JOLIBERT, J. *Niños activos en un medio que ellos administran*. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO: PEDAGOGIA, LENGUAJE Y DEMOCRACIA, 8., 2013, Rio Claro. **Anais...** Rio Claro: Instituto de Biociências/Unesp, 2013, p. 3.

_____. *Além dos muros da escola: a escrita como ponte entre alunos e comunidade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2006. Trad. de Ana Maria Netto Machado.

_____. Para formar crianças produtoras de textos. Quais os objetivos da aprendizagem? In: _____. *Formando crianças produtoras de textos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 15-16. Trad. de Walkiria N. F. e Bruno C. Magne.

LEITE, D. M. Educação e relações interpessoais. In: PATTO, M. H. S. *Introdução à psicologia escolar*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MACEDO, L. *Ensaio construtivistas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

MICOTTI, M. C. O. *Alfabetização: propostas e práticas pedagógicas*. São Paulo: Contexto, 2015.

_____. A avaliação do ensino e do aprendizado de Língua Portuguesa nas séries iniciais da escola fundamental. In: *Avaliações da Educação Básica em debate: ensino e matrizes curriculares de referência das avaliações em larga escala*. Brasília: INEP, 2013. p. 175-184. Disponível em: <<http://www.publicacoes.inep.gov.br/portal/download/1382>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

_____. (Org). O ensino fundamental: políticas públicas e práticas pedagógicas. In: _____. *Leitura e escrita: como aprender com êxito por meio da pedagogia por projetos*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 25-44.

_____. *Pesquisa em Educação da Região Sudeste*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2007.

_____. *Alfabetização: os caminhos da prática e a formação de professores*. Rio Claro: Instituto de Biociências - Unesp, 2004.

_____. M. C. O. (Org.). Alfabetização: o ensinar e o aprender. In: _____. *Alfabetização: entre o dizer e o fazer*. Rio Claro: Instituto de Biociências - UNESP, 2000, p. 23-56.

_____. Alfabetização: propostas pedagógicas, teorias e práticas. In: _____. *Alfabetização: intenções e ações*. Rio Claro: Instituto de Biociências - UNESP, 1997. p. 11-48.

_____. *Alfabetização: estudos e pesquisas*. Rio Claro: Instituto de Biociências - UNESP, 1996.

_____. GUILHERME, F.R.V. SCHUVETER, M.H. Diálogos e práticas pedagógicas no processo de alfabetização. *Educação & Linguagem*. São Paulo, v. 16, n. 2, p. 217-236, jul-dez, 2013.

MORTIMER, E. F.; SCOTT, P. H. *Meaning Making in secondary Science classrooms*. Maidenhead: Open University Press, 2003.

PESSOA, F. *Poemas completos de Alberto Caeiro*. São Paulo: Nobel, 2008.

PIAGET, J. *Fazer e compreender*. São Paulo: EDUSP/ Melhoramentos, 1977.

PISA. Programa Internacional de Avaliação de Estudantes. *Resultados da Avaliação Pisa 2012*. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/pisa-em-foco>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

PONTERCORVO, C.; AJELLO, A. M. *Discutindo se aprende: interação social, conhecimento e escola*. Porto Alegre: Artmed, 2005. Trad. Cláudia Bressan e Susana Termignoni.

SCHUVETER, M. H. *A interação professor – aluno nas atividades de escrita: estudo em salas de 1º ano do ensino fundamental*. 2008. Dissertação (Mestrado em

Educação) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2008.

TEIXEIRA, A. *Educação não é privilégio*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1957.

ZABALA, A. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: Atrmed, 1998. Trad. Ernani F. da F. Rosa.

APÊNDICE A

Projeto Piloto

Escola I: menor IDEB/2013

Escola II: maior IDEB/2013

Projeto Piloto

Escola com menor IDEB

Sala de aula do 1º ano

Quadro a – Focos do ensino

		Intenções da professora	Conteúdo: sistema alfabético		
Sim	Não			Sim	Não
	X	Cria problema	Engaja os alunos intelectualmente e emocionalmente no desenvolvimento inicial da aula		X
	X	Explora e trabalha o ponto de vista dos alunos sobre o assunto em pauta.	Investiga os pontos de vistas e entendimentos dos alunos sobre o assunto		X
	X	Introduz e desenvolve a ideia do sistema alfabético.	a) Apresenta diretamente as correspondências entre sonoridade e grafia.	X	
			b) Dialoga com os alunos sobre essas correspondências		X
	X	Orienta os estudantes no trabalho sobre a organização do sistema alfabético	a) Proporciona oportunidades aos alunos para falar e pensar sobre as novas ideias referentes ao sistema alfabético, individual e coletivamente no decorrer da aula.		X
			b) Apoia os alunos para produzir significados individuais, internalizando essas ideias.		X
	X	Orienta a utilização da escrita alfabética na produção textual	Apoia os alunos na aplicação dos conhecimentos sobre o sistema alfabético em outros contextos.		X

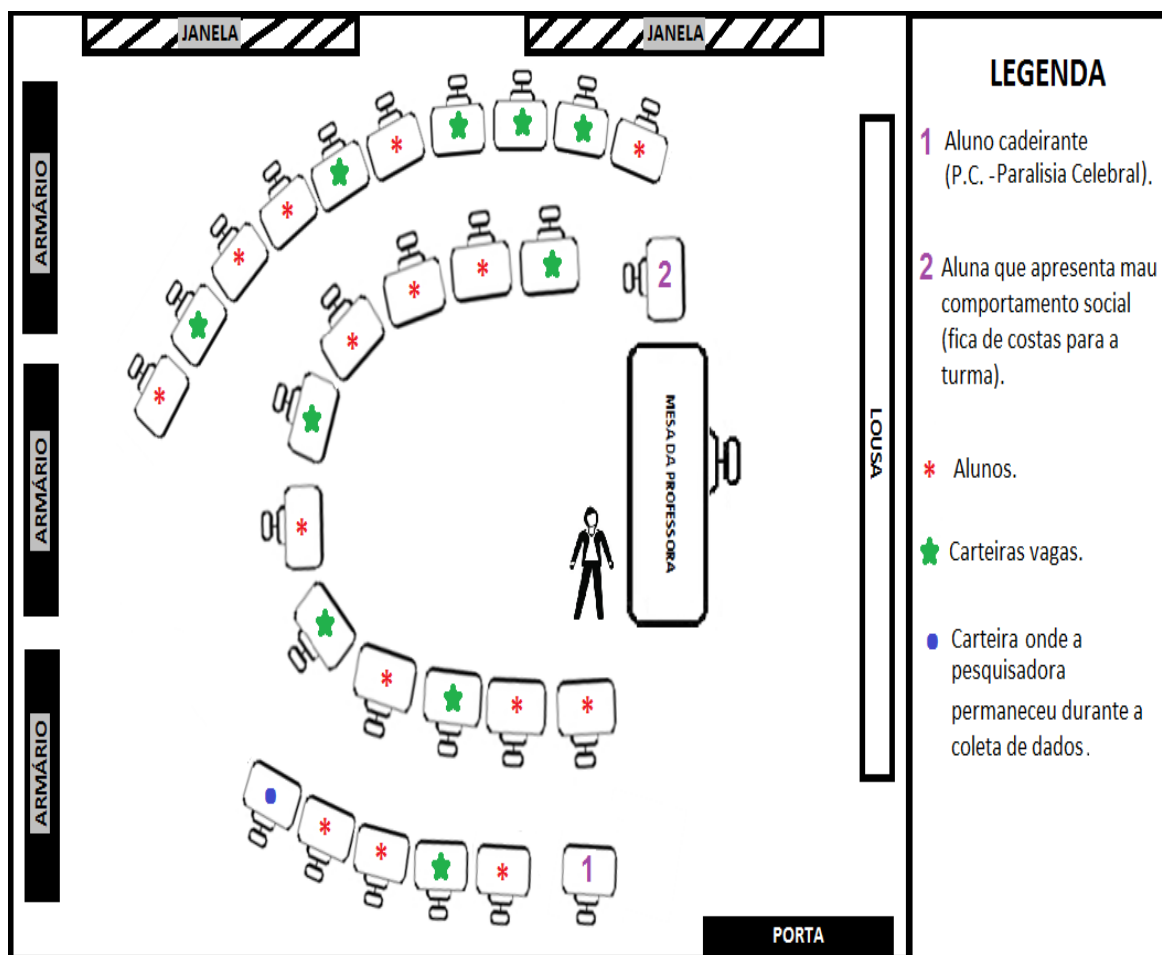
Quadro b – Abordagem Comunicativa

Abordagem comunicativa			
Dialógica		Autoritária	
Interativa/dialógica	Não-interativa/dialógica	Interativa/autoritária	Não-interativa/autoritária
		X	

Quadro c – Ações

Intervenções da professora	Foco	Padrões de interação	Sim ou Não	
1. Dá forma às ideias	- Explora as ideias dos alunos.	1. Introduz um termo novo; parafraseia uma resposta do aluno; mostra a diferença entre dois significados.	não	
		2. Considera a resposta do aluno na sua fala.	não	
2. Seleciona ideias		- Trabalha as ideias dos alunos no decorrer da aula.	- Ignora a resposta de um aluno.	sim
3. Marca ideias chave			3. Repete um enunciado.	não
		- Pede ao aluno que repita um enunciado.	não	
		- Estabelece uma sequência I-R-A (iniciação, resposta e avaliação) com um aluno para confirmar uma ideia	não	
		- Usa um tom de voz particular para realçar certas partes do enunciado	sim	
4. Compartilha ideias	Torna as ideias disponíveis para todos os alunos da classe	4. Repete a ideia de um aluno para toda a classe	não	
		- pede a um aluno que repita um enunciado para a classe	não	
		- compartilha resultados dos diferentes grupos com toda a classe	não	
		- pede aos alunos que organizem suas ideias	não	
5. Confere o entendimento dos alunos	Verifica os significados atribuídos pelos alunos ao assunto da aula.	5. Solicita a um aluno que explique melhor sua ideia	não	
		- pede ao aluno que apresente suas explicações	não	
		- verifica se há consenso da classe sobre determinados significados.	não	
6. Analisa	Recapitula o assunto em pauta	6. Sintetiza as contribuições apresentadas pelos alunos	não	
		- recapitula as atividades de uma aula anterior	não	
		- revê o progresso no decorrer da aula	não	

DIAGRAMA II – Descrição do ambiente físico da sala de aula do 1º ano – 23 alunos matriculados – Pesquisa Piloto – Escola com menor IDEB



Fonte: elaborado pela pesquisadora (2015)

Segue uma aula que exemplifica o trabalho pedagógico desenvolvido com a turma de 1º ano com 23 alunos matriculados, sendo um deles portador de paralisia cerebral o qual é assessorado por uma monitora.

P: Vamos trabalhar o alfabeto, este aqui. O que vocês vão receber é menor. Hoje vamos trabalhar a letrinha A. vamos ver palavrinhas com a letra A. Vamos fazer brincadeiras com a letrinha A.

- Obs: Nesse momento para o que está dizendo para atentar aos alunos em relação às faltas.

Hoje vamos começar com a letrinha A e se falar não vai conseguir fazer a atividade amanhã. Aqui não é Educação Infantil que passa de ano.

Oração.

P: Vamos agradecer a chuva que está caindo.

A: Tia, já choveu muito.

A: Vai chover! (porque o tempo está nublado)

P: Vamos pedir (a Deus) para ajudar a controlar esta epidemia da dengue. Não é só rezar antes de dormir ou qualquer hora, o que é que temos que fazer?

A: Orar mais.

A: Orar muito.

P: Só orar? A gente não tem que se mexer?

A: Tirar água.

P: Isso. Temos que dar uma olhadinha todos os dias no quintal. Com esses dias de chuva temos que olhar se há alguma coisa com água. Se não puder mexer nos pneus do pai, pede para ele e depois retire a água.

Quem é soldadinho da dengue?

- Todos os alunos levantaram as mãos.

A: Eu olho o meu quintal e o da minha avó.

A: Eu tirei água ontem.

P: Que bom.

Canto: Bom dia, bom dia, ... saber dar um bom dia cheio de bondade, dizer bom dia com sinceridade. Alô, bom dia, irmão!

P: Agora, antes de “fazer” as atividades com a letrinha A, vamos fazer a atividade com o espelho.

Obs.: Nesse momento a Professora vai até o fundo da sala, pega o espelho, para na frente do aluno N. (portador de paralisia cerebral) e diz:

P: *Olha esse meninão! Fala “Oi” para ele! Fala, “Oi” N.!*

- Nesse momento 05 alunos espreguiçam.

A professora solicita à monitora que segure o espelho para que ela (prof.) tire uma foto. Tira 03 fotos, sempre dizendo “dá um sorriso”.

P: *Vou deixar o espelho aqui.*

A: *Vai cair.*

P: *Só se você mexer.*

A: *Ainda bem que estou de tênis.*

P: *Ah! Acho que vou segurar para ficar na altura de vocês.*

- Chama 03 crianças, que ficam de frente para o espelho até a altura do peito.

P: *Vou dizer as partes do corpo e vocês mostram onde fica: olho, bochecha, queixo, boca, testa, cabeça, pescoço, nariz, orelha.*

Chama mais 03 alunos e assim por diante até todos participarem.

P: *Olha, eles têm cabeça! Que bom!*

Monitora: *O N. está gostando.*

P: *É, que bom. Vou fazer com ele também.*

- A todo o momento a professora fala N. (P.C. e monitora).

Durante essa atividade os alunos que não estão olhando para o espelho emitem som na forma de brincadeira, ficam espreguiçando, esticando os braços sobre a carteira. Apenas 02 meninas conversam entre si; 02 meninos identificam as partes do corpo que a professora solicita aos 03 alunos.

No decorrer da atividade as 02 meninas que conversavam iniciam conversa com um menino. Logo voltam a dialogar só entre elas.

A: *Olha, quebrei esse. (mostrando o dente da frente).*

P: *Quem gostou da brincadeira?*

A: *Eu! (mais ou menos 10 crianças respondem).*

P: *Vou deixar o espelho aqui. Cuidado para não quebrar. Se quebrar não tem problema. O problema é que se quebrar vocês podem se machucar.*

Vou tirar xerox da atividade para trabalhar com a letrinha A.

- Outra monitora entra na sala para cuidar dos alunos. A professora sai para tirar xerox do alfabeto que será trabalhado. Fica fora por 10 minutos. Enquanto isso, 12

crianças ficam quietas e 07 conversam com o colega que está ao seu lado. A monitora que cuida do aluno N., diz: “Senta direito, R.” R. senta. “Para de conversar”. Todos param.

A professora entra na sala.

P: Tirei, olha. Pedi para diminuir. Vou pegar o caderno de classe.

- Vai até o armário, pega os cadernos e distribui chamando um aluno de cada vez.

- Enquanto distribui o caderno o abre e faz um pontinho na linha onde os alunos devem registrar a data.

Tempo dessa atividade: 08 minutos.

P: Vamos lá! Todos juntos comigo. (Faz a linha na lousa para registrar a data).

Como é o _____? (refere-se ao nome da cidade)

- Ninguém responde. A professora pergunta novamente como se escreve o nome da cidade.

Um aluno diz a letra inicial do nome da cidade.

P: Isso. Escreveu F., S.? Põe um dedinho para separar as palavras.

A: Ontem foi dia 08, professora?

P: Não chegamos aí ainda. Vamos escrever o outro nome.

- As crianças registram no caderno.

A: Ah! Escrevi errado. (Uma olha. O que disse apaga e escreve novamente).

P: Que dia é hoje?

- Ninguém responde. A professora não utiliza o calendário convencional para registrar a data.

P: Hoje é dia 10.

A: D com E?

P: Isso mesmo, D com E dá “DE”.

P: _____, 10 de março de ...

A: 2015 (01 aluno responde).

- A professora vai até o aluno N. para limpar o seu queixo que está com saliva. A monitora que assessora a criança não está na sala de aula. Antes disso a monitora já havia saído da sala e aquela monitora que foi chamada para cuidar da sala enquanto a professora foi tirar xerox, saiu e entrou duas vezes, na segunda trouxe 14 letras do alfabeto. Sai novamente e volta depois de 03 minutos. Volta e limpa a

saliva do N. e começa apresentando as vogais para o menino. Sua posição em relação à criança é do lado direito.

Após o registro da data a professora pede aos alunos para colocarem o caderno debaixo da mesa e continua a preencher: Nome:

Hoje é terça-feira

Tempo: está nublado

Ajudantes:

A: *Hoje nem choveu.*

- nesse momento 04 crianças brincam com lápis. 05 estão deitados sobre a carteira.

A: *Hoje é a T.*

A: *Ontem foi C.*

P: *(Vai até a lista) Ontem foi a ajudante M. e S, quem é hoje?*

A: *T e V.*

- A vice-diretora entra na sala, senta à mesa da professora. (conversam por 02 minutos e sai da sala).

- A professora começa a registrar a rotina na lousa.

- Não há participação de nenhum aluno. Ela pergunta e responde. Depois de perguntar e responder sobre a entrada, oração, etc, diz: “Nós chegamos, tomamos leite, oração e depois?”

A: *Calendário. (apenas 01 aluno que está mais próximo da professora responde).*

-No momento em que registra a rotina, 06 alunos continuam mexendo com os lápis.

- A aluna B. não participa de nada e não é solicitada.

- A professora continua registrando a rotina na forma de pergunta e resposta (em que ela mesma responde).

P: *Já foi a entrada? (Nesse momento apenas 08 alunos participam).*

A: *Já.*

P: *Já foi a oração?*

A: *Já.*

P: *Já foi a chamada?*

A: *Não.*

Tempo: 15 minutos.

- A professora dispõe os crachás sobre a mesa, lê os nomes dos alunos (no crachá) e os entrega a cada um.

Tempo: 03 minutos

- 02 alunos brincam com lápis durante 20 minutos sem intervenção da professora.
- A professora levanta de sua cadeira para entregar o crachá ao aluno N. e pergunta somente a ele se é o seu nome.

A: Está na hora do intervalo (diz um dos alunos que brinca com os lápis).

P: Quantas monitoras vieram hoje?

A: 03

A: 05.

A: 03

P: Vamos começar com a letra A. O que escrevemos com a letra A?

A: Abelha.

- A professora registra a letra A na lousa.

P: E depois?

A: Be.

P: Como se escreve BE?

A: B e E

P: Isso. E o "Lha"?

A: L e A.

P: Não. Tem que colocar H no meio do L e A.

Quantas letras tem a palavrinha abelha?

A: 07.

P: Vamos contar?

A: 06 letrinhas.

P: Quantos sonzinhos? (fala batendo palma).

A: 03.

P: Toda vez que vamos ter que trabalhar com uma letrinha vou pesquisar o nome das coisas.

A: É um bicho selvagem.

P: Abelha é um inseto.

A: Um dia já tomei uma picada de marimbondo.

- Os alunos do 2º círculo não demonstram interesse em nenhum momento da atividade.

P: A picada da abelha dói muito.

A: Ela deixa um ferrão.

P: Fala!

A: Ela deixa um ferrão.

P: E o que tem no ferrão?

A: Faca.

P: O que tem?

A: Veneno.

P: Muito bem.

P: Só para de doer...

A: Quando tira o ferrão.

P: É, quando a mãe vai lá e tira.

A: Com uma faca.

P: Se levar de uma abelha, dois, três e se levar picada de muitas abelhas, um monte de abelhas...

- Depois de 1 hora a professora vai até o menino que brinca com os lápis, os retira e guarda no armário.

A: Por que tem muito veneno?

P: Fala.

A: (o aluno repete).

P: Quando tem muito veneno. Mas não pode sair matando as abelhas. Ela “dá” muitas coisas para nós.

A: Ela pega da flor.

P: Isso.

A: Ela tira do miolo da planta.

P: Mas para isso precisa de uma roupa especial para não ter perigo de picar.

- Há um silêncio após a fala: Por que tem muito veneno?

- O aluno (que estava brincando com o lápis) começa a participar, mas a professora só dialoga com os alunos do círculo menor. E não solicita participação de nenhum aluno.

Tempo: 20 minutos

P: Vou entregar um textinho informativo (trata-se de um texto referente à abelha contendo 12 linhas dispostas em um pedaço de sulfite de mais ou menos 10x15 cm).

- Solicita aos alunos que identifiquem a palavra “Abelha”.

- Enquanto isso a professora vai até sua mesa e organizando alguma coisa diz: “9h45 já, dá vontade de chorar”.

- Os alunos ficam em silêncio. Duas alunas conversam e uma é retirada do lugar.

A: Tia, tem duas palavrinhas “Abelha”.

P: Gente, a R. percebeu que tem mais de uma.

A: Abacaxi também não começa com A?

P: Começa. Depois vamos trabalhar com mais palavrinhas.

A: Ele gosta de abacaxi.

P: Vamos fazer uma listinha com palavras com essa letra.

- Observa que 02 alunos tentam ler sozinhos o texto.

- Após identificarem a palavra abelha, os alunos pintam a figura da abelha.

- Enquanto as crianças identificam, procuram a palavra Abelha, a professora senta-se à mesa, recorta uma atividade e não lê o texto dado aos alunos.

A: Não “é” duas palavras, “é” três.

P: “É” três, então marca.

A: Vou colocar no caderno.

P: Eu não falei nada de colar. Esperem.

- Após um tempo de 03 minutos uma criança chama a professora.

A: Tia (a professora vai até ela).

- A criança aponta o caderno.

P: Deixa esse textinho debaixo da carteira, em cima do caderno. Vou entregar outro textinho. Esse (da abelha) é um texto informativo.

(Nesse momento os alunos não estão com o texto sobre a mesa).

Agora vou entregar outro textinho e é uma música.

- Escreve “Aranha” na lousa.

P: Que palavra é essa?

A: Besouro.

P: Besouro começa com A?

A: Árvore.

A: Beija-flor.

P: Vou cantar só uma parte: Sobe, sobe ...

A: Aranha.

P: Isso. Aranha começa com A e termina com A. Quantos sons?

- A professora bate palmas e responde:

P: 03 sons.

Vamos cantar. “A dona aranha subiu pela ...

- As crianças cantam.

P: *Esse textinho vamos ter que trabalhar depois do recreio. Vamos para o lanchinho.*

- Volta do recreio: **9h30**

P: *Vamos cantar a música.*

- Nesse momento a professora sobe na cadeira e começa a registrar a música da Aranha na lousa. Quando chega no 3º verso, diz:

P: *Para vocês não ficarem sem fazer nada, vocês vão pintar todas as letrinhas A, que encontrarem no texto. Assim ...*

- Vai à lousa e identifica no 1º verso todas as letras A.

A: *É só A? (pergunta 03 vezes).*

- Ninguém o ouviu.

- As crianças receberam o texto e imediatamente separam 03 ou 04 lápis coloridos.

- A professora escreve na lousa por 10 minutos e para quando está no 3º verso para entregar o texto.

- Quando estava no último verso diz:

P: *“Vamos, gente”.*

- Termina a escrita na lousa, vai para sua mesa e diz:

P: *Vamos logo para fazermos a leitura.*

A: *A Dona Aranha subiu pela parede, veio ... (parou e saiu do lugar para conversar outro assunto com o colega).*

- A monitora entra na sala, às 9h42, com o aluno N., o deixa e sai. Entra rápido com um copo na mão, o enche com água e dá para o aluno.

P: *Gente, prepara para a leitura. Tem gente falando.*

Tempo: 9h30 à 9h55 – Identificação da letra A na letra da música.

P: *Dedos assim...*

- Abre a mão e separa o dedo indicador para ler. Começa a ler apontando com o dedo indicador as palavras da letra da música. Lê palavra por palavra e os alunos repetem. Ao mesmo tempo em que pede para acompanhar na lousa solicita que os alunos acompanhem no texto que tem em mãos.

- Não houve interação nenhuma (prof/aluno). Apenas uma criança chamou a professora.

P: Olha o dedinho em cada palavra.

- Pega uma régua grande de madeira e inicia o canto com os alunos, por duas vezes. Sendo que na 2ª vez a orientação é para as crianças acompanharem na lousa e na folha.

P: Agora vamos brincar de palavra mágica.

- Aponta duas crianças e diz:

P: Eles adoravam. Conhecem?

A: Não.

P: Vou cantar com vocês apontando as palavras e quando parar apontem para mim a palavra que disse. Vou falar parabéns quando acertarem. Se não mostrarem não tem problema, porque estamos aprendendo.

- De 21 crianças, apenas 02 identificaram a primeira palavra “Chuva”.

- A professora continua cantando desde o começo da música e para na palavra “Sol”.

- 04 crianças identificaram.

P: Ficou perto da palavra (dizendo que a criança apontou a palavra do lado da palavra mágica).

- Vai para a lousa e começa a cantar a música novamente. Para na palavra “Aranha” da 2ª estrofe.

- Aranha – 05 crianças identificaram.

P: Parou a brincadeira. Toda semana vamos brincar de encontrar a palavrinha mágica. (canta novamente a música).

Tempo: 9h55 – 10h07

P: Agora vamos ensaiar a ...

P e A: Dona Baratinha (referindo-se à história que vão apresentar na 6ª feira).

- Começa a separar as folhas que tem a sequência da história.

P: Eu vou mostrar e vocês vão contar.

- Mostra a primeira folha.

A: Era uma vez a Dona Baratinha.

P: Já gostei do C. Ele vai começar a história.

P: Quem falar certo vai ser escolhido.

A: Era uma vez Dona Baratinha.

A: Ela estava varrendo quando encontrou um dinheiro.

- 03 ou 04 falam ao mesmo tempo e a professora escolhe um.

A: Ela fica feliz e coloca o dinheiro na caixinha.

- A professora mostra e 06 crianças falam.

A: O pato dela fez um barulho e ela disse: “Esse barulho me assusta”.

A: Veio o cavalo e ela perguntou: “Como é seu barulho?”.

A: Veio o macaco e ela não gostou do barulho dele também.

P: Quem não contar a história vai cantar.

A: Veio o bode e ela não gostou do seu barulho.

A: Veio o lobo e ela não gostou do seu barulho.

A: Veio o gato ela não gostou do seu barulho.

A: Veio o sapo ela não gostou do seu barulho.

- As crianças batem palmas quando o colega finaliza a fala.

P: Mas, de repente, apareceu o rato. Quem vai contar essa parte?

- Ninguém respondeu.

A: Ela gostou do seu barulho.

P: Ela se casou com o rato.

A: Não.

P: Como o rato faz um barulho bem delicadinho eles resolveram se casar.

A: A Dona Baratinha gostou do rato ...

P: Ai...

A: Eles resolveram se casar.

P: Eles se casaram? Fala G., Ela foi para a janela chamar todo mundo para o dia do ...?

A: Casamento.

P: E no dia do casamento a Dona Baratinha ficou ...?

A: Triste,

P: Quem quer contar essa parte?

- A professora vira para o N. e diz o que aconteceu com D. Baratinha.

Tempo: 10h09 – 10h28

A: No dia do casamento a D. Baratinha ficou esperando o rato e ele não apareceu.

P: Por quê? Porque ele sentiu um cheiro de feijoadá, foi olhar e caiu na panela?

A: No dia do casamento ...

P: Ele não apareceu e aí?

A: Sentiu cheiro de feijoada e aí?

P: E aí?

A: Caiu na panela.

- A professora mostra outra figura e pergunta quem quer contar a história e inicia a narração.

P: A D. Baratinha ficou ...

A: A D. Baratinha ficou triste e o rato todo queimado.

P: E no final?

A: A D. Baratinha encontrou o D. Baratão.

P: E viveram felizes. E não precisou ir para a janela cantar ...?

- As crianças começam a cantar: “Quem quer casar com a D. Baratinha, que tem fita no cabelo e dinheiro na caixinha”.

- Após essa atividade a professora inicia a história somente com um aluno. Ela diz e ele repete: “Esta é a história da D. Baratinha”.

P: Agora já fizemos o ensaio. Vamos para a matemática. Para isso vamos lá fora fazer contagem.

- Em fila os alunos vão para o espaço externo à escola.

Atividade: joga-se o dado e a quantidade que der será o mesmo número de passos que a criança terá que dar em um determinado espaço. Vence quem chegar do lado oposto ao que está.

- O aluno F. joga o dado e sai 06. E assim sucessivamente até que o primeiro aluno chegue ao lado oposto.

Projeto Piloto

Escola com maior IDEB

Sala de aula do 2º ano

Quadro a – Focos do ensino

		Intenções da professora	Conteúdo: sistema alfabético		
Sim	Não			Sim	Não
	X	Cria problema	Engaja os alunos intelectualmente e emocionalmente no desenvolvimento inicial da aula		X
	X	Explora e trabalha o ponto de vista dos alunos sobre o assunto em pauta.	Investiga os pontos de vistas e entendimentos dos alunos sobre o assunto		X
	X	Introduz e desenvolve a ideia do sistema alfabético.	a) Apresenta diretamente as correspondências entre sonoridade e grafia.	X	
			b) Dialoga com os alunos sobre essas correspondências		X
	X	Orienta os estudantes no trabalho sobre a organização do sistema alfabético	a) Proporciona oportunidades aos alunos para falar e pensar sobre as novas ideias referentes ao sistema alfabético, individual e coletivamente no decorrer da aula.		X
			b) Apoia os alunos para produzir significados individuais, internalizando essas ideias.		X
	X	Orienta a utilização da escrita alfabética na produção textual	Apoia os alunos na aplicação dos conhecimentos sobre o sistema alfabético em outros contextos.		X

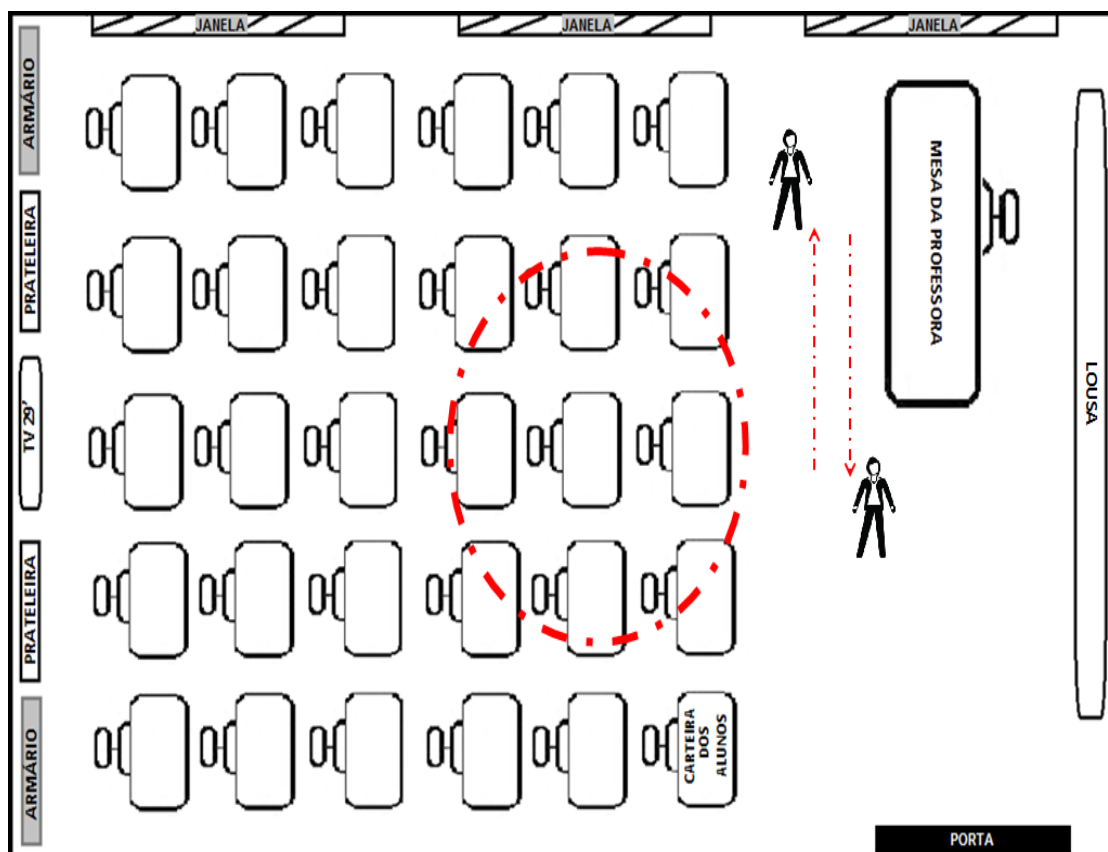
Quadro b – Abordagem Comunicativa

Abordagem comunicativa			
Dialógica		Autoritária	
Interativa/dialógica	Não-interativa/dialógica	Interativa/autoritária	Não-interativa/autoritária
		X	

Quadro c – Ações

Intervenções da professora	Foco	Padrões de interação	Sim ou Não
1. Dá forma às ideias	- Explora as ideias dos alunos. - Trabalha as ideias dos alunos no decorrer da aula.	1. Introduz um termo novo; parafraseia uma resposta do aluno; mostra a diferença entre dois significados.	não
		2. Considera a resposta do aluno na sua fala.	não
2. Seleciona ideias		- Ignora a resposta de um aluno.	sim
3. Marca ideias chave		3. Repete um enunciado.	não
	- Pede ao aluno que repita um enunciado.	não	
	- Estabelece uma sequencia I-R-A (iniciação, resposta e avaliação) com um aluno para confirmar uma ideia	não	
	- Usa um tom de voz particular para realçar certas partes do enunciado	sim	
4. Compartilha ideias	Torna as ideias disponíveis para todos os alunos da classe	4. Repete a ideia de um aluno para toda a classe	não
		- pede a um aluno que repita um enunciado para a classe	não
		- compartilha resultados dos diferentes grupos com toda a classe	não
		- pede aos alunos que organizem suas ideias	não
5. Confere o entendimento dos alunos	Verifica os significados atribuídos pelos alunos ao assunto da aula.	5. Solicita a um aluno que explique melhor sua ideia	não
		- pede ao aluno que apresente suas explicações	não
		- verifica se há consenso da classe sobre determinados significados.	não
6. Analisa	Recapitula o assunto em pauta	6. Sintetiza as contribuições apresentadas pelos alunos	não
		- recapitula as atividades de uma aula anterior	não
		- revê o progresso no decorrer da aula	não

DIAGRAMA – Descrição do ambiente físico da sala de aula



Abaixo segue uma aula que exemplifica o trabalho pedagógico desenvolvido com a turma de 2º ano com 24 alunos matriculados.

13h08: Entrada

- A professora inicia a leitura do livro “Bom dia todas as cores – Ruth Rocha” e a cada leitura de uma página mostra as ilustrações.

13h15: Término da Leitura.

P: E aí, gostaram?

A: Sim. Tem rima.

P: À medida que vamos conhecendo a Ruth Rocha vamos vendo se tem rima, como ela escreve. Quem gostou?

- 10 alunos levantaram a mão.

P: Quem quer contar o que gostou da história?

- Ninguém se manifesta. A professora pede para o aluno W. falar.

A: Eu?

P: É.

- Ele não fala.

P: Essa história teve problema?

A: Não.

A: Sim.

P: Qual?

A: No começo ele estava triste, porque não conseguia ficar com uma cor só.

A: No final ele ficou alegre.

P: Por quê?

A: Porque ele escolheu uma cor.

P: Então vamos ver se os textos da Ruth Rocha têm rima.

A: O “Marcelo, Marmelo, Martelo” tem.

P: Foi só para gente se divertir.(referindo-se à leitura da história) Hoje vamos treinar a letra J.

- Mostra o calendário – 13 de março de 2015.

- As crianças começam a conversar. A professora os lembra de que hoje é dia do brinquedo e que só vai brincar quem se comportar.

A: Por que só pode brincar se fizer tarefa?

P: Porque se não fizer a atividade vai ter que fazer no momento da brincadeira. A brincadeira é um prêmio.

A: A gente tem pontos?

P: É, vocês não perderam nenhum, tem 03 pontos.

Alguém trouxe o dinheiro da APM?

A: Eu trouxe.

A: Minha mãe não tem dinheiro.

P: Tudo bem.

Hoje vou entregar o livro de matemática para os pais encaparem. Caso não for possível tragam na segunda-feira. Não é para ficar em casa, porque vamos usar.

A: Professora, já terminei o cabeçalho.

P: Já “tô” na letra.

A: *Letra J.*

- Uma criança sai da carteira para perguntar se pode ver o álbum do colega e ele responde que não. Ela volta para a carteira.
- Entre 13h24 e 14h30 cinco crianças saem para ir ao banheiro.
- Enquanto as crianças fazem o cabeçalho, a professora fica em sua mesa organizando alguns papéis.

13h30

- Uma aluna levanta e vai até a professora para levar um álbum de fotos e ela aprecia por 02 minutos. Após, solicita que a aluna traga um caderno de recados para enviar à mãe um bilhete referente às fotos.

13h31

- Uma criança pede para ir ao banheiro.

P: *Vocês não foram ao banheiro em casa? Agora olha a bagunça. Vocês ficaram me esperando na fila e não foram.*

- Mais 04 crianças saem para ir ao banheiro.

13h35

- A professora vai até a lousa

P: *Que letra é essa?*

A: *J.*

- A professora explica e mostra como fazer.

P: *“J” maiúscula do tamanho da linha; o “j” minúsculo não fica nem em cima nem embaixo. Parece uma barriginha, uma curvinha. Sobe, desce, sobe. Se vocês olharem o “j” na parede ele é mais aberto.*

13h40

- Termina a explicação e começa a verificar, em apenas uma fileira, como as crianças estão fazendo. Senta-se à mesa e escreve para a mãe da criança que trouxe o álbum. Conclui às 13h48 e solicita que a criança vá pegar.

No momento do treino da letra J as crianças ficam a maior parte do tempo em silêncio.

- Em alguns momentos ouve-se alguma coisa: uma criança levanta e vai até o colega para ver como se faz; 04 crianças conversam consigo mesmas e a professora chama atenção – “Parem de falar, atrapalha quem está fazendo”.

13h49 às 14h00 - A professora passa de carteira em carteira corrigindo a lição de casa.

P: *Você não fez a lição de casa? (Referindo-se ao primeiro aluno)*

A: *Não.*

P: *Por quê?*

A: *Porque fui ver o apartamento.*

- A professora escreve um bilhete aos responsáveis e diz à criança que na segunda-feira quer ver.

- Enquanto isso as crianças ficam na carteira esperando.

- Deitam sobre a carteira; deitam sobre a cadeira e encostam o braço no chão.

A: *Você tem computador, H.?*

A: *Sim.*

A: *Você já viu o nascimento do sol?*

A: *Não.*

A: *Ele explode.*

- Nesse momento a professora pede silêncio e eles param, mas viram para a pesquisadora e dizem:

A: *Que tênis bonito, professora.*

Pesq.: *Não é tênis, é um sapato que se chama oxford.*

A: *Eu já tive um da Barbie.* (Dizendo isso a criança vira-se para a frente)

- H. está com o álbum que M. trouxe debaixo da carteira e o coloca sobre as pernas. M. diz: “Não deixa a professora ver”. H. afasta a carteira e começa a ver o álbum. Nesse instante outra colega chega para ver também e a professora pede silêncio. H. entrega rapidamente o álbum à M., que o coloca embaixo da sua carteira.

13h59- Entra na sala um funcionário da escola para vender fichas para compra na cantina da escola e 10 alunos vão até ele. Permanece na sala durante 3” minutos e os alunos se dispersam.

14h02

- A professora para a correção e diz para ele que tem o dinheiro da APM. Vai até o armário e pega o dinheiro. Conta junto com ele, que confere mais uma vez, e a professora assina o livro da APM.

- Uma criança está com uma sacola em mãos e chama mais 02 colegas para mostrar – “Olha, dá pra gente brincar”. Elas: “Que legal!!”

14h03

- A professora vai para frente da sala e diz para os alunos que se ver mais alguém com um brinquedo em mãos não vai nem olhar para os pontos, não terá brinquedos.

A: Se quiser pode brincar no recreio?

P: No recreio é outra história. Se os inspetores deixarem, tudo bem.

- Nesse momento entrega um comunicado para uma criança e diz que tem reunião de APM e pede que entregue à sua mãe.

14h07

- Segue corrigindo a tarefa.

14h08

- Solicita que o ajudante entregue o texto para cada aluno, e ele entrega.

- Um aluno lê o texto em voz alta; outra balbucia; outro lê de forma silabada; outro passa o dedo nos versos de forma global e balbucia; outros leem acompanhando palavra por palavra.

A: Já li. Posso fazer as bolhas?

P: Pode.

- Após 02 minutos outra criança diz:

A: Já terminei de ler.

P: Quem terminou copia a atividade da lousa.

*Bolhas – Entendimento do texto

1. Qual o título do texto?
2. Quem é o autor? (É AUTORA).
3. Esse texto é: Informativo, instrucional ou poético
4. Qual o assunto do texto? Cor de bolhas, tamanho de bolhas ou tipos de bolhas.
5. Desenhe bolhas de sabão.

14h20

- Uma criança reclama que o colega disse que ela escreveu errado a pergunta sobre o teatro “Você gostou do teatro?” e a professora diz:

P: É para cada um colocar a sua opinião. Ela pode gostar ou não. Senão vocês vão ficar iguais ao camaleão. Não esqueçam, cada um pensa de um jeito.

14h25

P: Vamos ler o texto. Cada um vai ler uma linha. (REFERINDO-SE AO POEMA BOLHAS, DA CECÍLIA MEIRELES).

-Qual é o título? Bolhas.

- Quem escreveu? CE-CI-I-LI LI-A

P: Cecília Meireles.

Vamos J., começa na primeira linha...olha...a bolha “de” água.

Estão vendo esse sinal parecido com a vírgula? Ele se chama apóstrofe.

- Segue a leitura do poema – cada criança lendo um verso até às 14h35.

Obs: 09 crianças leram, duas de modo convencional.

P: Agora vamos juntos.

- A professora inicia e os alunos seguem junto com ela.

- Ora é uma leitura completa da palavra ora silabada.

- Não lê para as crianças.

P: Olha o que a Cecília Meireles fez, ela falou de um jeito bonito das bolhas. O que perguntei na 1ª atividade? Quem é o “autor”? Cecília Meireles. (os alunos registram ‘autor’ onde é ‘autora’)

03) É um texto que está informando? Sim ou não? Instrucional?

- Ninguém responde.

P: Está ensinando a fazer alguma coisa? Não. Não “tá” ensinando a fazer uma bicicleta.

É poético? - Ninguém responde.

P: O texto poético pode ter rimas ou não?

Beleza... Olha o que a Cecília falou das bolhas. Quando lemos o texto vamos pensando sobre as bolhas.

A: Vai relaxando.

P: É, pode relaxar. É gostoso de ouvir.

Qual é o assunto?

- Uma criança lê com muita dificuldade e a professora repete a pergunta.

P: Está falando de cor de bolhas?

Vamos ler de novo.

14h43

- 13 crianças não leem e não acompanham a leitura. Estão fazendo outras coisas: terminando a cópia das atividades; batendo a folha na carteira; uma fechou o caderno e está olhando para trás; um brinca com o lápis.

P: “Bolhas na mão que trabalha”. Que bolha é essa?

A: Bolha de suor.

P: Será?

A: Bolha de machucado.

P: Olha! Bolha de quem trabalha em serviço muito pesado.

- 09 crianças não participam e seguem o tempo todo copiando.

- A professora lê e dialoga com o restante da turma.

P: A última parte “Olha a bolha de chuva na calha...”. Sempre fazemos isso? Pôr a mão embaixo da calha depois da chuva?

Vocês perceberam que viajamos quando lemos o texto?

A: Viaja na maionese.

A: Quando minha mãe chega do trabalho chega com um monte de bolhas aqui (mostrando o colo).

05) Desenhe.

P: Quem já brincou de bolhas de sabão?

- Todos levantam o braço.

A: Euuu!

A: Já peguei um tubo e soprei, aí saiu uma bolha.

14h50- A professora senta à mesa e solicita que os alunos levem o caderno até sua mesa para corrigir. Vão de 03 em 03.

- 10 crianças fazem a atividade 1-4 e 14 crianças fazem o desenho.

- A professora faz a correção

14h55

- As crianças estão dispersas: ficam em pé; passam nas carteiras; brincam com os cadernos sobre a cabeça e giram; um coloca a régua na boca e faz movimento de fora para dentro; um aluno fica o tempo todo parecendo estar em outro lugar, com os olhos fixados num ponto.

- A professora levanta-se às 15h05 e passa nas carteiras. M. mostra a foto de seu irmão bebê para a colega F.

A: Ah, é dele que sua mãe estava grávida?

A: É.

A: Que bonitinho.

- M. guarda as fotos e retorna ao desenho.

A: Eu vou comer lanche da cantina hoje.

A: Eu não.

A: Vou comer presunto e queijo.

- Uma criança cola adesivos na contracapa do caderno; 05 crianças estão encostadas em suas cadeiras olhando para o nada. Uma sopra um saquinho em que veio a régua; outro vai até o cesto de lixo e brinca com o apontador, permanecendo por 01 minuto.

15h11

P: Vocês estão falando alto de novo.

- A maioria para de falar, 04 continuam; 02 foram ao banheiro.

- Em menos de 30" voltam a falar.

15h14

P: Vocês repararam nesse textinho, a mesma letra com som diferente de S?

A: LH

P: Lê.

- Um aluno lê palha. Outra: "olha/bolha/trabalha"

P: Quem sabe outra?

A: Orvalho. Batalha.

P: Batalha tem LH, mas não tem no texto.

A: Batalha é luta.

15h19

- 20 crianças colam o texto no caderno.

15h20

P: Façam a oração.

A: Muito obrigado, papai do céu, pela merenda que vou comer.

- Dizendo isso as crianças se organizam na porta e vão para o recreio.

16h01 – Entrada na sala.

Pesq.: -Sobre a carteira que estava havia uma revista – Ciência Hoje.

A: Que livro é esse?

Pesq.: Não é um livro.

A: O que é?

Pesq.: Veja.

- A criança torceu os lábios e, folheando, disse nunca ter visto. Em seguida começou a ler de maneira silabada: “CI-ÊN-CI-A, HO-JE – CIÊNCIA HOJE!”.

Pesq.: Conhece?

A: Não.

Pesq.: Leia mais alguma coisa que você irá descobrir que material é esse.

A criança vira-se para a frente e lê a capa. (Nesse instante a professora se posiciona em frente aos alunos)

A: Não achei o nome do texto.

Pesq.: Isso é uma revista, chama-se *Ciência Hoje*, aqui na escola tem muitas, peça à sua professora para separar algumas para vocês.

A: Tá.

A criança vira-se para frente e coloca a revista embaixo da carteira.

Obs: há nesta escola várias edições dessa revista.

16h01 às 16h04

- A professora conversa com um inspetor sobre uma criança.

16h04

P: O ajudante vai entregar a atividade antes do brinquedo e como sabem quem não terminar não vai. Por favor, espero que não tenha aquela conversa de antes do recreio.

Atividade

*Complete os conjuntos para formar uma dezena.

- A professora inicia a leitura e alguns alunos leem juntos.

01) Quanto vale a unidade/dezena/centena/milhar?

P: Se 1 dezena vale 10, vocês tem que ...?

“Borboleta” – (06 desenhadas): Já tem seis, alguém sabe me dizer quantas estão faltando?

“Corações” – (05 desenhados): Quantos para uma dezena, 06? 05, se fosse 06 ia formar 11.

02) Pinte meia dezena em cada conjunto.

P: Se uma dezena vale 10, meia vale? 05, metade. Vou dividir o 10 em 02.

03 conjuntos com 10 unidades em cada um.

03) Resolva as adições.

P: O que são adições?

A: Continhas.

P: Continhas de quê?

A: De +

P: Silêncio para fazer.

A: Pode pintar?

P: Sim. Quanto tiver que pintar.

A: É só para pintar? B., pergunta.

16h10

- Os alunos iniciam a resolução da atividade.

- A professora senta-se à mesa.

- Um aluno vira-se para o colega e pergunta quantos já fez e aquele responde: “Aqui 04”.

16h20

- A professora vai até o aluno que solicitou auxílio do colega.

A: É para pintar tudo aqui?

P: Filho, é para pintar meia dezena. Quanto é?

A: 06.

P: Não. É 05. Olhe quantas você pintou!

A: Como é? – Outro aluno pergunta.

P: Você tem que completar até formar 01 dezena.

**PESQUISA EM DUAS ESCOLAS –
TOTALIZANDO 11 SALAS DE AULAS**
(apêndice B e apêndice C)

APÊNDICE B – 05
Professoras da Escola I –
Menor IDEB

Segue um recorte de uma aula que exemplifica o trabalho pedagógico desenvolvido com a turma do 1º ano da Professora denominada PA. Com os dezoito alunos matriculados presentes.

12h35 – Entrada na sala.

- Organização das carteiras, mochila.

12h40 – Oração.

P: Deus, ofereço este dia, a escola...

“Se você está contente bata palmas...”

- Enquanto canta com os alunos a professora organiza sua mesa, pega uma mesa que está no fundo da sala e coloca próxima à lousa. Volta a cantar. Conclui.

P: Vamos recolher o papel. – TCLE.

Fileira da A, caderno de tarefa sobre minha mesa. Fileira do ...

– Assim os alunos das 06 fileiras levam o caderno até a mesa da professora.

- Um aluno entrega a “sacola de leitura” e a professora diz:

P: Você vai ficar alguns dias sem levar, porque quando leva não pode faltar.

Rotina.

- E registra na lousa: Oração, música, chamada, leitura, apostila, lanche, apostila, educação física.

- Uma aluna diz “Já fiz”; outro aluno diz “Já fizemos”.

12h52

P: Chamada.

D: querido, por que não veio?

A: Minha irmã “tava” doente.

P: E ontem?

A: Não tinha guarda-chuva.

P: A sua mãe não caiu ontem na chuva?

A: Não.

P: É bom saber. Se você continuar faltando assim nenhuma professora vai te ajudar.

12h56 - A professora vai até o armário pega as apostilas e as entrega aos alunos.

12h58- A coordenadora pedagógica chega à sala e a professora vai até fora da sala conversar com ela.

- Os alunos conversam e a professora diz “Psiu” por duas vezes.

- A coordenadora permanece por 03 minutos.

P: A coordenadora chegou e vocês nem viram.

Peguem a apostila. Que letra vamos pegar?

A: “N”.

A: Professora, já não fizemos?

P: Não.

A: É o “N” ou “M”?

P: “Tá” na lousa.

A: Professora, posso ler livrinho?

P: A., não começa com história de livrinho.

- A aluna continua com o livro em mãos e o colega diz “não é para ler”.

- A professora passa recolhendo a folha com a letra “N”.

P: De quem eu recolhi a letra “N” pode pegar a apostila nº 1.

Na aula passada estávamos falando do inseto. Abram na página 37. Encontraram a página?

A: Sim.

P: O que é um inseto?

A: Abelha.

A: Gafanhoto.

A: Joaninha.

P: Há mais espécies de insetos do que qualquer outra espécie animal. O inseto sempre vai ter 03 partes e 03 pares de patas.

A: Se “rancar” as patas fica uma formiga.

P: Lembra que estudamos os 05 sentidos?

A: Lembro. (diz uma aluna)

P: Há insetos que sentem o cheiro pelas antenas.

O que é tatear?

A: Não sei.

A: Tocar.

P: As abelhas têm 04 asas.

A: Bem pequena.

P: A joaninha tem uma carapaça.

A: Eu já vi uma joaninha.

A: Lá no lago azul tem muita joaninha.

A: A joaninha comeu a planta e um dia foi embora.

A: Um dia “tava” brincando e vi uma joaninha.

P: Hum. Copiem no texto as palavras destacadas no desenho. O que a setinha está mostrando na abelha?

A: Asa.

P: Como começa Asa?

A: A.

- A professora registra “ASA”.

P: No grilo está mostrando?

A: PA...

P: Nós trabalhamos a família do P.

Quantas vezes abro a boca para falar “grilo”?

A: 03.

A: 02.

P: 03 ou 02?

A: 02.

- A professora registra “patas”.

P: E o último bichinho?

A: Besouro.

P: O que a seta está mostrando?

A: Antenas.

P: Como se escreve “AN”?

- Ninguém responde e a professora registra “AN- TENAS”.

P: Agora vocês vão copiar as palavras enquanto vou colar a tarefa no caderno.

A: Todo dia tem tarefa?

P: Tem.

- Dizendo isso se senta à mesa enquanto os alunos copiam e pintam o desenho.

13h05 - P: Vou entregar os cadernos de tarefa. Vou chamar.

- Chama 02 alunos e eles buscam.

P: L, onde você faz sua lição?

A: Na cama.

P: Tem que lavar a mãozinha, combinado?

- O aluno balança a cabeça em sinal de sim.

P: *M. F., o caderno.*

- A aluna vai até a mesa.

P: *P, quem ajudou você a fazer a tarefa?*

A: *Meu pai.*

A: *Minha mãe me ajuda, porque sou pequena.*

- Um aluno levanta da cadeira e a professora vai até ele e pergunta “por que não se senta” e o aluno senta.

13h25 - A professora chama mais 02 alunos para pegar o caderno de recados.

13h30 - **P:** *M. C., vem pegar o caderno e o papel da D. Adriana.* (refere-se ao TCLE da pesquisadora)

P: *M.L., vem pegar seu caderno.*

- A aluna vai.

A: *Já terminei.*

P: *Que bom.*

- 10 alunos terminaram a atividade e permanecem sentados e quietos.

P: *Vamos para a página 38. Vira a folha.*

- Os alunos viram a página.

P: *Os 02 que estão atrasados.*

J, vou pegar água, marca o nome de quem conversar. (A professora sai da sala de aula para buscar água e retorna 02 minutos depois)

- A aluna vai para a lousa e marca/escreve: “DEPRIX/DAVIDI”.

- Os alunos a auxiliam na escrita.

13h35 - A professora entra na sala e diz: “Obrigada, J.!”

- A aluna volta para o lugar e a professora não diz nada e não olha o que a menina escreveu.

P: *Circule na frase a palavra que corresponde ao nome de cada inseto.*

“As formigas tem patas para correr”.

A: *Patatas.*

P: *Esse bichinho ai embaixo é o que?*

A: *Abelha.*

P: *Não.*

A: *Vespa.*

P: *Isso. É prima da abelha.*

A vespa tem antenas na cabeça. O grilo tem...compridas para saltar.

A: *Perna.*

P: *PernaS. – Enfatiza a letra S.*

A abelha tem para voar até as flores.

Vai para a mim, o Miguel, a Júlia, o Ericson e o Daniel, na cozinha e pede um copo descartável e vejam se acha um tatu-bolinha, uma joaninha...

A: *Ah! Por que não posso ir?*

A: *Eu nunca vou, ah!*

P: *Porque eles vão ver se acham pra gente.*

Eu vou olhar eles aqui da rampa.

A: *Posso marcar? (A aluna Júlia diz isso referindo-se à delação – marcar o nome na lousa para quem conversar)*

- A professora não responde e sai.

P: *Eles estão vindo, vou pedir para eles passarem e mostrar.*

O que você achou, Ericson?

A: *02 tatus-bolinhas.*

A: *Eu queria ter ido.*

P: *Por que eu não deixei você ir?*

- O aluno abaixa a cabeça.

A: *Olha a formiga. – Mostra para os colegas.*

P: *Vamos ver que inseto é esse.*

- 05 alunos verificam que é uma Maria-fedida.

- A professora pega um pedaço de papel higiênico, pega o inseto e passa mostrando para os alunos.

P: *Joguem os insetos na grama. Os alunos jogam.*

13h45 - P: *Agora vocês vão fazer um desenho bem grande e escrever as partes que você observou no inseto.*

- Dizendo isso se senta à mesa para colar.

13h50 - P: *T, o caderno.*

A: *Professora, posso fazer 02? (insetos)*

A: *Posso fazer uma joaninha e uma abelha? (Não foi o inseto “observado”)*

- A professora não responde e registra algo em um caderno de aluno.

P: *D, não deu para fazer a lição de casa? Estava trabalhando?*

A: *Vou desenhar um sapo.*

A: *Sapo é inseto?*

A: *Não, come inseto.*

- A professora não participa desse diálogo.

13h55 - Um aluno vai até a mesa da professora e mostra o desenho.

P: *O que desenhou?*

A: *Abelha.*

P: *Que bonito!*

- A professora vai até o armário, pega uns coelhinhos e diz:

P: *Enquanto vocês fazem o desenho eu vou terminar os coelhinhos.*

A: *Eba!*

P: *Mas fiquem quietinhos.*

A: *Posso desenhar um rato?*

P: *Rato é inseto?*

A: *Não.*

A: *Aranha.*

P: *Aranha não é inseto.*

A: *Professora, você colocou nomes nos coelhos?*

P: *Não, esses coelhos são mágicos. Vamos ver depois.*

A: *Caramujo é inseto?*

P: *Não! Gente, caramujo é inseto?*

A: *Não.*

P: *Já falei que não.*

14h00- A professora se senta à mesa e trabalha na colagem dos coelhinhos. Utiliza cola quente.

- Os alunos que terminaram a atividade ora conversam – utilizam frases pequenas “tava apontando, olha” e vira-se para frente. Outro “olha o B e o A”. Outro “BA”. A maioria permanece com a cabeça sobre a carteira observando a Professora.

14h05 - P: *Já terminaram? Olha lá, hein! Preciso terminar.*

A: *Já comprei 02 “ovo” de páscoa.*

A: *Eu vou ganhar 03 “ovo”.*

A: *Eu vou ganhar 05 “ovo”.*

A: *Eu vou ganhar 1000 “ovo”.*

A: Eu vou ganhar o 2 e o zero.

A: Eu vou ganhar um coelhinho.

A: Você não sabe onde tem coelho.

A: Sei.

A: Meu pai comprou.

P: Eu acho que já terminaram!

- Dizendo isso a professora se levanta da mesa e solicita aos alunos que façam as atividades da página 40. Senta-se novamente.

A: Eu não terminei.

P: Então termina.

- A professora se levanta, passa pelas carteiras e dá visto na atividade. (não faz nenhuma intervenção)

P: A próxima atividade!

A: Qual página?

P: Página 40.

Não são insetos. Eu vou ler para vocês: “observem esses animais”.

Então, os insetos têm quantas patas?

A: 06.

A: O tatuzinho é...

P: Não é. Você pegou, mas falei que não é.

Complete com as vogais os nomes dos bichinhos.

T____ T____ Z____ NH____

Para formar TA o que falta?

A: A.

- A professora escreve a letra A.

A: É para ligar?

P: Não, é para colocar a vogal.

- O aluno P. diz com voz de choro “quero ir ao banheiro”. A professora diz “não, P.”. O aluno repete por 02 vezes e a professora diz “tem criança que deveria ficar lá no pré. Se você não ficar quieto vou chamar a Dona t.”. (Coordenadora Pedagógica). Volta a explicar.

P: E o “TU”?

A: T e U

P: *ZI, ZI! – Com ênfase.*

A: *Z e I.*

P: *P., vai “no” banheiro.*

- O aluno sai da sala.

P: *Outra palavra.*

A: *Aranha.*

P: *Que letra está faltando?*

A: *A.*

- A professora registra na lousa a palavra Aranha, completando com os 03 “A”

P: *Outro animal.*

A: *Centopeia.*

P: *Quais letras estão faltando?*

A: *E e O.*

P: *O que mais?*

- Ninguém responde.

P: *PEIA! Falta o E, I e A.*

14h15 - P: *Pinte, na colmeia abaixo, somente os espaços com as letras que formam a palavra: Abelha.*

Pinte, no formigueiro abaixo, somente os espaços com as letras que formam a palavra: Formiga.

Pinte, na folha abaixo, somente os espaços com as letras que formam a palavra: Joanelha.

- A professora se senta à mesa para preparar os coelhos.

14h22 - P: *Já tem gente terminando! – Fala com ênfase, porque 03 alunos conversam.*

A: *Não terminei.*

A: *Você nem começou.*

A: *Comecei sim.*

P: *Contorna de boca fechada.*

A: *Formiga, ga, ga!*

A: *Tem o G e o A.*

14h27- Entra a professora da sala ao lado para deixar um coelho. Sai imediatamente.

- Os alunos continuam colorindo a atividade.

14h29 - P: Pessoal, coloque o lápis no estojo, deixe a mesa organizada. Agora é hora do lanche. Cuidado com a mesa do coelho.Y, pegue a lancheira. P, come e depois me conte se gostou.

14h30 - Os alunos e a professora vão para o recreio.

15h00– Retorno do recreio.

P: Vou passar olhando.

- A professora passa nas carteiras e vê as atividades dos alunos.

P: Quem já acabou de pintar? Vai para outra página.

- Começa a ler “Forme os nomes dos animais abaixo usando o alfabeto móvel”.

P: Qual o animal que está aí?

A: Borboleta.

P: Então, vamos completar.

B__RB__LETA.

Quem o “B” vai namorar para ficar “BO”?

A: “O”.

P: Que outro bicho nojento tem?

B__R__TA

Que letra falta?

A: A.

P: Qual é o outro bicho?

A: “Bisouru”

P: BESOURO! Não “BISOURU”. O que falta?

A: E e O.

P: Vem até aqui K.

A: A professora só chama quem não sabe.

P: D, cuidado com seus comentários.

- Volta para a aluna.

P: Que letra o “B” vai namorar para formar “BE”?

- A aluna não responde, então a professora solicita que outros alunos digam.

P: E aqui: “S__U”, que letra falta para formar “SO”?

- A aluna não responde e classe diz “O”.

P: *Circule a primeira letra de cada nome acima. O que há em comum entre eles?*

Escreva essa letra que se repete.

- A professora lê o primeiro enunciado somente.

A: *B*

P: *Coloque dentro deste prato, círculo, sei lá o que é.*

A: *É um círculo.*

- Os alunos escrevem a letra B.

P: *Que outros bichos começam com a letra B?*

- A professora desconsidera o enunciado e diz isso.

A: *Burro, 'boto'.*

A: *late.*

P: *late começa com "B"? Você está confundindo com a família do BA – BE – BI – BO – BU. Você quer dizer "barco".*

Que outro bicho começa com B? Aquele bicho grande que vive no mar.

A: *Baleia.*

P: *E aquele bicho que faz "muuu"?*

A: *Boi.*

P: *Aquele passarinho com bico comprido?*

A: *Pica-pau.*

P: *Beija-flor. (15h20)*

Segue recorte de um dia de coleta de dados de uma aula que exemplifica o trabalho pedagógico desenvolvido na turma do 1º ano da Professora denominada PB com os dezessete alunos matriculados presentes.

12h35 – P: *Boa tarde. Vamos fazer a oração.*

- As crianças entram e sentam nas carteiras.

P: *Vou recolher o material do aluno novo.*

Mais alguém trouxe APM?

A: *Não.*

P: *Agora vou fazer a chamada.*

A: *Eu não ouvi nada o que você falou.*

- Inicia a chamada.

12h40 – P: *M. E., abre o armário e pega um caderno para entregar para o K.*

- M.E. vai até o armário, pega o caderno e leva até a professora.

P: *Deixa eu ver quem está faltando. Tenho que guardar o material do K. (diz isso, porque há dois alunos conversando bem baixinho).*

12h45 – Conclui a organização do material do “novo aluno”.

P: *Vou entregar o caderno de classe. K. apaga a lousa para mim.*

- A aluna apaga.

- A professora vai até o armário pegar lápis nº 2 e distribui aos alunos.

- Durante todo o tempo da organização dos materiais do K. os alunos permanecem quietos.

12h58 – A professora escreve a rotina na lousa: oração; leitura; caderno; recreio; arte e ?

P: *Hoje vamos fazer isso: Lê e onde está o ponto de interrogação diz “pontinho”.*

Vamos ler o poema. - E já inicia a leitura.

- Diz: “Perfume”. Lê o poema. - Que está escrito em um livro.

- Durante a leitura 04 alunos não prestam atenção: 01 brinca com tesoura; 02 com lápis de cor e 01 com um lápis na boca.

- Conclui a leitura e mostra a página onde está escrito o poema e também onde há um desenho.

A: *Olha o vidro!*

- Nesse momento a professora fecha o livro e diz entregando os cadernos:

13h03 – P: *Vistos.*

Por que faltou? – Pergunta a um aluno.

A: *Porque minha roupa estava molhada.*

P: *Vamos ao caderno. Escreva no pontinho.* - Referindo-se ao ponto que fez para os alunos escreverem a data.

P: *Que dia é hoje?*

- Ninguém responde.

P: *Ontem foi...?*

- Ninguém responde.

P: *Ontem foi domingo. Depois de domingo vem o quê?*

A: *Quarta.*

P: *Não. Ontem foi domingo e hoje é...?*

A: *Segunda.*

- Conclui: segunda-feira, 23 DE MARÇO DE 2015. - Registra na lousa.

- Escreve na lousa: Alfabeto.

- Solicita aos alunos escreverem com lápis colorido. Após, pede para escrever o alfabeto em letra bastão.

13h08 – P: *Semana passada vimos as vogais. Quais são elas?*

- Alguns alunos respondem: “A, E, I, O, U”.

- A professora senta-se à mesa e permanece por 07 minutos.

P: *Sua mãe “vai vir” conversar comigo, Vitor?* – E aponta para outro aluno.

- Eles respondem que sim.

- Entrega o caderno de recados a um aluno e diz:

P: *Aqui tem bilhete para a semana de provas.*

Luana: procura uma orientadora e peça uma cola quente.

- A aluna sai da sala.

13h13 – P: *Ontem foi o dia mundial da água, então hoje vamos fazer um desenho da água e uma máscara.*

Quem terminar o alfabeto traz para mim. Não quero ficar... Vou fazer o pontinho para escreverem...

- Os alunos começam ir até à mesa.

P: *Está conseguindo K.? Todos trouxeram.*

A: *Sim.*

13h18 – A professora levanta-se, faz algumas linhas na lousa e escreve: “Vogais”.

P: *Quais são?*

- Uma aluna diz:

A: *A.*

- A aluno que foi buscar cola quente volta à sala sem a cola às 13h20.

P: *Ninguém mais se lembra?*

- Três alunos:

A: *E, I, O, U*

- A professora escreve na lousa.

13h23 – P: *Qual o nome do poema que li?*

- Uma aluna responde:

A: *Perfume*

- A professora escreve - “Leitura Perfume” - e senta-se à mesa.

13h28 – P: *K., traz seu caderno de classe para eu colar a abertura.*

- Dizendo isso recorta um texto e cola na primeira folha do caderno.

P: *Depois que terminar toda a sua lição você colore, tá?*

- Três duplas conversam baixinho.

P: *Olha os pontinhos. Escrevam B. hoje não vamos trabalhar a família dele.*

- Para e vai até um aluno que está apontando um lápis:

P: *Deixa eu ver?*

- Tenta apontar o lápis e verifica que não dá.

P: *Vou pegar outro lápis – Pega e entrega ao aluno.*

Vamos completar a linha com a letrinha B.

A: *Com lápis de cor?*

P: *Hã, hã..*

- Os alunos terminam em 02 minutos.

P: *Fecha o caderno. Vamos terminar a atividade do corpo humano.*

Na folhinha que vou entregar a vocês está escrito assim: “O nosso corpo é formado por 03 partes: cabeça, tronco e pernas...”

- Continua lendo sentada à mesa e os alunos ouvem.

- A cada parte do corpo que lê aponta em seu próprio corpo.

P: *L., entrega a folhinha.*

Para casa vai uma folhinha do corpo também. É para vocês dizerem em que posição as crianças estão.

- A professora senta-se à mesa.

P: *Na folhinha que a L. está entregando está escrito tudo que li agora. É só para vocês relembrem. Pinte a folhinha.*

Vai ver se tem outra orientadora para pedir cola quente.

- A aluna vai.

13h37 – A professora, sentada, cola a atividade nos cadernos de tarefas dos alunos.

13h39 – **A:** *Tia, olha!* - Levanta a folha para a professora.

P: *Muito bem.*

Acabou, P.? Tragam para eu colar. – Os alunos vão até a mesa da professora.

- Nesse instante entra uma orientadora. (orientadora é a profissional que comumente definimos ‘monitora de ensino’)

P: *Esqueceu de mim? Preciso de cola quente. Ontem foi dia da água e vou trabalhar uma máscara, por isso preciso de cola.*

13h43 – **P:** *Acabou, M.?* – O aluno não responde.

Vem até aqui. – O aluno vai.

Não sabe usar o caderno? Você já aprendeu.

- Dizendo isso cola a atividade referente ao corpo humano.

P: *P., esse caderno de casa “tá” muito sujo, precisa de mais capricho. Não gosto de caderno sujo. E na hora em que a Dona A. pedir para olhar, e aí?* (Dona A. é a Coordenadora Pedagógica)

Mais alguém? Todos trouxeram?

- Um aluno responde:

A: *Sim, sim, sim...*

13h49 – **P:** *Vamos lá.* – Levanta-se de sua cadeira. Peguem um lápis colorido.

- Escreve na lousa: “22 DE MARÇO, DIA MUNDIAL DA ÁGUA”.

P: *Na apostila vamos fazer a página sobre a água.*

- Registra na lousa: “Apostila: Datas Comemorativas”.

- Na outra linha: “Máscaras”.

P: *Quem terminar fecha o caderno.*

Lembram que sexta-feira vocês contornaram a mão?

A: *Sim, sim, sim...*

P: Com essa mão vocês vão fazer um peixe. Vou entregar a folhinha. Deixam do ladinho, é para terminar a escrita até “máscara”. Até nesse pontinho. – Mostra na lousa onde tem um X, o que se refere como “pontinho”.

P: Quem terminou no caderno pinte a mão bem colorido.

13h56– P: Mais alguém está com a APM?

A: Não! – Apenas uma criança responde.

P: Por que será que a água é importante para os peixes?

A: Para eles “viver” - Apenas uma criança responde.

P: Só os peixes precisam de água?

A: Não. – Três alunos respondem.

P: Como podemos economizar água?

A: Bebendo pouco. – Um aluno responde.

P: Não.

A: Fechando a torneira. – A aluna terminou de falar e a professora levantou no mesmo instante de sua cadeira e disse:

P: Quem já terminou – referindo-se ao colorir a mão – vai fazer isso.

- Começa a ilustrar, na figura de uma mão que está registrada na lousa, para que essa figura transforme-se em um peixe.

Obs: O “diálogo” sobre a água foi realizado com a professora sentada à mesa separando alguns papéis. Não olhava para os alunos. Permaneceu com a cabeça voltada para baixo, atenta ao que estava organizando.

- A professora fica 05 minutos desenhando e quando vai até o armário (caminhando) pergunta aos alunos:

P: Pode jogar lixo no rio? – Apenas três alunos respondem.

A: Não!

- A professora (de costas para todos, verificando alguma coisa/organizando o armário) diz:

P: É... lixo é só no lixo!.

- Sai de perto do armário, vai para perto da lousa e conecta o fio da pistola da cola quente ao interruptor. Senta-se à mesa e chama um aluno para ver como está o desenho e entregá-lo o caderno de lição de casa.

14h09 – P: É para guardar o caderno na mochila. – Entrega 03 cadernos e levanta de sua cadeira.

Bem bonito. Faça mais bolinhas.

- Decora alguns peixinhos em sua mesa.

P: *Já pintou?*

A: *Já.*

P: *Quero ver o capricho. Vou cola lá fora.*

A: *Todos, professora?*

P: *Uns lá fora e outros aqui dentro. Vamos ver. Por isso é que quero bem caprichado.*

14h13 – Uma professora chega à porta da sala e pergunta: “Você vai colar só uma pontinha?”.

P: *É. É só para colar uma pontinha.*

Outra professora: *O que você está trabalhando no caderno?*

P: *Só a máscara.*

- 01 minuto.

- Senta-se à mesa.

P: *Quem terminou?*

A: *“Tô pintano o zóinho”.*

P: *Bem bonitinho, hein?*

A: *“Tô pintano bem colorido”.*

P: *M., traz o caderno.*

- Ele leva e a professora cola a tarefa de casa.

Quem terminou (o peixe) vai trazendo.

- Conforme os alunos entregam o “peixe” para a professora ela anexa à folha fita adesiva e leva ao lado externo da sala de aula. Os alunos que terminaram ficam sentados em suas respectivas cadeiras. Brincam com o cadarço do tênis; apontam lápis; organizam inúmeras vezes o estojo.

14h26 – **P:** *Vou entregar uma gota e vocês vão pintar bem caprichado.*

A: *De água?*

P: *De água. Vocês vão pintar bem bonitinho.*

A: *Eu vou pintar de azul para ficar bem bonito.*

P: *Depois vou colar uma vareteinha para vocês segurarem e vai ser uma máscara.*

Pinte bem caprichado.

Que cor vocês vão usar?

A: Azul.

P: Não é preto, é azul.

E a bonequinha?

A: De vermelho.

- A professora termina de entregar, volta à sua mesa e continua afixando a fita adesiva nas figuras dos peixes a serem expostos do lado externo da sala de aula.

Segue uma aula que exemplifica o trabalho pedagógico desenvolvido com a turma do 2º ano da Professora –PC. Com os 29 alunos matriculados presentes.

12h35 – Entrada dos alunos e professora

12h40 – A professora solicita aos alunos que coloquem o caderno de tarefa sobre a sua mesa.

12h55 – P: *Vocês vão fazer o desenho de sua família, escrever o nome dos seus pais, avós e seu nome.*

- Após dizer isso, a professora solicita a três alunas que anotem na lousa os nomes dos colegas que “por ventura” podem vir a conversar. A cada momento essas alunas se revezam para “marcar o nome dos alunos”. Não fazem a atividade juntamente com seus colegas.

13h00 – A professora continua corrigindo a tarefa de casa.

13h05 – As alunas deixam de “marcar” o nome na lousa. A professora escreve a rotina no canto esquerdo da lousa: história, Ed. Física, recreio, português, geografia.

A: *Prô, faz o cabeçalho.*

A: *Hoje é ...*

A: *13*

A: *De Abril*

A: *De 2015*

A professora escreve o cabeçalho: EMEF _____; segunda-feira, 13 de abril de 2015; Nome: _____

- Os alunos continuam na atividade de História.

A: *Eu adoro estudar.*

A: *Um pouco.*

A: *Não isso!*

A: *Vai cair na prova.*

13h10 – P: *Dá para “ficarem” quietos e “faz” a atividade?*

- Os alunos ficam quietos.

P: *Oh! T., por que a professora deu de tarefa “o nome da sua avó”?*

A: *É, mas eu não sei.*

13h15 – P: *É, agora você não vai saber escrever.*

- Nesse momento a professora passa em 02 carteiras e diz para uma aluna:

P: *Você juntou os nomes, Elisabete não é grudado com ____, esse não é junto com ____.*

(Refere-se ao sobrenome)

- Vai para outra carteira de outro aluno e diz:

P: *Cadê o nome de seus avós?*

A: *É _____.*

P: *Mas e o sobrenome?*

- O aluno não responde.

13h20 – P: *Alguém trouxe APM hoje?*

- Ninguém responde.

P: *Vou fazer a chamada.*

- Enquanto a professora faz a chamada mais 03 alunos se revezam para marcar o nome de alunos que “podem vir a conversar”. Se o aluno(a) for “reincidente” a criança que marca o nome desenha uma estrelinha na frente do nome dele.

13h25 – O professor de Ed. Física adentra a sala de aula.

14h18 – Retorno da aula de Ed. Física.

14h 20 - P: *Vou entregar a atividade (de História). Vou ler para vocês.*

- Lê: “nº 01- escreva seu nome completo, o nome inteiro, nome e sobrenome”.

- Não lê todo o enunciado, que é: “Escreva seu nome completo e sua idade”.

- “No nº 02, desenhe sua família. Lá no nº 03 é para escrever os nomes de sua família, lá na “arvrinha”. Nesta “arvrinha” você tem que colocar o seu nome, dos seus pais e dos seus avós. Para a leitura/explicação.

- Os alunos dialogam:

14h25 - A: *Vou desenhar minha família.*

A: *E eu a minha.*

A: *Vou desenhar meu pai e minha mãe.*

A: *Vou desenhar meu pai.*

A: *Meu pai chama Marcos.*

A: *Meu pai chama Manoel.*

P: *Vocês entenderam o que é para fazer?*

A: *Sim.*

A: *Ah! Prô, eu não sei o nome dos meus avôs.*

A: *Não sei o nome dos meus pais.*

P: *Lógico que sabe. Vou passar nas carteiras. Só vou à mesa de quem estiver quieto.*

A: *Aqui é o nome do meu pai? Eu não sei ler.*

14h30 – P: *Não, é aqui. (Aponta com o dedo onde o aluno deve escrever).*

Pa, por que você está todo molhado?

A: *Tomei água.*

P: *Nossa, tem que se molhar para beber água?*

A: *É que eles “molha” em volta.*

P: *Ah! Tá bom...*

Li...di... Como é o di? Di (fala com ênfase).. vai falando para você e vai pensando.

Li...di...di...di...a...a...ne. Junta as letrinhas e escreve. Agora...nome do seu avô.

Oh, Pa.! É para fazer a sua atividade não é para conversar com o colega.

- A professora fala isso porque o colega de Pa. solicitou auxílio.

14h35 – P: Peguem o lanche. Vem a fileira do K..

15h05 – Retorno do lanche.

15h10 – P: Se você não sabe o nome do avô e avó não posso fazer nada. Vou passar olhando para ver quem já terminou.

A: O nome da minha mãe é Néia!

A: O nome da minha mãe é ...

A: O nome da minha mãe é ...

P: Olha só, mais um tempinho. Só até 15h25.

A: Como é que escrevo?

P: M. C., não sou eu que vou dar a resposta para você.

15h15 – 04 alunos dizem que acabaram a atividade. A professora passa nas carteiras de alguns alunos e dá visto.

15h20 – P: Peguem o caderno de português, coloquem o cabeçalho, pulem uma linha. Escrevam o alfabeto.

A: Posso escrever "Alfabeto"?

P: Não. Vamos trabalhar só as letras.

- A professora registra na lousa: A-B-C-D-E-F e na outra linha FA-FE-FI-FO-FU-FÃO/ fa-fe-fi-fo-fu-fão e solicita que os alunos façam a cópia.

15h25 – FIFI (em vermelho). – É um texto

Aonde vai fifi?

Aonde vai fifi?

Vou à janela. Vou à janela.

Fazer o quê, Fifi? Fazer o quê, Fifi?

Vou fofocar...vou fofocar.

1) Circule as palavras com F

- A professora coloca hífen na palavra "circule"

P: Eu escrevi este textinho pra você verem a letra F. Vamos ler.

- Todos leem com a orientação da professora.

15h30 – P: Quem conhece este texto com música?

- Ninguém responde. A professora canta e em seguida canta com os alunos.

A: Tem muito F.

P: Onde tem F?

A: Fifi.

P: *Onde mais?* (Pergunta isso circulando as duas palavras da primeira linha do texto)

- Segue lendo e circulando as palavras antes dos alunos responderem.

15h35 – A professora registra a segunda atividade.

2) Escreva uma palavra com a letra F.

- A professora omitiu a sílaba “VA” e uma aluna percebeu e a professora acrescentou a sílaba. Enquanto a professora escreve o texto dois alunos ironizam a atividade: “Fifi! Quem é Fifi?”.

- Como a professora utilizou a parte debaixo da lousa, 05 alunos copiaram o texto indo e vindo da carteira.

15h40

A: *Professora, quantas palavras?*

P: *Uma só. (Fala com ênfase).*

O que vocês escreveram?

A: *Foto*

A: *Fio*

A: *Filme*

A: *Fazenda*

A: *Fazer*

A: *Fada*

A: *Fogo e família*

A: *Foca*

A: *Foca já foi.*

A: *Faca*

A: *Festa*

A: *Fita*

P: *Cada um já escreveu a sua.*

(Durante esta atividade a professora ficou encostada na lousa e após, iniciou a escrita das palavras ditas pelos alunos).

15h45 – **P:** *Separe as sílabas: FOFOCA, FAROFA, FADA, FITA, FORA, FOME, FINO, FURO, FIGURA, FALA, FIFI, FURADO, FACA, FIVELA, FUTURO.*

P: *Enquanto vocês ficam falando leem as palavrinhas para aprender.*

- A professora recorta atividades enquanto os alunos fazem a atividade.

15h50 – **P:** *L, entrega as atividades.*

A: *Folhinha! Ainda bem que já terminei.*

P: *Vocês vão fazer a lição da lousa.*

A: *O que é a 03?*

P: *É para separar sílabas.*

A: *Que fácil.*

A: *Como separa?*

P: *Batendo palmas. Cadê as palmas?*

Atividade da folha:

“Oba! Caça palavras!” (Sem hífen).

Foca-Feio-Bafo-Fica-Abalado-Fábio-Fiado

15h55 – P: *Vamos separar as sílabas. Leiam.*

A: *Fo-fo-ca. (Professora e alunos palmas).*

P e A: *Fa-ro-fa.*

P e A: *Fa-da.*

- A professora vai até 02 alunos, bate palmas e diz:

P: *Fi-ta; Fa-ro...*

- Nesse momento uma aluna vai até a lousa e no canto direito faz uma tabela. Desenha o rosto de um menino e de uma menina. A professora diz que é para ela apagar. A aluna apaga.

16h00 – P: *Quem já terminou o “separe sílabas”?*

- Uma minoria levanta o braço.

A: *Por que você marcou meu nome? (Na lousa).*

A: *A professora falou que não é para marcar.*

P: *Quem falou para marcar nome?*

A: *Amanhã vou “falta”, vou “viaja”.*

A: *Vai viajar de avião?*

A: *Não, de carro.*

A: *Nunca viajei de avião. Vou ver o pai do meu pai, eu nunca “conheci ele”.*

P: *Vamos corrigir na lousa.*

- Chama 15 alunos, cada um separa as sílabas de uma palavra, sendo um de cada vez.

- A cada palavra a professora lê a palavra e diz:

P: *Vamos fazer: Fo-me.*

- Os alunos batem palmas de acordo com a quantidade de sílabas e dizem o número correspondente. O aluno que está na lousa registra a separação.

P: *Você está fazendo, Sá? Eu sei que você não sabe separar sílabas e não faz. Que horas vai fazer?*

Vamos ‘no’ caça-palavras. Lê para mim qualquer uma.

A: *Foca.*

P: *Lê para mim.*

A: *Figo.*

P: *Tem figo aí embaixo?*

A: Não.

P: G., cadê o dedinho para juntar as sílabas?

-Dizendo isso vai até a carteira do aluno. O aluno lê silabado: a-ba-fa-do.

P: Viu, coloca o dedinho para não se perder.

A: Fá.

P: Coloca o dedo e junta as letras.

A: Fá..bi...bi...o

A: Fábio.

P: Quem quer ler para a Prô?

A: Eu quero. (06 alunos).

P: Vou ler com quem não consegue.

Leia.

A: F...E...FE...I...O

P: Leia “Feio”.

A: Feio.

16h18 – P: Quem já pintou pode colar.

16h30 – P: Podem guardar o caderno de português.

- A professora desenha na lousa uma árvore genealógica e escreve: “Nome/ Pai e Mãe/ ‘Vô e Vó’ ”.

Segue uma aula que exemplifica o trabalho pedagógico desenvolvido com a turma do 3º ano da Professora – PD com 22 alunos presentes dos 24 alunos matriculados.

12h35 – Entrada de alunos e professora. Organização das carteiras. Oração. Conversa informal.

12h45 às 13h35 – Ensaio da dança para festa junina.

P: Pessoal, vou chamar 01 por 01 para ver como vocês fizeram a atividade de ontem, aqueles problemas.

Hoje nós vamos trabalhar uma atividade muito legal, é a história “Cachinhos de ouro”. A história é composta de 02 partes. Primeiro a história, depois as atividades. Pode ir lendo e marcando a resposta.

- A professora diz isso e depois entrega duas folhas aos alunos: uma folha e meia com o texto xerocado e a outra metade da folha com duas atividades: **1-** Marque as respostas de acordo com a história. (quatro itens para o aluno marcar a alternativa correta a partir da observação de três ilustrações para cada pergunta: A história fala de:/ Os ursos moravam numa:/ Na história aparece também:/ **2-** Por que os ursos foram de manhã dar uma volta na floresta? – resposta dissertativa)

13h40 - Os alunos de posse da atividade iniciam a pintura da ilustração. Fazem esta atividade em silêncio.

14h15- A professora inicia a correção das situações-problema. Solicita aos alunos a ida até sua mesa.

14h40- A maioria dos alunos colore a ilustração.

14h40 às 15h05 – Recreio

- Os alunos e professora retornam do recreio e alguns colorem as ilustrações, outros retiram o excesso da folha para colá-la no caderno.

A professora continua com a correção das situações-problema em sua mesa, atendendo individualmente cada aluno.

Observa-se que a professora intervém: maior dificuldade dos alunos: centena, meia centena, dúzia. A professora os auxilia na armação da conta, interpretação do problema. Lê e faz perguntas dirigidas, enfatiza “Mais”, “Menos”, “Faltam”. Os alunos não conseguem identificar o tipo de conta que terão que fazer.

15h25 - 13 alunos concluíram a atividade “Cachinhos de ouro”. Permanecem quietos. Um aluno retira da mochila uma revista evangélica e uma bíblia pequena. Ao ler a revista utiliza um marcador de texto para destacar o que, pressupõe, achou interessante; 02 alunos conversam, mas é inaudível; 05 folheiam o caderno, ora param em uma página, olham e continuam a virar as páginas; 03 deitam a cabeça na carteira; 02 sentam-se de lado na carteira e observam a sala.

15h35- A professora sai de sua mesa e diz:

P: Enquanto eu termino a correção vou passar mais atividades. Vocês fizeram a 01. Vou passar até a 07.

A: Hã?

P: É bem facinho. Depois disso vamos fazer atividade do projetinho do meio ambiente.

A: Qual?

P: Vou usar este livro. (Mostra o livro e deixa-o no aparador da lousa).

- A professora solicita a uma aluna que faça a distribuição de “uma folhinha”. Volta à sua mesa e continua a correção das situações-problema.

- Os alunos iniciam a atividade nº 03. Na folha há a atividade de 03 a 07 e mais 01 item “Dê sua opinião”.

15h45- Os alunos dão indício que terminaram a atividade. Fazem a pintura do rosto da menina; recortam o excesso de folha e colam no caderno.

- A professora continua a correção da tarefa – situações-problema.

- 04 alunos não leem e não escrevem convencionalmente, não estão alfabetizados. E até o momento não receberam nenhuma atenção por parte da professora e essa não solicitou que nenhum colega os auxiliassem. Também, até esse momento 16h00, o texto no qual trabalham não foi lido e analisado com o grupo.

16h00 - P: *Pessoal, logo vamos ler o texto.*

- Diz isso e volta à correção das situações-problema.

P: A. , vira pra frente, dá para parar de conversar?

- A. é um dos 04 alunos que não estão alfabetizados e até o momento tentou fazer como pode as atividades, sem assessoria e quando disse algo para uma colega que senta atrás dele a professora ficou brava. O que A. faz: desenhos nos pedaços de papel que sobraram das atividades.

16h05- A professora para as correções dos problemas. Levanta-se da sua cadeira com o texto em mãos.

P: Pessoal, vamos à correção. (Refere-se às atividades do texto “Cachinhos de ouro”).

- Ao dizer isso inicia a leitura sem atentar os alunos para a atividade e a maioria deles não acompanha essa leitura apoiando-se na folha.

- Conclui a leitura e pergunta:

P: Quem são os Cachinhos? Como era o papai urso?

Silêncio... Ninguém responde e a professora faz outra pergunta:

P: Todas as manhãs o que eles faziam?

A: Tomavam mingau.

P: Teve um dia em que a manhã estava ensolarada, o que a mamãe urso disse?

A: Que o mingau “tava” muito quente.

P: Enquanto a família passeava o que aconteceu?

- Como nenhum aluno respondeu imediatamente a professora pergunta “quem apareceu na casa”.

A: Cachinhos de ouro.

P: O que ela faz?

A: Bateu na porta.

P: Tinha alguém?

A: Não.

P: O que ela fez?

A: Entrou e tomou um mingau.

P: Cachinhos de ouro provou o mingau da tigela maior e achou...?

A: Doce.

A: Muito doce.

P: Provou o da tigela do meio e achou...?

A: Muito quente.

P: Então, provou o mingau da tigela menor e...?

A: Gostou muito.

P: E...?

A: Comeu tudo.

A: Tomou tudo.

P: Depois que tomou o mingau ela foi para a sala e viu 03 cadeiras, o que ela fez?

A: Sentou na cadeira grande e achou muito dura.

P: Depois? (Ninguém responde).

A: Sentou na cadeira menor e a cadeira quebrou.

P: Ela ficou triste e entrou no quarto e lá havia...? (Ninguém responde).

Três camas, gente!! (Fala com ênfase). Prestem atenção, não estão sabendo contar uma história na sequência, é só ler. Ela entrou no quarto e viu três camas, o que ela fez?

A: Deitou na cama.

A: Na cama grande.

P: Também na cama do meio, e gostou?

A: Não!

P: Deitou na cama pequena, o que achou?

A: CON...FOR...TÁ...VELLLL.

P: Confortável. E o que ela fez?

A: Dormiu.

P: Quando os ursos voltaram do passeio levaram um susto, porque a Cachinhos de ouro entrou na casa, tomou o mingau, quebrou a cadeira do ursinho e o que fizeram?

A: Foram para o quarto?

P: E o que encontraram?

A: Cachinhos de ouro.

P: O que aconteceu com ela?

A: Acordou e saiu correndo.

P: A Cachinhos de ouro entrou em uma casa sem ser convidada. Isso é certo?

A: Não.

P: Vamos fazer as atividades. A 1ª atividade é para marcar sobre o que a história fala: de coelhos?

A: Não.

P: De porquinhos?

A: Não.

P: De ursos?

A: É.

P: Então, vocês marcaram o 3º quadrado?

A: É.

P: Nº 02. Por que os ursos foram dar uma volta na floresta?

A: Para esfriar o mingau.

P: Na atividade 03 o que Cachinhos de ouro viu na mesa da cozinha da casa dos ursos?

A: Mingau.

P: Nº 04: O que ela achou do mingau de cada tigela? Tigela maior?

A: Doce.

P: Tigela do meio?

A: Quente.

P: Tigela menor?

A: Gostou.

P: Nº 05: Qual foi a cama que ela achou mais confortável?

A: A do bebê.

A: A cama pequena.

A: A cama do bebê.

P: 06: Qual foi a reação do neném urso quando viu a menina deitada em sua caminha?

A: Ele chorou.

A: Ele ficou assustado.

A: Entendi que ficou branco.

P: Vamos lá no texto. Lê...Qual foi reação dele?

A: Chorou.

P: Ele já estava chorando.

A: Ficou assustado.

P: Ficou assustado. 07: O que Cachinhos de ouro fez diante da reação do neném urso ao vê-la dormindo na cama dele?

A: Ela acordou e pulou a janela.

A: Ela correu, pulou a janela e nunca mais voltou.

A: Ela correu, pulou a janela e foi para sua casa.

A: Uns meninos “deixou” a bola cair na casa da dona? E os meninos “foi” lá pegar. Tinha cachorro lá.

P: *É, não podemos entrar na casa dos outros sem sermos convidados.*

Dê sua opinião: O que você achou a atitude de Cachinhos de ouro de mexer em coisas que não eram dela?

A: *Não é certo.*

A: *Eu achei a atitude dela péssima, porque não deve mexer nas coisas dos outros.*

A: *Ela não devia fazer, não é certo mexer nas coisas dos outros.*

A: *Achei ruim.*

A: *Achei muito feio.*

A: *Não é bom.*

A: *É feia.*

A: *Devagar.*

A: *Igual nós.*

A: *Achei muito feio.*

A: *Eu achei uma menina arteira e xereta.*

OBS: 07 alunos participaram desta atividade.

16h40 - P: *Vou pedir que cada fileira guarde o caderno no armário. (Os alunos guardam).*

Pessoal, estamos trabalhando meio ambiente, já assistimos o filme “Lorax: em busca da trífula perdida”, e hoje a Professora C. (do 2º ano) trouxe esse livro. Vamos sentar lá na frente. (Os alunos se levantam e sentam-se no chão. A professora também senta no chão).

P: *O livro que vou ler chama “O mundinho agradece” ... Vamos plantar uma árvore. Quem escreveu foi Suelen Katherine Andrade Santos.*

- A cada página que lê a professora mostra a ilustração aos alunos e a interpreta.

P: *Pessoal, esta história conta como é importante plantar árvores. Eles procuraram uma sombra e não encontraram. O que fizeram?*

A: *Plantaram árvore.*

P: *Então, pessoal, quando eles decidiram plantar descobriram que as árvores cresciam...?*

A: *Devagar.*

A: *Igual nós.*

P: *Isso. Tem que plantar árvore, porque é muito importante e o nosso planeta “tá” precisando...*

A: Água também.

P: Também de água.

A: Conta outro livro, professora.

P: Hoje não. contei a história desse livro, porque faz parte de outra atividade. O secretário do Meio Ambiente deu um Ipê para cada um.

A: Oba!!

A: Eh!

P: Cada um vai levar e plantar. Cuidado com ela, tem que regar. Esta mudinha que vocês vão levar pode passar um tempo no vaso. Não muito tempo, depois pode plantar.

A: Numa pracinha?

P: É...mas depois que plantar pode deixar lá?

A: Não.

P: É como um filho, tem que cuidar. Vocês vão levar a muda e se não der para plantar dê para alguém que tem quintal, sítio...

O que pode acontecer se vocês plantarem essa muda? O que pode acontecer com o meio ambiente? (Ninguém responde).

Vocês vão desenhar o que acham. Quero que cada um reflita sobre seus planos para a planta.

A: Professora, "tô" tão alegre, nunca ganhei uma árvore.

P: Nunca? Que bom que ganhou hoje.

Desenhe como vocês acham que a árvore vai ficar, que expectativa você tem para ela.

A: Na minha casa não tem lugar.

A: Na minha também não.

P: Veja com os seus pais se tem uma praça perto da sua casa.

16h50- Os alunos fazem a ilustração a partir da proposta dada.

A: Professora, M. "tá" conversando.

P: Você não está pensando nos planos para a árvore?

- Os alunos elaboram a ilustração em silêncio.

17h00 - P: Pessoal, vamos levantar devagarzinho para pegarmos as mudas de Ipê.

- Alunos e professora saem da sala e retornam cada um com uma muda da planta. Chegam animados.

17h10 - P: *Será que vai dar tempo para terminar?*

A: *A minha é rosa.*

A: *A minha é branca.*

A: *A minha é rosa.*

P: *Não dá para saber qual é a cor. Tem que plantar para saber.*

- As crianças continuam "A minha é branca...rosa". Uma aluna diz bem alto "Gente, não dá para saber!" e algumas continuam.

P: *Pessoal, só vamos saber quando florescer. Quem já terminou o desenho coloca na minha mesa e vem buscar o bilhete para colaboração da festa.*

- Os alunos se levantam, entregam o desenho, pegam o bilhete e retornam às suas respectivas carteiras.

17h20 – Alunos e professora se preparam para a saída.

Segue uma aula que exemplifica o trabalho pedagógico desenvolvido com a turma do 3º ano da Professora – PE com os 27 alunos matriculados presentes.

12h36 - Entrada dos alunos e professora.

12h37 - P: *Vou entregar uma folha. Coloque o nome. Se tiver mais um com o mesmo nome, coloque S., F...*(refere-se ao sobrenome dos alunos)

- A professora vai para a sua mesa e verifica o material que será utilizado.

A: *É nome inteiro?*

A: *Não, é só o primeiro.*

12h42 - P: *Abram a apostila de Língua Portuguesa na página 41.*

A: *É Matemática?*

P: *Não, Português.*

P: *Beleza!*

- Um aluno faz um “avião” com a régua e a caneta e brinca das 12h37 às 12h49.

12h47 - P: *Vamos falar sobre o quê? O que você estão vendo aqui?*

A: *Um homem e um menino.*

P: *O que o menino está fazendo?*

A: *Tá assustado.*

P: *Por quê?*

A: *Porque assistiu um filme de terror.*

P: *Vamos estudar sobre filme, censura e horário. Quando acontece alguma coisa, com quem vocês falam?*

- Ninguém responde.

P: *Quando acontece alguma coisa que você acha errado na escola, com quem vocês reclamam?*

A: *Com a professora, diretora, Seu k....*

P: *E fora da escola, com quem vocês reclamam?*

A: *Com meu pai.*

A: *Com minha mãe.*

P: *Vocês assistem televisão em qualquer horário?*

A: *Sim.*

A: *Não.*

P: *Vocês assistem novelas e qualquer filme?*

A: *Sim.*

A: *Não.*

A: *Tem horário que criança não pode.*

A: *Eu assisto 00h00. Minha mãe fica brava, fala que eu tenho que ir dormir.*

A: *Eu assisto com meu pai, filme de guerra.*

P: *Tem violência. Vocês acham certo?*

- Ninguém responde.

12h52 -P: *Vocês vão ler. Leia obedecendo ponto final, vírgula...*

- Uma aluna lê de maneira silabada e muito baixo.

P: *Lê (fala para outro aluno)*

- O aluno lê de modo silabado e muito baixo.

P: *Continua (mostra onde deve ler)*

- A aluna lê de modo silabado.

P: *Continua (mostra onde deve ler)*

- A aluna lê de modo convencional e mais alto que as outras crianças.

P: *Quantas estrelinhas têm aqui?*

A: *Três.*

12h57 - P: *O que está escrito?*

A: *Censura livre.*

P: *E quatro estrelas?*

A: *Excelente.*

P: *Qual é a programação que mais gostam de assistir?*

A: *Avião.*

P: *(irritada) Não! Qual é o tipo?*

A: *Frozen.*

P: *Frozen é o quê?*

A: *Filme.*

A: *Desenho.*

P: *Quem gosta de desenho?*

- 25 alunos levantam o braço; 2 não.

13h04 - P: *Vocês não gostam de desenho?*

A: *Eu gosto de terror.*

P: *Quem gosta de filme?*

- 2 alunos não levantam o braço.

P: E novela? Quais novelas assistem?

- A maioria levanta o braço e diz “Carrossel”.

13h09 - P: *Acho que as estrelas não interessam para vocês. (as estrelas referem-se à avaliação feita pelos críticos ao filme)*

A: Não.

P: Olhem para a página 43. O que vocês veem na figura?

A: Assistindo filme.

P: E o que eles estão fazendo?

A: Coçando a cabeça.

P: Gente, para. Vou deixar vocês sem Artes, Educação Física, etc, etc, etc.

P: Por que estão coçando a cabeça? Por que tem piolho?

A: Não.

A: A televisão tá desligada.

A: Tão assustado.

P: Vamos ler o texto.

13h14 - Cada aluno lê uma frase. 12 alunos leem de maneira silabada e 01 lê de modo convencional.

- Os alunos que leem de modo silabado leem muito baixo. Quando a professora solicita que o colega continue, fica brava porque os alunos não sabem onde é para continuar.

13h19 - A professora lê o texto de modo fragmentado: para durante a leitura e pergunta o significado de uma palavra; pergunta alguma coisa; chama a atenção de algum aluno; explica a maioria das frases; se “perde” durante a leitura.

13h 25 - A: *Hoje vai passar um filme lá...*

P: Vamos continuar – e continua, parando logo em seguida.

P: P., olhe!

P: “Veio o intervalo”. Vocês sabem o que é “intervalo”?

A: Recreio.

- A professora continua. Na última frase, aparece reticências.

P: Esses “três pontinhos” quer dizer que o autor “não deu conta de continuar”.

P: Eu não sei “inglês” - e lê o nome da autora.

- A professora lê as perguntas.

P: *Gente, quando a “genti” (ênfase na sílaba ‘ti’) vai estudar, tem que levar a sério, no 4º., 5º., 6º.... - e volta para a pergunta.*

P: *Onde o pai viu a programação?*

A: *No telefone.*

P: *É, não vou dizer que você está errado, porque no telefone celular tem internet.*

A: *Whatsapp.*

A: *Facebook.*

P: *É, você é mais chique!*

P: *Beleza!*

A: *Eu não entendi nada...*

P: *Número 2 – e não lê o enunciado da atividade.*

P: *Vocês estão vendo os três balões. Vocês vão escrever do jeito que vocês acharem certo: o que o menino disse ao pai para assistir o filme. Beleza?*

OBS.: O enunciado da atividade n. 2: “Que argumento você acha que André usou para convencer o pai a deixá-lo assistir ao filme? Preencha os balões com as falas de André”.

13h35 - A: *Não sei.*

P: *Fala pra mim: o que você acha que o menino disse para o pai para poder assistir o filme?*

A: *“Quero assistir”.*

P: *Escreve aí no balão.*

OBS.: os alunos que concluíram a atividade brincam com a régua e caneta – simulam que esses são aviões; contam lápis; simulam tiros de metralhadora com a boca, quase inaudível e faz o apontador de “avião”.

P: *Não vai derrubar sujeira no chão que eu não gosto!* (a professora fala isso para um aluno que está apontando seu lápis)

- A professora passa de carteira em carteira e verifica as atividades.(não questiona nenhum aluno)

13h51 - P: *A terceira questão!* (lê o enunciado e o interpreta antes de questionar os alunos)

P: *“Em sua opinião, por que o pai de André não achava interessante que o menino assistisse ao filme na TV”? Por que a programação era... (e diz junto aos alunos) “muito tarde” - e os alunos completam a frase.*

P: Por que o pai não queria que ele assistisse o filme?

- Ninguém responde.

P: O que é tarde pra vocês?

P: Ó, bonito! “Parô”! - diz a um aluno.

P: Vocês vem “na” escola que horas?

A: Tarde.

P: Quem vem à tarde para a escola pode, se os pais deixarem, assistir um filme até mais tarde? - diz isso olhando para duas fileiras da sala, que possui cinco no total.

P: Não quero que aponte lápis! E não quero reclamação de mãe.

14h05- A professora lê o enunciado da quarta questão.

P: Letra A: “a programação é semanal ou diária?”

A: É diária.

P: Eu vou fazer as quatro, depois vocês fazem.

P: Letra B: “há programação de quantas emissoras?”. Letra C: “o jornal fornece também resumos de telenovelas e resenhas de filmes?”. Letra D: “o jornal traz avaliação dos filmes quanto à qualidade?” Ótimo, bom, regular, péssimo...

P: Letra D, parou no “bonito” ali.

- Os alunos riem.

- O aluno lê de modo silabado. A professora lê.

P: Agora eu vou descobrir se vocês leem jornal. As respostas “é” pessoal.

OBS.: não houve correção das palavras nas respostas. Verificou-se: “mais” no lugar de “mas”; “e” no lugar de “é”; “diária” sem acento.

14h15- A professora passa nas carteiras para verificar a atividade.

P: Não! Deixe assim. Eu entendi o que você quis escrever. (diz a um aluno que apaga o que havia registrado)

- A professora lê a quarta questão para o aluno.

A: Não.

P: O jornal que você leu não tinha a avaliação de filmes?

A: NÃO! Não me lembro.

P: Tudo bem.

14h28 - P: Peguem o caderno de Língua Portuguesa e desenhe o que conversamos. Vão desenhar a programação que mais gostam.

A: Êêê!!!

14h30: recreio

15h05: retorno do recreio

15h05 – 16h15: os alunos desenharam a partir da atividade proposta.

TEXTO DA ATIVIDADE DE HOJE

RIDÍCULO DE PÉSSIMO

Certo dia, lendo o jornal, o pai comentou:

- André, sabe o que vai passar hoje na televisão? A Noviça Rebelde. Ah, mas o horário é péssimo, muito tarde... Você não pode ver.

Mas André tanto insistiu que o pai e a mãe permitiram que ele assistisse ao filme.

Ao chegar o momento aguardado, a família toda se sentou diante da televisão. O pai havia feito pipocas deliciosas e refresco de maracujá.

O filme começou. Era realmente lindo. Mesmo já sabendo o que ia acontecer, surpreendia e emocionava.

Não demorou muito, veio o primeiro intervalo. André aproveitou para ir ao banheiro rapidinho. Voltou correndo.

Mas, quando o filme recomeçou, ninguém entendeu nada! Passou a ser transmitido um banguê-banguê, que continuou, continuou... E o erro não foi consertado. Um horror!

Todos ficaram desapontados e chateados.

(CHAIB, Lídia; PRIETRO, Heloisa. *Ridículo de Péssimo*. São Paulo: Scipione, 1993. p. 3-4.)

APÊNDICE C – 06

Professoras da Escola II –

Maior IDEB

Segue uma aula que exemplifica o trabalho pedagógico desenvolvido pela Professora denominada PF do 1º ano com 16 alunos presentes, dos 19 alunos matriculados.

12h30 – Professora e alunos adentram a sala de aula e a organizam. Fazem oração e cantam. Contagem do número de alunos. Fazem os números na linguagem de sinais e dizem também. (10 meninas e 06 meninos).

12h45 - P: *Hoje é?*

A: *segunda-feira*

P: *Ontem foi o 1º dia da semana, foi...?*

A: *Domingo.*

P: *Vou fazer a rotina.*

- Registra na lousa: Português, lanche, Matemática.

P: *Vamos fazer o alfabeto. (Em libras).*

- Os alunos e professora dizem e fazem o sinal.

P: *O livro que nós vamos ver fala sobre família.*

12h55 - P: *Vou contar a história “A melhor família do mundo”. Quem escreveu foi Suzana Lopes, ilustração de ... (inaudível)*

A: *Acho que essa história vai ser engraçada.*

A professora inicia a leitura. Todos os alunos ficam atentos ao que ouvem.

Conclui a leitura e questiona os alunos:

P: *O que é orfanato?*

A: *Um hotel.*

A: *É um lugar “de quem” não tem família mora.*

P: *É um lugar que ficam crianças aguardando ser...?*

- Silêncio.

P: *Adotadas.*

13h00 - P: *Vou parar por aqui. Amanhã continuo.*

A: *Ah!*

A: *Conta mais.*

P: *E a sua família, é a melhor do mundo?*

A: *É.*

P: *Eles nos dão o quê?*

A: *Comida.*

A: *Carinho.*

A: *Brinquedo.*

P: *Na apostila o que estamos vendo...?*

- Ninguém responde.

P: *Ah! Esqueceram?*

A: *Família.*

P: *Não.*

P: *Escola.*

A: *Ah, é! Escola.*

- A professora distribui a apostila e orienta a monitora que cuida da criança com deficiência auditiva.

P: *Página...*

- Os alunos procuram a página. Caso o aluno não a encontre a professora o orienta, mas a criança faz isso sozinha.

13h05 - P: *Para uma escola funcionar bem preciso o quê é preciso?*

A: *Muita gente.*

A: *Não ia ter aula de arte.*

A: *Coordenadora.*

A: *Cozinheira.*

A: *Diretora.*

P: *Então, para uma escola funcionar bem precisa...?*

A: *De muita gente.*

P: *Só de orientadora (monitora) tem quantas?*

- Contam.

A: *06.*

P: *O que elas fazem?*

A: *“Cuida da gente”.*

A: *Leva na diretoria quem faz bagunça.*

P: *Quem faz bagunça ou briga tem que ir para a diretoria por quê?*

A: *Para ficar de castigo.*

P: *Quem limpa a escola?*

A: *A Dona__.*

P: *Quem mais trabalha?*

A: Professoras.

- A professora vai para a apostila e lê “*Pessoas da minha escola*” – além dos amigos da sala e professores, que são pessoas com quem vocês convivem todos os dias, há pessoas que fazem parte da sua vida escolar. Quem são essas pessoas?

P: Quem são essas pessoas?

- As crianças verificam as figuras e falam os nomes das outras professoras do mesmo período.

13h10 - P: Na página 106. Atenção aqui na atividade “Você conhece algumas dessas pessoas da sua escola? Tente escrever do seu jeito o nome de quem você conhece na escola e não faça parte de sua turma nem seja seu professor. Pode ser adulto ou criança”.

Todos vocês conhecem pessoas de outras salas, não conhecem?

A: Tenho a minha irmã.

A: Pode ser a secretária?

P: Pode. Escrevam do jeito que sabem, é uma escrita espontânea.

A: Samara.

A: Vitória.

A: Maria Vitória.

- Enquanto escrevem, as crianças conversam entre si.

A: É assim.

A: Conhece minha irmã?

A: Conheço.

A: I-sa-be-le. (Diz em voz alta enquanto escreve).

A: Como escreve “Stefani”?

P: Tem Stefani que começa com S, tem que começa com E. Você sabe como é? Já viu a escrita?

A: Não.

P: Escreva do seu jeito.

Depois que vocês escreverem vou carimbar o meu nome, senão o pai vai falar que a professora não corrigiu.

- A professora fica sentada à mesa.

13h20 - P: Olha quantos nomes a Y__ escreveu: Ruth, Mara, Gabriel, Samuel.

A: Professora, como se escreve RAN?

P: Como você sabe.

A: Vou escrever o nome do meu gato.

P: Seu gato estuda aqui?

A: Não.

A: Ele fica na sua casa.

13h25 - P: *Tem outro espaço que vocês terão que recortar objetos usados na escola.*

A: Tia, manda para casa.

P: Por isso que trouxe isso aqui.

- A professora vai até o canto, próximo à sua mesa, e pega: uma vassoura, um rodo, um balde, um pano para tirar pó e um pano de chão.

- Mostra aos alunos. Outros simulam utilização desses objetos.

P: Agora vocês vão desenhar esses objetos e depois escrever o nome.

- A professora desenha na lousa uma vassoura e diz:

P: Não sou desenhista.

A: A professora de arte é.

P: Ela é.

P: Vamos escrever VASSOURA.

A: V e A.

P: SOU

A: Ç.

P: Ç?

A: S.

P: Isso., dois S.

P: RA?

A: R e A.

- A professora desenha um retângulo e diz:

P: Isso é um pano. Como é que se fala?

- A professora diz "PÃ".

P: Vamos escrever.

A: P e A.

P: E "NO"?

A: N e O.

- A professora desenha um balde e diz:

P: O que é isso?

A: Balde.

A: BA.

P: E para ficar BAL?

- Ninguém responde.

P: Coloca o L.

- A professora desenha um vidro e diz:

P: É um vidro de ...?

A: É um bico.

P: Não é bico. (a professora ri).

- A criança atenta-se ao bico de onde sai o produto.

A: É detergente.

P: Como se escreve.

A: Com D.

P: DE-TER-GEN-TE.

A: Tem um “trem” de limpar janela.

P: ‘Trem’ de limpar janela?

A: É um negócio que faz espuma...

A: É sabão.

- A professora escreve “SA” e pergunta:

P: E BÃO?

A: B.

A: Como é BÃO?

P: Como é?

A: B e ãO.

13h40 - A: Professora, “vanish”!

P: Nossa, como você é chique!

A: Bucha.

P: Bucha não tem aqui. (Refere-se aos produtos do balde).

13h45 – A professora lê com os alunos as palavras que escreveu: VASSOURA, PANO, RODO, BALDE, DETERGENTE. A cada leitura os alunos batem palmas e

verificam a quantidade de sílabas. As crianças escrevem as palavras e fazem os desenhos.

A professora escreve na lousa: LIMPO E LIMPEZA.

P: *Veja o que escrevi. (Uma aluna lê)*

Isso! Limpo e limpeza.

Vou dizer uma coisa que vocês vão aprender lá na frente: M antes do P e B. Veja nas palavras LIMPO e LIMPEZA. O M está antes do P. Fale uma palavra que tem o M antes do P e B.

A: *Maria.*

P: *Maria, o M acompanha o A para formar MA.*

- Outros alunos dizem outras palavras.

A: *Bombom.*

P: *Isso. (Escreve na lousa e aponta o M antes do B).*

13h55 - P: *Pinte a 1ª letra das palavras.*

Em LIMPO e LIMPEZA, qual é?

A: *L.*

14h00 - P: *Vou fazer a chamada. (e faz, enquanto isso os alunos pintam a 1ª letra de cada palavra)*

P: *Qual é a letra?*

A: *L.*

P: *Fale algumas palavras.*

A: *leão.*

A: *Limpar.*

A: *Lindo.*

P: *Como se escreve LIMPAR?*

A: *LI.*

P: *Falta o quê?*

A: *M.*

P: *E "PAR"*

A: *PA.*

P: *R.*

Quando vocês deixam cair alguma coisa no chão e a mamãe fala "limpe" e vocês já limparam, o que vocês dizem?

A: *Limpei.*

P: *Escrevam “LIM-PEI”.*

Vamos escrever...LIM..

A: *L-I-M.*

P: *E “pei”.*

A: *P, E e I.*

P: *Vamos ler (E leem: LIMPO – LIMPEZA – LIMPAR – LIMPEI).*

Nós já trabalhamos o L.

A: *Vamos trabalhar de novo?*

P: *Qual a família do L?*

A: *La, Le, Li, Lo, Lu, Lãõ.*

P: *Vamos escrever palavras com L. Fale uma.*

A: *Linda.*

P: *LIN...*

A: *DA.*

P: *É com M ou N?*

- Silêncio.

P: *Será que é com M ou N?*

A: *N.*

- A professora escreve a palavra na lousa.

P: *Tem tantas outras palavras. Pode ser com La, Le, Li, Lo, Lu.*

A: *Leite.*

A: *Laço.*

A: *Linha.*

P: *Como é NHA? A velhinha queria linha para fazer a ...?*

A: *NHA, NHA, NHA. (Diz uma criança).*

P: *Como se escreve?*

- Ninguém responde.

P: *N-H-A.*

A: *Lápis.*

A: *Lua.*

A: *Lulu.*

A: *Luna.*

A: LU-NA.

A: Leão.

P: Vamos ver quem vai conseguir escrever “Leão”.

A: Le-ão.

P: Vamos lá...Le-le...

A: L e E.

A: Leão.

- As crianças copiam as palavras.

P: Vamos parar um pouquinho. É hora do recreio.

14h20 às 14h40 – Recreio

14h45 - P: Pessoal, quem não terminou copiem.

- A professora faz a leitura das palavras juntamente com os alunos

P: Vamos começar a aula de matemática, página 84.

- Os alunos abrem a apostila.

P: “Combinando roupas”: As férias estão chegando! Nicolau, Betina, Francisco e Carolina vão viajar juntos. Vamos ajudá-los a arrumar as malas?

A: Nossa, vou viajar.

A: Não é você!

A: É a menina.

P: Vamos montar a mala da página 97. As crianças terão que recortar a figura de uma mala (+ ou - 10 x 5 cm). Depois vocês vão recortar as roupas da página 99 e fazer as combinações.

A: Que legal!

A: Quanta roupa!

- Nesse momento as crianças iniciam o recorte da figura de uma mala e em seguida o recorte das roupas. São: 01 saia roxa; 03 blusas femininas, sendo 01 verde, 01 laranja e 01 roxa; 02 bermudas masculinas, 01 marrom e 01 azul; 03 camisetas masculinas, 01 laranja, 01 amarela e 01 verde.

- Os alunos começam a fazer combinações.

Saia roxa com 03 camisetas = 03 look

01 bermuda marrom com 03 camisetas = 03 looks

01 bermuda azul com 03 camisetas = 03 looks.

- Ao todo montam 03 looks femininos e 06 looks masculinos.

15h15 - No momento da combinação das roupas os alunos dialogam entre si. Verificam o que o colega criou. Andam pela sala verificando a criação de todos os colegas.

A: Não gostei desse aqui. (Refere-se à camiseta verde).

A: Eu gosto de verde

A: “Se” não gosta.

A: Não, um pouco...

A: Olha, a menina tem menos roupa.

A: O menino tem 02 bermudas.

A: 02 shorts.

A: Professora, é shorts ou bermuda?

P: Bermuda.

Vamos completar. Com 01 saia e 03 bermudas Betina formou ____ conjuntos diferentes de roupas.

A: 03 conjuntos.

P: Isso. Uma saia roxa com...?

A: 01 camiseta verde.

A: 01 camiseta laranja.

A: 01 camiseta roxa.

P: Com 02 bermudas e 03 camisetas Nicolau formou ____ conjuntos diferentes.

A: 06

A: Quanto!

A: É muito, hein!

P: Quais foram?

A: 01 bermuda marrom e 01 camiseta laranja.

A: 01 bermuda marrom e 01 camiseta amarela.

A: 01 bermuda marrom e 01 camiseta verde.

A: 01 bermuda azul e 01 camiseta verde.

A: 01 bermuda azul e 01 camiseta amarela.

- Os alunos completam com os números das combinações.

16h55 - P: Todos terminaram?

A: Sim.

A: Não.

A: *Ainda não.*

- A professora distribui uma folha para tarefa.

P: *Quem terminou pode guardar tudo.*

- 08 crianças guardam o material. 03 conversam entre si, 02 conversam com a educadora que cuida da aluna deficiente auditiva, 03 brincam com um ábaco.

17h25: Saída.

Segue uma aula que exemplifica o trabalho pedagógico desenvolvido pela Professora – PG do 1º ano com os 23 alunos matriculados.

12h35 - Professora e alunos adentram a sala de aula. Organizam as carteiras e retiram da mochila o caderno de lição e o estojo.

P: Vou corrigir a tarefa.

A professora senta-se à mesa e inicia a correção individual do caderno. Os alunos aguardam. Seis crianças conversam entre si. Outras observam o que acontece.

12h45 - *P: Vou ler uma história “ A velha Cambalhota”. Quem escreveu foi Sylvia Ortof e quem desenhou foi Tato.*

A: Tato....

A professora inicia a história e os alunos ouvem com atenção.

12h50

Conclui-se a leitura

A: Nossa, que velha atrapalhada....

A: É engraçada.

P: Vou entregar a atividade. Vocês vão completar com as consoantes... Quais são as consoantes?

A: a..

P: A, é consoante?!

A: Não..

A professora vai até o alfabeto exposto na sala e lê com os alunos somente as consoantes.

OBS: a professora faz isso com as folhas em mãos.

14h00

Entrega as folhas aos alunos e esses iniciam a atividade. Não leem os enunciados que são “USE CONSOANTES PARA COMPLETAR O NOME DAS FIGURAS” e “COMPLETE COM AS LETRAS QUE FALTAM”.

A: BA...LA

A: BOLA

A: Que que é isso?!

A: É pêra...

P: Façam a atividade em silêncio, depois vamos corrigir.

Os alunos silenciam-se e fazem a atividade.

14h10

A: Pode pintar.

P: Quem terminou pode.

14h25

P: Vamos corrigir. (Dizendo isso a professora levanta-se de sua cadeira e vai até a lousa)

P: Qual é a primeira figura?

A: BALA.

P: Quais consoantes estão faltando?

A: B e L.

P: Isso. (E escreve na lousa)

P: Qual a outra palavra?

A: BOLA

P: Quais consoantes estão faltando?

A: B e L.

E assim a professora segue a correção. Não observa se os alunos fizeram corretamente e apenas 10 alunos participam. Após concluir a escrita das palavras na lousa, passa nas carteiras observando o que os alunos fizeram e corrige, mas não aponta o erro para o aluno.

14h30

P: Vou entregar outra folha .

A professora inicia a entrega das folhas e ao fazer isso diz aos alunos o que devem fazer: “ESCREVA OS NOMES DAS FIGURAS. CADA LETRA EM UM QUADRADINHO”. O enunciado é “ESCREVA OS NOMES”.

Os alunos iniciam a escrita e logo perguntam se podem pintar.

P: Pode, assim que terminar de escrever o nome das figuras.

14h40 às 15h00: RECREIO

15h05: Professores e alunos retornam do recreio.

P: Continuem a atividade.

OBS: Durante a atividade há muito silêncio. Os pouquíssimos diálogos referem-se à “olha esse desenho”; que cor vai pintar?”; “eu brinquei de pega-pega no recreio”; “eu não”.

15h15

P: Vamos corrigir.

A: Não terminei de pintar.

A professora não responde. Vai até à frente da lousa e diz “Primeira figura”.

A: morcego.

P: Como se escreve?

A: M-O-R-C-E-G-O.

A professora registra na lousa.

E assim segue até concluir a escrita dos nomes de todas as figuras.(ao todo 17 figuras)

15h15 - P: *Vou entregar outra folha e vocês vão ter que completar com LA-LE-LI-LO-LU e LÃO. Na outra atividade vocês vão fazer um X ao lado do nome das figuras. Depois vocês vão escrever o nome das figuras. Depois vocês vão fazer as continhas de mais.* (Dizendo isso, a professora entrega a atividade individualmente, passando de carteira em carteira).

OBS: no primeiro momento não há manifestação de nenhum aluno.

15h25

A: Bo-la. É pra marcar onde?

A: Na palavra bola. (o aluno vai até a carteira do colega e mostra onde está escrito BOLA e o aluno faz um X)

E ASSIM SEGUE A EXECUÇÃO DAS 04 ATIVIDADES. A PROFESSORA PERMANECE SENTADA À MESA. UM OU OUTRO ALUNO PERGUNTA E UM COLEGA RESPONDE. A única vez em que a professora e alunos conversam é no momento em que o aluno pergunta “posso pintar?” e ela responde “se terminou de escrever pode”.

15h50

P: Vou entregar outra folha.

A: Mais uma, prô ?!!

A: É legal ‘pinta’!

A: Eu gosto...

P: Tem que fazer atividade, é pra isso que vocês veem para a escola, para aprender. (dizendo isso entrega a folha)

P: Agora vocês vão pintar a palavra que nomeia o desenho. Depois vão fazer continha de menos.

A PROFESSORA NÃO LÊ O ENUNCIADO JUNTO COM OS ALUNOS.

16h20 – Conclui-se a atividade nos moldes das outras já realizadas.

16h25

P: Vou entregar outra atividade, AGORA VOCÊS VÃO ENCONTRAR AS PALAVRAS NO CAÇA-PALAVRAS. Depois vão “procurar no caça-palavras os nomes das figuras”.

OBS: AS ATIVIDADES SÃO REALIZADAS, CORRIGIDAS, COLORIDAS E COLADAS NO CADERNO NOS MOLDES DAS OUTRAS ATIVIDADES JÁ REALIZADAS. É PERTINENTE REGISTRAR QUE APENAS 10 A 12 ALUNOS PARTICIPAM ATIVAMENTE DAS ATIVIDADES.

16h45

P: Agora vou entregar a última folha do dia, vocês vão pintar a família silábica do “H”. Depois vão formar palavras.

A: Já tá na hora de ir embora?!

P: Você tá cansado?

O aluno não responde.

P: Ah!!! Que preguiça! Tá terminando

17h10

P: Quem terminou pode guardar o material.

A maioria começa a guardar o material e a professora diz “vou ver se terminaram mesmo”. (e passa de carteira em carteira vistando/corrigindo a atividade)

Nota-se que faz algumas correções, mas não diz nada aos alunos.

17h20 - Os alunos estão prontos para a saída.

O relato de aula a seguir exemplifica o trabalho pedagógico desenvolvido com a turma do 2º ano da Professora – PH, com dezoito alunos presentes dos 20 matriculados.

12h30 – Alunos e professora entram na sala e organizam as carteiras.

P: Boa tarde, turminha.

A: Boa tarde.

P: Hoje nós recebemos uma visita na sala. Ela vai ficar com a gente toda a semana.

A: 01 mês?

- Riem.

A: Não, 01 semana.

A: 07 dias.

P: 05 dias. (Conta nos dedos até cinco).

A: Ah!!.

A: Dia 28 é aniversário da minha mãe.

P: Que gostoso! Vai ter bolo? (Bate as mãos ao dizer “quer gostoso”).

A: Vai.

- Todos os alunos olham para o calendário tentando fazer a conta de quantos dias faltam.

A: “Falta” 04 dias.

12h40 às 13h30 – Aula de arte (com o professor da área)

13h30 às 13h40 – A professora titular entra na sala e solicita aos alunos que guardem o livro de matemática no armário. Faz a chamada e a oração espontânea. Cantam “Vai começar a brincadeira da comida brasileira”.

13h40 – Uma aluna lê de modo silabado uma página do livro “O mais bonito” para os colegas. (posiciona à frente das carteiras, em meio a falas diversas)

- Outro aluno lê convencionalmente o livro “Estela”.

- Outra aluna lê convencionalmente o livro “O caso do bolinho”

- Conclui às 13h50.

Obs: 06 alunos mostram-se desinteressados; 03 folheiam o caderno; 01 faz dobradura; 01 lê outro livro; 01 escreve o cabeçalho.

Enquanto 02 alunos liam o livro, a professora verificou a tarefa de 03 alunos.

14h00- P: *Quem é ajudante hoje?*

A: A R.

P: Ela já foi. É o M.

- A professora pega os cadernos de Português, diz os nomes dos respectivos alunos e Murilo entrega aos colegas.

- A professora faz o cabeçalho na lousa.

A: Posso fazer de mão? (referindo-se à leitura cursiva).

P: Ainda não, vocês estão com dificuldade.

Que dia é hoje?

A: 25.

P: Que mês?

A: Maio.

A: 2015.

P: Uma frase.

- Silêncio.

A: Eu sei.

A: Eu sei.

- A professora aponta uma aluna e ela diz “Deus cuida de mim”.

- A professora registra na lousa “Construir palavras”.

14h05 - P: Vou ditar as palavras.

A: Não.

P: Ainda não? Onde você está?

A: No mês...maio.

14h10 - P: Vamos lá! CHAPÉU.

CHA-PÉU. Próxima, CHUVEIRO.

A: Já “tô” na 03.

P: CHICOTE, cheiro.

P: Pode mandar, professora.

P: CHO-CO-LA-TE.

A: Professora, qual é essa aqui? (A professora vai até a mesa do aluno).

P: É cheiro.

Continuando. ILHA.

- A professora vai até uma aluna e fala de modo silabado a palavra CHOCOLATE.

P: Você não sabe escrever?

A: Não.

P: Vai para outra. A sua professora na outra escola não dava palavrinhas assim?

A: Não.

P: TELHADO. PASSARINHO.

A: É com dois S?

P: Não é para falar.

P: NINHO.

A: NI-NHO.

P: É onde o passarinho vai botar ovinho.

Outra, SERROTE.

Luís, tudo bem aí? (O aluno balança a cabeça dizendo que sim e vai até ele).

CARRO. PASTEL.

Outra, JORNAL.

- Com o aluno Luís a professora o auxilia na formação de palavras com “sílabas simples”.

14h15 - P: Próxima, COCADA.

Luís, BI-CO.

Deixa eu ditar para eles (Refere-se à classe).

CARROSSEL.

A: “Embarque nesse carrossel, onde o mundo e a terra é quase céu...”

P: ÁRVORE, PORTA, BARCO, BOMBOM, ESCOLA, AMBULÂNCIA.

Só vou corrigir a do Luís, depois a gente corrige.

14h20

- Uma aluna vai até a lousa e escreve “CHÁPEU, CHUVEIRO, CHICOTE, CHEIRO”.

P: Não é para apagar se tiver errado. Escreve na frente.

14h20 às 14h40 – Recreio

14h45 - P: Vamos continuar a correção. L__, vai até a lousa e escreva 05 palavras.

- A criança escreve e registra “SEROTE” para SERROTE.

A: É com dois R.

A: Não é.

A: Fala.

- Falam pausadamente.

P: É com dois R.

- A aluna corrige.

14h50 às 15h00 - P: N___, vai para lousa. Escreva 05 palavras. A criança registra “PASTEU” para PASTEL. Os alunos dialogam para chegarem a um consenso. Decidem que é com L.

P: É com L.

- Segue a correção até que as 20 palavras ditadas sejam corrigidas.

15h00 às 15h15 - P: Agora vocês vão escrever frases com estas 03 palavras.

- Registra na lousa: TELHADO, CHAPÉU, JORNAL.

15h15 às 15h40- Os alunos fazem as frases, no primeiro momento, sozinhos. Após, a professora solicita que vão até sua mesa e assim ela faz a correção. Há predomínio do apontamento do “erro” e ela mesma faz a adequação/correção e depois solicita que o aluno leia.

15h40 às 16h00 - P: Agora vocês vão fazer um Acróstico. (escrita de palavras que iniciam com CH)

- Corrige com as crianças individualmente. As crianças escrevem palavras da atividade ‘ditado’ - CHAPÉU/CHEIRO/CHUVEIRO/CHICOTE/CHOCOLATE.

16h00 às 16h40- P: Vou escrever algumas palavras para vocês separarem.

- Escreve uma palavra embaixo da outra: CARRO, SERROTE, MISSA, TORROTE, TORRE, OSSO, MASSA, BARRO, ESTAMPADO, ERRA, EROSÃO, GRIPE, TOSSE, CERRAR, ATRAIR, ARQUITETA.

- Os alunos separam as sílabas e após a conclusão da atividade a professora solicita correção na lousa.

A: É para deixar uma letra para cada lado?

P: É. Quando tem dois R ou dois S, um vai para uma sílaba e o outro para outra.

- Os alunos fazem a atividade e a professora corrige o caderno individualmente.

16h40 às 17h10 - P: Última atividade: “Escreva 05 palavras com M antes do P e B”. (Dizendo isso, a professora registra o enunciado na lousa).

17h15 – Os alunos e a professora guardam o material e organizam a sala de aula.

17h25 – Saída dos alunos e professora.

Em seguida é apresentada uma aula que exemplifica a prática pedagógica da Professora – PI, com 19 alunos presentes dos 21 matriculados.

12h35 à 12h55 – Alunos e professora entram na sala de aula, organizam as carteiras, fazem oração e cantam duas músicas: A canoa virou e Caranguejo não é peixe.

- A professora registra a rotina do lado direito da lousa: Leitura, Português, intervalo, Matemática, Ciências, parque, saída.

Após a escrita da rotina a professora lê com os alunos as atividades da rotina. Faz a chamada e recolhe o TCLE e o entrega à pesquisadora.

12h55 - P: *Vou ler esse livro: “Um sujeito sem qualidade”.*

- No momento da leitura os alunos fazem algumas observações.

A: *O que é isso, professora?*

A: *Eu já ouvi.*

A: *Professora, por que só tem uma parte dele? (Refere-se a uma parte do corpo do personagem).*

A: *O que é circundante?*

13H00- P: *O que tem em volta. As montanhas estão em volta dele.*

A: *Eu adoro petisco.*

- Ao descobrirem o personagem principal os alunos disseram:

13h05 - A: *Agora sim!*

A: *Olha o “zóio” dele.*

- Todos riram.

P: *É, olha que tamanho de olhos!*

A: *A calça dele caiu...*

P: *No final da história ele decidiu ser ele mesmo.*

13h13- P: *Ontem mandei para casa, no caderno de leitura, algumas parlendas.*

- A professora chama 03 alunos para ler a 1ª parlenda. E assim sucessivamente até todos participarem.

P: *Para eles ler tem que fazer silêncio.*

- Os alunos atentam-se aos amigos que fazem a leitura.

13h20 – Concluem a leitura.

P: Guardem o caderno de leitura na mochila. Abram a apostila na página 74. Ontem nós falamos sobre o tempo, que ele passa tão rápido...

A: Que a gente nem percebe.

13h25 - P: Ele tem momento que ele demora a passar.

“Como você organiza seu tempo? Preencha os quadros a seguir com as coisas que você faz durante o dia”. (Há 03 quadros: um com a figura de sol, outro com o sol se pondo e outro com a lua).

A: Eu tomo café da manhã.

A: Professora, eu arrumo para vir para a escola.

A: Eu faço lição de casa e a lição do dia.

A: Lição do dia?

A: É. Tomo café, jogo água nas plantas, arrumo meu quarto, essas são “alguma” lição do dia.

P: Vocês fazem algumas tarefas em casa...

A: Compro pão, tomo café, faço lição, arrumo a casa com minha mãe.

P: De manhã dá para fazer muitas coisas.

13h30 - A: É. Da para fazer muita coisa.

A: Levanto, busco pão, tomo café, brinco um pouquinho e faço a lição.

A: jogo videogame, vou “na” casa da minha tia, faço lição, tomo banho, almoço e venho para a escola.

P: Tudo isso que falaram é o que vocês fazem no período da manhã. Agora vocês vão escrever isso na frente da figura do sol.

- Os alunos escrevem o que dialogaram e a professora os auxiliam.

13h40 - P: No quadro abaixo vocês vão escrever o que fazem a tarde.

A: Vou pra escola.

A: Venho pra escola.

A: tenho aula de arte.

A: De Ed. Física.

A: Vou no parque.

A: vamos “na” biblioteca.

A: Eu vou para escola.

A: estudo minha matéria preferida, que é Matemática.

P: Vocês vão escrever.

- Os alunos escrevem e a professora os auxilia o tempo todo.

P: E a noite o que fazem?

A: Eu tomo banho, vejo um pouco de computador.

A: Primeiro tomo leite.

A: tomo banho e brinco com meu primo.

A: Tomo banho, janto, assisto televisão e vou dormir.

A: Vou na casa da minha colega, tomo banho, janto e vou dormir.

A: Janto e durmo.

A: Eu assisto um pouco de tv, fico no celular um pouquinho e depois vou dormir.

A: Tomo banho, janto e às vezes, brigo com minha mãe. Eu implico com ela e ela implica comigo. Depois ouço música no celular.

A: Fico jogando no tablete até tarde.

A: E depois só acorda 10 horas...

13h52 -P: O nosso dia é dividido em partes: manhã, tarde e noite. Em cada período do dia tem uma tarefa específica.

A: Agora é hora de estudar.

A: Depois vou tomar banho..

A: Assistir tv.

P: Para cada coisa na nossa vida tem um tempo, a gente vai olhar a vida de Ana e Francisco – figura no livro. O Francisco divide o tempo assim: na parte amarela é o tempo de estudar; na parte verde é o tempo que ele dorme e o vermelho é o tempo de brincar. Isto é um gráfico.

Onde ele gasta mais tempo?

A: Dormir.

A: Brincar.

P: É bastante parecido, vamos olhar melhor.

A: Ele demora mais dormindo.

P: Ele dorme mais. E a Ana?

A: Estuda mais que Francisco, dorme menos e brinca menos.

14h00 - P: Na letra a) Quem destina mais tempo aos estudos?

A: Ana.

P: Isso, Ana.

Quem é dorminhoco?

A: Francisco.

A: Eu não gosto de dormir, não!

P: Letra b) Quem fica mais tempo brincando?

A: Francisco.

Obs: A professora escreve o nome de Ana e Francisco. E diz: “Para Ana, o primeiro A tem som fechado e NA o som é aberto.

P: Letra c) Quem é mais dorminhoco?

A: Francisco.

14h05 - P: A palavra tempo tem vários significados, depende da frase. Vamos ler a letra **A:** “Ontem o tempo estava chuvoso”.

Aqui o tempo significa estado atmosférico.

A: O que é atmosférico?

P: É quando o tempo está chuvoso, ensolarado, nublado. É quando clima muda. Tem hora ou dia que está calor, fresquinho ou muito quente.

O tempo está nublado?

A: Não.

A: É quando tem nuvem e o sol “tá” escondido.

A: Hoje o clima está...

A: Bom.

A: Está ensolarado.

P: Vamos ler: “No tempo dos homens da caverna não tinha tv”

Tempo e época é a mesma coisa. Se a gente disser “Na época dos homens da caverna não tinha tv” queremos dizer a mesma coisa.

- Uma criança diz:

A: Tempo e época é a mesma coisa?

P: O tempo passa muito rápido. Aqui tempo significa período, passagem de dias, meses, anos.

A: Hoje é um dia.

A: É. “tá” em junho.

A: “Tá” em 2015.

P: Represente as duas situações indicadas por meio de desenho.

A: Tempo chuvoso.

P: E o outro?

A: *No tempo das cavernas.*

P: *E o tempo das cavernas?*

A: *É na época das cavernas.*

P: *Esse tempo é muito distante?*

A: *Antes de todo mundo.*

A: *Eu não conheci meu avô.*

A: *Eu não conheci meu vô Batista.*

- Os alunos iniciam a ilustração, levam para a pesquisadora ver e diz:

A: *Professora, olha!*

A: *Ela não é professora, ela é pesquisadora.*

A: *Ela é a Adriana.*

- Mostram os desenhos. Esses são coerentes com o assunto.

Pesq: *Que desenho interessante!*

A: *É o homem da caverna.*

Pesq: *Você desenhou uma roupa?*

A: *Não é uma camiseta assim (Passa sua mão em sua camiseta).*

A: *É uma roupa feita com pele de animal.*

Pesq: *Que interessante!*

A: *Antes não “existia” essas roupas. (Roupas de hoje).*

14h20 às 14h45 – Recreio

14h45 - P: *Vamos concluir a atividade.*

- Os alunos mostram suas ilustrações um para o outro; para a professora e para a pesquisadora. Surgiram comentários:

A: *Que legal! Olha a caverna.*

A: *Nessa época tinha dinossauros?*

P: *Não. Eles morreram antes.*

Os relatos a seguir exemplificam o trabalho pedagógico Professora – PJ desenvolvido com a turma do 3º ano, com 20 alunos presentes, dos 23 matriculados.

12h35 – Professora e alunos entram na sala de aula, organizam as carteiras, fazem oração.

12h40 - Cantam duas músicas.

12h45 - *P: Semana passada no Clube do Livro quem terminou de escrever e desenhou?*

A: Professora, eu não terminei.

A: Eu terminei.

A: Eu nem pinte, nem terminei.

12h50 - Uma aluna distribui o caderno “Clube do Livro”.

O clube do Livro é uma estratégia didática proposta pela PJ. Trata-se da leitura de um livro feito por ela. Após, solicita a escrita da história ouvida, sua ficha técnica e também a ilustração. Após a escrita, a professora faz a correção e deixa anotações referentes à estrutura do texto, dinâmica interna, ortografia e regras gramaticais.

Outra possibilidade para o trabalho é a leitura individual de livros diferentes, escolhidos pelos alunos no Cantinho da Leitura.

12h55 – Os alunos iniciam a revisão do texto e/ou concluem a ilustração. A professora lê a história novamente a pedido dos alunos.

13h00 - *P: "A velha e o porquinho". Eunice Braido. Ed. FTD. São Paulo. 2006.*

Durante a leitura:

A: Parece a história da apostila.

P: É parece.

A: "Tô" desenhando essa parte.

A: Professora, você "tá" lendo e eu "tô" escrevendo.

A: Que porco mais gozado.

A: Deixa eu ver?

13h05 – Ao terminar a leitura os alunos dizem "Quem gostou bate palmas". A maioria bate, mas os que não participaram dessa comemoração estão concentrados na atividade de escrita e/ou ilustração.

A: Professora, o Léo disse que cachorro é com X.

A: Não é.

A: É com CH.

A: É cachorro ou cão?

A: Põe o que você quiser.

P: Cachorro é com CH e 2 R.

13h10 - *Façam silêncio para fazer a atividade. Precisa ter atenção e concentração.*

Os alunos fazem silêncio e voltam-se à atividade.. Ao questionar sobre o texto faz isso de modo bastante responsável. A professora sempre atende 2 ou 3 alunos ao mesmo tempo. (Atende 1 e solicita a escrita, atende o outro e solicita novamente a escrita do anterior e assim sucessivamente).

A: Atravessar é com o quê, professora?

A: 2 S.

A: Como faz "falou" e depois vem o quê?

A: Um risco.(refere-se ao travessão)

P: Você escreve "falou", coloca os dois-pontos e na linha de baixo coloca o travessão e escreve o que o personagem falou.

A aluna ouve isso e volta-se ao texto.

Uma aluna auxilia a colega.

13H15 - **A:** *Aqui você não tem que fazer parágrafo, porque a palavra é da mesma frase.*

A: Adriana (pesquisadora), "Solitária" é tudo junto?

Pesq: Sim.

A: É ponto de interrogação, assim? (O aluno faz o ponto no ar).

P: O que você escreveu?

A: "O que farei com esse dinheiro?"

P: É pergunta, então é ponto de interrogação.

Obs: Dos 20 alunos presentes, 02 não escrevem de modo convencional, mas em nenhum momento houve recusa da atividade. Ao contrário, escreveram meia folha no formato de um bloco de texto.

A professora fez a leitura e correção de um texto, o aluno observou e respondeu às perguntas que ela fez. No final o aluno disse "Nossa, você marcou muita coisa, parágrafo, palavra errada..."

Com outro aluno:

P: Não é "po cachorro" é "Para o cachorro".

Ponto final, na mesma linha.

A: Aqui.

A: É.

P: Ele...o porco___ficou...Coloca o que? (O aluno escreve o "que").

P: Feliz pe com Z e não com S.

A: Professora, minha letra "tá" bonita?

P: "Tá".

A: Fiz "dua vez".

P: Fiz "Duas vezes".

A: Duas vezes.

P: Isso.

A: Professora, ele escreveu "era um dia uma vez"

P: Deixa eu ver.

Você tem que escolher "um dia" ou "era uma vez".

A: Um dia.

P: Então escreve.

Uma criança pergunta a pesquisadora:

A: Adriana, gostou da minha letra?

Pesq: Sim, é muito bonita!

14h25 – A maioria dos alunos concluiu a atividade.

A: Professora, hoje vou levar a pizza.

P: Eu também.

A: Você colaborou?

P: Claro, comprei 2.

A: Nossa, vamos fazer uma festa?! Eu levo a minha, junta a sua...

P: Vamos! (Fala entusiasmada).

A: Levo minha namorada.

P: Você tem namorada? Quem é?

A: Não é dessa escola.

P: Ah...

A: Eu também vou.

A: Professora, prisioneiro é com Z?

P: Não, é com S.

A: "Então" é separado?

P: Não, é junto e com "N".

A: Editora FTD, o que é isso?

P: É o nome da editora. O FTD é uma sigla. Letras que significam alguma coisa, essa eu não sei o que significa. Por exemplo, já viram essas letras juntas: SBT (Escreve na lousa).

A: Já vi. É o SBT, na televisão.

P: Isso. E o que significa?

Nenhum aluno responde.

P: Sistema Brasileiro de Televisão.

A: Ah!

P: Então, SBT é uma sigla e significa isso.

14h30- P: Pessoal, mais 10 minutinhos nesta atividade.

A professora auxilia a escrita de mais 03 alunos, por meio de diálogo sobre as tentativas de produção textual das crianças.

A: Professora, você não corrigiu o meu...

P: Você sabe que não dá tempo de corrigir de todos em um dia...vou ver os texto que não consegui corrigir com vocês....

Em seguida é apresentada um dia de coleta de dados que exemplifica a prática pedagógica da Professora – PK, com 23 alunos presentes dos 25 matriculados.

12h40: Professora e alunos adentram a sala de aula. A professora cumprimenta os alunos. Faz a leitura “de leite” – como diz.

Leitura: “O menino que aprendeu a ver” , de Ruth Rocha.

P: *Quem gostou da história?*

Alguns alunos levantam o braço dizendo que sim.

P: *Porque gostaram?*

A: *o menino não sabia ler, depois aprendeu.*

P: *E isso é bom?*

A: *É.*

13h00 - P: *Vamos começar a aula com Língua Portuguesa. Abram na página 24.*

Os alunos retiram da mochila a apostila de Língua Portuguesa e iniciam a atividade.

P: *Vocês vão ler e responder. Façam as páginas 24 e 25.*

Dizendo isso, a professora senta-se à mesa e fica observando os alunos.

Permanece assim por 10 minutos, em seguida faz anotações em seu caderno.

13h45 - P: *Vamos corrigir.*

(Levanta-se, solicita a leitura coletiva do texto e logo inicia a leitura das questões da apostila, os alunos respondem oralmente, ela não faz o registro na lousa e não verifica o caderno dos alunos.)

TEXTO: BICHOS DE ESTIMAÇÃO, Revista Amigos da Natureza. Marechal Cândido Rondon, nº11, jun.2002. (trata-se de um texto informativo sobre a vida dos papagaios desde o seu nascimento)

14h00

Conclui-se a atividade.

P: *Vamos agora fazer as páginas 26,28,29,30 e 31. Façam sozinhos.*

(Dizendo isso a professora senta-se à mesa. Escreve em seu caderno diário, lê algumas atividades em folhas, as separam, colam algumas em seu caderno e em cadernos de alunos).

ATIVIDADE: Textos: “Tamanduá- bandeira” e “Tucano” .

Há na apostila orientações para o professor pautar-se as atividades de leitura, diálogo e contextualização das informações.

14h10 - A professora ouve alguma conversa e diz “vou chamar a coordenadora, vocês não param, é para fazer sozinhos, não ouviram”.

Ouve-se algum murmurinho, mas logo cessa-se.

14h40 às 15h00: Recreio

15h05: Professora e alunos retornam do recreio.

P: Sentados, vamos continuar a atividade por mais 05 minutos.

Os alunos conversam, e a professora diz “o recreio acabou, vamos terminar a atividade”.

Os alunos começam a verificar a apostila: uns viram página, várias vezes; outros *param e ficam observando os colegas. A professora sentada à mesa diz “tem que terminar para a gente corrigir”.*

15h15 - P: *Vamos corrigir.*

A professora solicita a leitura coletiva do texto. E logo faz as perguntas e 7 alunos participam das repostas de acordo com o texto. A professora, ao final de cada resposta, dada pelos alunos diz “vejam se está certo”. Não aguarda os alunos corrigirem. Nota-se que a maioria não colocou a resposta dada por um determinado aluno que leu sua resposta e a professora não solicita leitura diversas. Então, os alunos apagam para fazer aquela resposta dada por um único aluno. Não há discussão. A professora não verifica a escrita de outros alunos. E solicita que a guardam o material para “fazer Matemática”.

15h45 - P: *Vamos agora fazer atividades de matemática. Abram na página 30 da apostila.*

Os alunos pegam a apostila e abrem na página solicitada. Não dizem nada. Colocam a data e começam a fazer a atividade. Vez ou outra viram-se para o colega sentado atrás ou conversam com colega do lado. A professora solicita que parem e eles obedecem imediatamente. Ela os ameaça a todo tempo dizendo que irá chamar a Coordenadora Pedagógica.

No momento da atividade a professora permanece todo o tempo sentada à mesa. A maior parte desse tempo fica observando os alunos.

É importante ressaltar que as atividades de matemática dada pela professora para que os alunos façam em casa são realizadas pelas mães e irmãos desses

alunos. Durante a semana de coleta de dados observou-se que 11 a 15 crianças não fizeram suas tarefas e verbalizaram para a professora que não sabiam e ela respondeu “não presta atenção na aula”, “ao invés da mãe fazer peça que te ensine”

16h15 - P: *Vamos corrigir.*

Os alunos não respondem e inicia-se a correção.

Toda a correção é feita nos moldes das atividades já realizadas: lê-se os enunciados e algum aluno responde, a professora diz se está correto e os outros alunos fazem igual. Não há diálogo para verificar outras hipóteses. É recorrente ver os alunos apagando o que fizeram sem haver verificação do “como se fez”.

16h55: Conclui-se a correção das atividades de matemática.

17h00 - P: *Vamos brincar de “jogo da velha”?*

A: *Eba!!*

A: *Oba!!*

A: *Deixa ‘eu’ começar?!*

P: *Vão vir em dupla até à lousa. Dá para vir umas 5 duplas.*

A professora chama por fileiras e os alunos brincam. Conforme terminam a rodada, outros alunos vão até à lousa. Assim sucessivamente até todos jogarem.

17h20: Saída